CARTAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.

[LIS]BOA - H. ANTUNES. EDITOR - RIO DE JANEIR[O]

CARTAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.

DO COORDENADOR:

SONETOS — 1904.

CANTIGAS PARA OS RANCHOS E FOGUEIRAS DE S. JOÃO — (de colab.) — 1905.

CHRONICAS DE PRAIA — 1905.

PORTUGUEZES POR MÃOS DE ESTRANHOS (trad.):

I — HERCULANO — 1905.

II — LUIZ DE CAMÕES — 1906.

DESENHADORES PORTUGUÊSES DE «EX-LIBRIS» — 1908.

A ARVORE & O HOMEM — 1.ª ed. 1909; 2.ª ed. 1913.

VERSOS — 1909.

CANTIGAS — 1.ª ed. 1909; 2.ª ed. 1911.

JOGOS FLORAES DE SALAMANCA — POESIAS PREMIADAS (de colab.) — 1910.

FOLCLÓRE DA FIGUEIRA DA FOZ, 2 vols. de colab. — 1910 — 1912.

O FIDALGO PRESUNÇOSO — 1912.

POMPEIA — 1912.

CANTOS E DANSAS PORTUGUESAS NO SÉCULO XVIII — in *Gazeta da Figueira*, (Set. a Out. de 1916).

A MURRAÇA, de Camilo (com prefácio) 1916.

GRAVURA POPULAR PORTUGUESA, in *Terra Portuguesa*, n.ºˢ 9 a ... — (1907).

CARTAS DE CAMILO — Coordenação, Prefácio e Notas — 1918.

NO PRÉLO:

CARTAS DE CAMILO — 2.º vol.

TERPSYCHORE (Doze dansas em prosa e verso.)

EM PREPARAÇÃO:

DESENHADORES PORTUGUÊSES DE «EX-LIBRIS» — 2.ª edição ilustrada.

AUTO DA BARCA DO PURGATÓRIO, de Gil Vicente (trad.)

CARTAS

DE

CAMILO CASTELO BRANCO

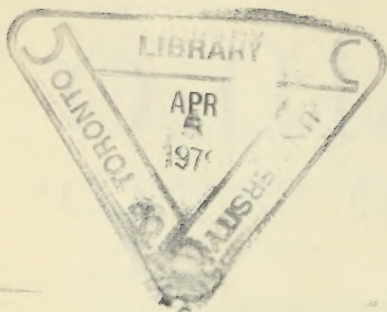
COLECÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS DE M. CARDOSO MARTHA : : : : :

I

H. ANTUNES, EDITOR

Rua Buenos Ayres, 145 — Travessa da Espera, 11

RIO DE JANEIRO — LISBOA

M DCCCC XVIII

FEZ-SE DESTE VOLUME, E FAR-SE-Á DOS SEGUINTES, UMA TIRAGEM ESPECIAL DE VINTE EXEMPLARES NUMERADOS EM PAPEL WHATMAN, RUBRICADOS PELO COLECTOR E EDITOR DAS «CARTAS».

1918 — Centro Typ. Colonial — L. d'Abegoaria, 27 — LISBOA

Depois da minha morte, é natural que os estylistas se preoccupem com a minha vida e os meus recursos de Artista.

CAMILO—*Carta a Senna Freitas.*

Do seu tumulo é que ha de surgir, assombrosa e immensa, a sua grande figura immortal, de um dos escriptores mais originaes da litteratura europeia contemporanea.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO—*A Evolução.*

Meu Amigo

Estou colligindo e commentando um "Cancioneiro Alegre" para o editor Chardron. Tem o meu Am.º a condescendencia de me enviar uma poesia que me fez a honra de offerecer? Tive-a manuscripta, mas não a encontro. Já escolhi uma das Alvoradas; mas quero outra.

M.to
Am.º e cr.º obg.º

Seide,
6 de Dez.º 78.

C. Castello Branco

«Fac-simile» duma carta de Camilo a Alexandre da Conceição
(Vid. pág. 35)

Em o n.º 2 do 3.º ano de A Revista, (1) *(15 de agosto de 1905) encetou o falecido Dr. João de Meira a publicação duma série de cartas Camilianas, precedendo-as dum pequeno prefácio, á testa do qual se leem estas palavras:*

«A correspondencia de Camillo Castello Branco constitue, a julgar pelo que d'ella tem sido dado a lume, um brilhante commentario da sua obra e da sua personalidade. E seria um incontestavel serviço prestado ás lettras patrias, a par de uma merecida homenagem á memoria do escriptor a publicação methodica, não só das cartas dispersas por varias obras, como tambem a de todas aquellas que ainda hoje se acham ineditas e são muitas, ao que parece.

---

(1) *A Revista,* uma das boas publicações literárias que entre nós tem vindo a lume, começou no Pôrto em 15 de julho de 1903, e concluiu com o n.º 9 do 3.º ano (15 de março de 1906.) Além das cartas dadas á publicidade pelo dr. Meira, das quais se fez depois uma tiragem em separado, inseriu ainda *A Revista* : *Fragmento d'um estudo sobre a linguagem de Camillo*, pelo dr. Júlio Moreira; e *As tiragens especiaes da obra de Camillo,* por Henrique Marques.

«Cremos que se um editor quizesse emprehender esse trabalho nem lhe faltaria coordenador e annotador com o preciso conhecimento da obra e da biographia de Camillo, nem lhe seria difficil chegar a um accôrdo com os diversos proprietarios da preciosa correspondencia.»

Desde que ha doze anos li estas razoaveis considerações, um grande desejo nasceu em mim de lhes dar realidade quanto em minhas minguadas fôrças coubesse. Todavia só hoje, removidos obstáculos de vária natureza, posso efectivar êsse desejo.

Não sou eu o editor, nem tampouco o coordenador e anotador ideal (Deus me livre de dizer comentador, que pressupõi o crítico!) requerido para uma obra dêste fôlego. Mas tenho a afervorar-me a intenção, e a suprir o que me falha em competência, a minha profunda admiração pela obra do Mestre, sulco de luz inapagavel no firmamento nosso literário, cofre nunca exausto das límpidas joias do velho e bom falar lusitano, que os escrevinheiros de hoje-em-dia, a pretexto de modernisá-lo, estragam a torto e a direito [1]. *Impulsa-me ainda a lembrança do seu mais dramático romance—as circunstân-*

---

(1) «Não ha em toda a litteratura portuguêsa linguagem mais exuberante, mais fornida e ao mesmo tempo mais pura que a d'elle.» P. Osorio, *Ob. cit.* pág. 193. «Opulentador da lingua portugueza» lhe chamou Castilho, que era entendido no assunto. No parecer de Camilo, era ela uma das mais altas expressões da nacionalidade. Convicto de que tinha chegado o momento histórico do deperecimento da raça, o perigo de vida nacional, quiz com a sua obra deixar um protesto, e reagir contra os agentes mórbidos que por toda a parte surgiam, chamando com seus livros os portuguêses ao amor do torrão natal, e fazendo ressurgir a língua mais béla, mais rica, mais glorio-

cias em que foi gerado, [1] *as taras familiares trazidas do ventre materno,* [2] *a sua existência atribulada, em que as dôres fisicas e morais disputavam primasias de encurtar-lha, os errores e desvarios da mocidade, a prisão, os colmilhos da cainçada, as invejas odientas dos que não podiam acompanhá-lo nas suas victórias literárias, o ruir de planos longamente acalentados, a morte do seu Manuel, a loucura do Jorge, a cegueira implacavel e inutilisadora—vida, emfim, a mais agoniosa que tem retalhado as fibras de artista português...*

*

Nos diários não destinados á vulgarisação, e designadamente nas cartas familiares das grandes intelectualidades, melhormente nos pômos em contacto

---

sa. «Quando perdemos a independencia no fim do seculo XVI, diz êle numa carta a Inocencio F. da Silva, as lettras medravam galhardamente no Portugal de D. João III. Era isso, a meu ver, symptoma de resurgirmos, porque o vigor intellectual sobrevivia á derrota do pulso degenerado dos portuguezes. Hoje, porem, presinto que morreremos, a um tempo, covardes e estupidos... Ao latim barbaramente intortilhado da edade-media damos como confronto este portuguez que nos querem ensinar. Nós, já agora, meu amigo, morreremos no acatamento de Luiz de Sousa...»

(1) «Camillo Castello Branco foi gerado no periodo mais intenso d'um amor violento, e esse facto é importante na determinação etiologica do seu genio.» Paulo Osorio—*Camillo, a sua vida, o seu genio, a sua obra,*—Porto, 1908, pág. 155.

(2) «. . um homem como Camillo, em quem os stygmas morbidos se accentuam d'um modo tal que fere mesmo aquelles menos versados em coisas d'essas...» Idem, ibid, pag. 182-183.

com ellas. O escritor, o sábio, o artista, o homem de estudo ou de negócio — de acção, emfim, escrevendo de amigo para amigo, sem a coacção de que enfermam princípios ou ideias preestabelecidas, sem o temor do vulgo ou da crítica, visto que o seu escrito se não destina a nenhuma classe de público, abre-se em confidências, dá e pede conselhos, formúla opiniões sôbre pessoas e coisas, encomía ou censura despreocupado os casos que mais gratos lhe sorriram ou pior lhe destoaram, revela faces imprevistas do seu caracter e do seu talento, faz á vontade, em mangas de camisa, como quem está em sua casa, a crítica dos acontecimentos. E assim Camilo; lendo a sua correspondência, sentimo-nos mais perto dêle, por assim dizer sentados a seu lado, no silencioso gabinete de trabalho da morada burguesa de Seide.

Porque o escritor se nos desvela com todas as suas qualidades e defeitos, muitos arvoraram em princípio que se não devem trazer a público as intimidades dos que na arte ou nas lettras se reputaram. António Cabral, no Camillo de Perfil *(Lisboa, 1914) ergue de novo a questão, opinando logo pela tese contrária. Declaro já professá-la; e as razões que apresenta a págs. 153 e 154 daquele estudo, são as mesmas que eu perfilho. A correspondência íntima do escritor é o complemento e quase sempre o melhor comentário da sua obra.*

Assim diremos de Camilo. «A sua vida, escreve o já citado P. Osorio, é um continuo luctar e um ininterrupto soffrer, já pelos extenuantes esforços a que se viu obrigado, para a sua manutenção, já pela sua nevrose ina-

comodaticia. A êste desiquilibrio nervoso é necessario referir toda a sua obra desencontrada, para ser percebida.» Pois bem: o epistolário de Camilo, vinca, porventura melhor que a sua obra, o seu perfileto-psicológico.

O argumento único de pêso contra tal publicidade, apenas reside nêste óbice: as referências ásperas, melindrosas ás vezes por desconvenientes, e até infamantes, ou ainda indirectamente reveladoras de segredos familiares, e intimidades alheias ou mesmo pessoais que contenham as cartas a publicar. Não só, porém, são hoje do domínio comum as antipatias e incompatibilidades ocasionais ou permanentes de Camilo com Teófilo Braga, Silva Pinto, Anselmo de Morais, Chardron, Tomás Ribeiro, Alexandre da Conceição, Pereira Caldas e outros, mas até, quando o não sejam, facil é aspar e substituir pelas clássicas reticências, os nomes, frases ou períodos enfermiços de tal pécha. Haverá acaso o direito de refugar uma bela carta dum escritor de primeira grandeza como é Camilo, uma carta, emfim, requintadamente literária, só porque a certa altura, se fala menos lisongeiramente ou se beliscaram os melindres do senhor Qualquer Coisa? Creio que não.

Mas quando ainda algum piedoso escrúpulo ficasse na consciência de alguem, ignorante de que lá fóra se coleccionam e editam, amorosamente comentadas, as correspondências dos grandes escritores e dos grandes artistas antigos e modernos—desde Cícero, meio século antes de Cristo, que se trazem cartas a público!—estas palávras dum dos maiores da nossa terra acalmarão as consciências alvoroçadas:

«Eis ahi uma maneira de perpetuar as ideias d'um homem que eu afoutamente approvo—publicar-lhe a correspondencia! Ha desde logo esta immensa vantagem:—que o valor das ideias (e portanto a escolha das que devem ficar) não é decidido por aquelle que as concebeu, mas por um grupo de amigos e de criticos.............. Além d'isso uma Correspondencia revela melhor que uma obra a individualidade, o homem.. .... Acresce ainda que, se uma obra nem sempre augmenta o peculio do saber humano, uma Correspondencia, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporaneo e ambiente, enriquece sempre o thesouro da documentação historica. Temos depois que as cartas d'um homem, sendo o producto quente e vibrante da sua vida, contém mais ensino que a sua philosophia, que é apenas a creação impessoal do seu espirito.» (1)

Daqui inferimos todos que não ha o direito de sonegar ao público a, por vezes, melhor face do escritor—ao público que o seu talento lhe grangeou, que o adora e prefere sôbre todos os outros (2).

---

(1) Eça de Queiroz, *Correspondencia de Fradique Mendes*, cap. VIII.

(2) Hoje não ha desencontro de opiniões a respeito da individualidade literária de Camilo. Certo, criou inimigos; mas todas as invejas, todos os rancores que a sua obra desencadeou, se desfizeram como o fumo no ar. Hoje, á volta da grande figura mental do maior prosador do seculo XIX, ha apenas um silêncio respeitoso cortado por aplausos de admiração.

O publico ledor, posto que *ondoyant et divers*, como todos os públicos, conserva-se-lhe fiel, e lê-o com entusiasmo. Ama a sua obra, compreendendo que ela é muito sentida, que o seu autor se encarnou nas suas personagens, e lhes transmitiu a própria personalidade.

Poucos escritores teem tido em Portugal um tam multiplicado número de edições.

Nas cartas de Camilo ficou o maior pedaço da sua vida interior devastada de procelas. O riso amassado em fel; o poder supremo de remexer as almas, empolgando-as ás nuvens ou arrojando-as a um inferno pior que todos os criados pela fantasia do homem—o inferno da vida; a faculdade de rasgar horizontes novos á ideia, e esta, veramente divina, e prodigiosamente criadora, de suscitar aos nossos olhos pasmados de admiração, um mundo agitado de figuras, aqui trágicas, além cómicas, parece que arrancadas aos circulos do Dante—tudo isto tumultúa, estremece e rodopia nas páginas que vão lêr-se como nas da sua obra, páginas que ficarão pelos séculos fóra gemendo, uivando, gritando, mas gemendo e gritando fel, gritando ódio, gritando amôres fatais e profundas amarguras, toda a agonia imensa de viver.

De resto, as cartas camilianas são modelos no genero—escritas numa prosa fundamentalmente portuguesa, aberta, vibrante, precisa,—sem deixar de ser eufónica e leve, ricamente colorida, expressiva e desarticulada com largueza, achando sempre o termo mais cingido á ideia, chamando portuguêsmente ás coisas pelo seu nome, sacudido no ataque, pronto na réplica, incisivo na ironia, violento nos constrastes, chão no ensinamento, terno por vezes no dizer dos sentimentos delicados da amisade e do amor. Grande soma de páginas desta colectânea constitui um verdadeiro cinzelado literário de realisação prima. E a igualar todas estas qualidades, uma erudição assombrosa, porventura a maior que cabeças portuguesas teem armazenado, tesouro que a sua

generosidade espalhava a mãos cheias, indistintamente, por quantos o consultavam (1).

Quanta luz sôbre o escritor, sôbre as coisas e os homens do tempo em que escreveu teem jorrado das suas páginas íntimas! Nelas vemos, não só uma autobiografia moral, mental e patológica de quem as escreveu, mas até uma crónica viva de homens e factos nacionais e alheios, tudo repassado duma ironia amarga, dum scepticismo doloroso, — o fundo do temperamento camiliano, — a par dum poder emocional que inteiramente nos avassala.

Êstes considerandos reclamavam ha muitos anos uma edição integral dessa correspondência, obrigação moral de todos nós portugueses, que falâmos a formosa lingua que o seu génio enfreou á sua fantasia. Infelizmente, assim não sucedeu ainda, antes pelo contrário edições parcelares dela tem vindo a lume, nem sempre o texto respeitado com o escrúpulo e probidade que devemos ter com a obra alheia.

Meu pobre e querido Mestre! Perdoa ao último dos que te compreendem e te amam, a mesquinha concretisação dessa ideia destinada a ombros mais sólidos, mas que até hoje a não realisaram.

---

(1) Creio piamente que Camilo leu quanto se podia ler, e escreveu tudo o que era possivel escrever. Ajuntou em si a actividade de muitos escritores — qua e uma literatura. Em 65 anos de existência era impossivel fazer mais.

O Dr. João de Meira prova a amplissima cultura Camiliana no artigo *Para a biographia de Camillo*, in *Folha da Noite*, do Pôrto, de 5 de abril de 1905.

*

Vamos que Camilo não tem sido dos escritores menos revelados pela sua correspondência. Sem falar das muitas cartas dispersas por jornais e revistas que ora nesta colectânea se imprimem, livros se teem ocupado, como já disse, exclusivamente do assunto. A Correspondencia epistolar com José Cardoso Vieira de Castro; *as* Cartas de Camillo C. Branco *trazidas á estampa por Silva Pinto, coração fielmente devotado á memória do Mestre e do Amigo; as que o dr. Meira reúniu, já atraz citadas; o* Camillo Inedito, *do Visconde de Vila Moura; as* Cartas a Trindade Coelho; *o punhado delas que A. Forjaz de Sampayo prefaciou para o editor Manuel dos Santos, e outras mais, são volumes a consultar por quem de mais perto queira tratar e avaliar o mestre do* Eusebio Macario *e da* Brazileira de Prazins.

Concluirei, esclarecendo que me impuz como regra, ao coleccionar estas cartas, inéditas algumas, forrageadas outras em jornais, revistas e livros, não reestampar nos tomos de correspondência camiliana que venha a dar a lume, as que já constarem dalgum dos citados volumes, ou doutros exclusivamente especialisados no assunto de que trato.

Vão pois estas páginas correr mundo, esperando bom gasalhado da parte de todos quantos amam o lusitanissimo Camilo, para que se não diga, como êle dísse, que «a respeito de cartas, as unicas que dão dinheiro em Portugal são o Secretario dos Amantes; *e, quando havia la-*

grimas, eram as de Marianna Alcoforado; *e, antes de se acabar o patriotismo, eram as do padre* José Agostinho de Macedo.» [1] *E como os escritores doutros tempos, que na* Protestação *em fêcho da sua obra declaravam, batendo os peitos, ter empregado sem má intenção as figuras e episódios da Fábula, assim eu peço ao leitor me releve alguma apreciação menos paralela ao seu modo de vêr.*

C. M.

---

(1) *Narcoticos*, vol. I, págs. 13.

CARTAS

I

A Adelino das Neves e Mélo

O *Diccionario Bibliográphico* nada informa ácerca do Dr. Neves e Mélo senão da sua bibliografia estreme, e eu nada mais tambem posso esclarecer a seu respeito.

Foi um dos primeiros que em Portugal sentiu a importância dos estudos folclóricos, deixando das suas explorações nêsse campo das sciências etnográficas o interessante volume de *Musicas e Canções Populares coiligidas da tradição*, (Lisboa, 1872), ilustradas com a musica condizente a cada uma. Escreveu tambem o livro *Crenças religiosas e sociaes* (Coimbra 1875.)

Meu Am.º

Recebi na Povoa a gratissima noticia com q. V. Ex.ª me obsequiou [1]. E demais a mais um rapaz! Que sanctas alegrias ahi não irão nessa casa onde só faltavam os jubilos de um anjo! V. Ex.ª verá, como d'hora em diante lhe será mais suave o trabalho, e mais doces as horas de repouso. Anna Placido e eu enviamos a V. Ex.as o sentimento sincero da nossa satisfação.

Se V. Ex.ª quizer ter a bondade de me dizer se a casa que occupamos está alugada, m.to me favorece. Se está alugada iremos no fim de 7.bro p.ª fazer a mudança; se não estiver, iremos em começo de outubro, p.ª deixar

---

(1) Neves e Mélo tinha participado dias antes a Camilo o nascimento dum filho.

o vinho armazenado! Aperta-lhe cordealment.[e] a mão o de V. Ex.[a]

m.[to] grato Amigo
Camillo C. Br.[co]

Povoa de Varzim
1 de 7.[bro] 1875.

Ex.[mo] Am.[o] e Snr.

Escrevo-lhe da cama onde estou a pagar os «prazeres» da digressão. Só duas linhas de m[to] agradecimt.[o] a V. Ex.[a] p.[r] tantissimos favores. Contraria-me ter de andar em setembro com os cacos na rua, não obstante, que remedio! acceito a caza. O peor é que, tendo de mandal-a esteirar em parte, decerto se inutilisam estas pompas de palha com que tenciono rivalisar os Sardanapalos de luxuosa memoria.

Meu sobr.[o] José ([1]) — cabeça assás ôca — encarregou-se de fazer tanta coisa q. eu receio que elle nada faça. Peço mui affouta e encarecidamen.[te] a V. Ex.[a] que o estimule para elle mandar fazer as esteiras. Tinha-se combinado abrir

---

([1]) José de Azevedo Castélo Branco.

na sala o boraco para o fogão; mas intendo que é isso mt.º intempestivo.

Qt.º a esteira, agora, melhor reflexionando, resolvo levar umas que tenho nesta casa, e depois lá se renovarão n'essa ou na outra caza.

Hontem enviei a V. Ex.ª um livro.

Peço a V. Ex.ª que deponha aos pes de sua Ex.ma Esposa os meus respeitos e os de meus filhos.

E sou de V. Ex.ª
com muita amisade e gratidão
Camillo C. Br.co

28 de 7.bro 1875.

Ex.mo Am.º

Estou enfardelando a bagagem. Tenciono estar apozentado na risonha Coimbra até ao dia 15 do corrente.

Tem V. Ex.ª de me aturar com benigna conformid.e.

Precizo de ter ahi pessoa a quem possa remetter o conhecimento das bagagens q. fôr transportando.

Quer-se pessoa q. tome a seu cargo o fazer

carrejar a mobilia da estação p.ª caza. Lembrava-me ir eu mesmo dirigir estas enfadonhas coisas; mas receio não poder dormir nos leitos das hospedarias, que são para mim leitos d'agonia. E' possivel q. V. Ex.ª conheça pessoa a quem se retribua este serviço; e, a cargo da m.^ma^ ficaria o cuidado de fazer lavar a caza, e remendar alguma vidraça, bem como assentar fogão na lareira. Vá V. Ex.ª vendo quantas importunaçoens lhe delego. Culpe a sua bondade e indole serviçal.

Sahiu agora d'aqui o meu medico, Monteiro, que me disse ser mt.º amigo de V. Ex.ª Já vê qual seria a descripção que elle me fez das excellentes qualidades de V. Ex.ª

Tenho padecido mt.º n'estes ultimos quatro dias; mas a esperança de mudar de clima galvanisa-me.

De V. Ex.ª
am.º e adm.^or^ affectuoso
*Camillo C. Br.^co^*

Porto
3 de fev.º
1875.

II

A Alberto Braga

Alberto Braga foi um dos mais apreciados escritores de género ligeiro da sua geração. Jornalista, contista e dramaturgo, deixou, entre outros, os volumes: *Contos da minha lavra*, *Novos Contos*, *Contos escolhidos*, etc, e as peças *A Estrada de Damasco*, *A Irmã*, e *O Estatuario*.

Foi secretário do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, lugar em que sucedeu a Júlio César Machado, e faleceu em 1911.

MEU PRESADO A. BRAGA

Já li, ha 8 dias, o livro da Rattazzi, e já escrevi um pouco humoristicamente da coisa. Parece-me que a minha cataplasma sairá no *Atlantico*, periodico grande que vae apparecer em Lisboa. [1]

Mande-me os seus *contos* e as suas ordens.

Eu cá estou encascado em 5 cobertores de *papa*, muito catholicos, segundo a adjectivação pontifical que se lhes dá.

Vae-se-me petrificando o encephalo, e sinto no craneo os oculos do Adriano

[1] Esta carta deve integrar-se em fins de 1879 ou inícios de 1880.

O *Atlantico* apareceu em público em 28 de Janeiro deste último ano. Tinha uma edição especial para o Brazil, e inseria, além da de Camilo, outra excelente colaboração (Eça de Queiroz, Fialho de Almeida, Pinheiro

Machado de Abreu, com as suas frialdades cruas, metalicas, como diria o *Eca de Qeroz* na ortographia da princeza vadia. ([1])

Seu muito amigo
C. Castello Branco

Chagas, etc.). Terminou a publicação em 18 de Agosto de 1897.

Camilo publicou ali, logo no primeiro número, um folhetim—*A Snr.ª Rattazzi,* excerto do seu folheto do mesmo título (Porto, 1880.)

([1]) Adriano Machado de Abreu, aliás Adriano de Abreu Cardoso Machado (1829-1891) foi professor e reitor da Universidade de Coimbra, ministro de estado honorário, e procurador geral da coroa. Sendo um notavel jurisperito, como orador era lento e maçudo, falando ás vezes nas câmaras horas consecutivas num tom de voz arrastado e monótono, o que lhe grangeou a alcunha de *Adriano Maçador*. A sátira e a caricatura da época tomaram-no á sua conta, crivando-o de ironias, onde tinham parte importante os grandes óculos de oiro a que Camilo se refere, e que pareciam fazer parte integrante da sua fisionomia.

A «princeza vadia» é M.me Rattazzi, autora do *Portugal à vol d'oiseau,* que Camilo asseteia com tamanho humorismo no folheto citado.

Com o *Eca de Qeroz* Camilo reportava-se ao modo como ela deturpou o nome do ilustre romancista de *A Reliquia* (ver o cit. folh. pág. 16).

Meu Amigo

Decerto não estranha que eu já esteja em Seide, e que leve o meu deboche cosmopolita ao extremo de lhe escrever ámanhã de Vallongo.

O meu amigo tem de fazer-me um favor. Quero ir para a Foz. Vae commigo D. Anna Placido. Precisamos dois quartos contiguos, e preferimos o hotel Mary Castro. Pode-se arranjar? Afora a especie humana, vão commigo um criado e um cavallo. No mesmo hotel ha commodos para esta parelha? Quanto me custa o sustento dos quatro individuos? No caso de que a estalajadeira não queira baixar á indecencia de incluir nos seus orçamentos a cavalgadura, que se abstenha d'essa ignominia, e se limite a fixar o valor do quarto e alimentação do criado.

Logo que obtenha estes esclarecimentos avise-me, sim? Nós partiremos dois dias depois, se não houver exaggeração no preço.

Do seu muito amigo
C. Castello Branco

Seide, 11 de agosto, 78.

Meu presado Alberto

Tenho muita pena dos rapazes que soffrem intermittencias de doença na saude que tão necessaria lhes é para encherem o tempo fugitivo. A Providencia dá aos velhos sómente essa expiação. Restaure-se, e vá para a beira-mar. Fie-se no Michelet. Eu talvez vá estar na Foz alguns dias. Fui antes de hontem para Vizella, e para não morrer fulminado pelo tedio apenas lá estive uma hora.

Estimo que o Euzebio o fizesse rir. [1] Era o scòpo que eu tinha de olho, como diria o Dr.

---

[1] O «Eusebio» de que se trata é o romance *Eusebio Macario,* admiravel partitura de ópera bufa que Camilo publicou na casa Chardron fazendo parte do volume *Sentimentalismo e Historia* (Porto, 1879).

Este livro foi, com *A Corja,* o ariete com que Camilo intentou demolir a escola realista chefiada por Eça de Queiroz ; mas de tal sorte o fez, e com tamanho poder de assimilação, que ambos os romances ficaram contando entre as melhores produções da nova maneira.

Já noutro lugar provei ser uma errada visão aquela de Camilo considerar o realismo como um puxavante ao sucesso pela crua descrição das «tetas das mulheres» e outros aperitivos de igual dinâmica. De resto, ninguem hoje ignora que novo sangue transfundiu a escola realista nas letras dessoradas do romantismo.

Liborio ([1]). Parece-me, porém, que se podem escrever romances naturalistas como o *Père Goriot* sem fazer rir nem descrever as tetas das mulheres. Hei-de tentar isso, conservando a falsa adjectivação com que os realistas portuguezes estragaram um pouco a escola.

Tenho sido bastante mimoseado de insultos brazileiros.

Abraça-o o seu
amigo grato
C. Castello Branco

([1]) Personagem que no romance *A quéda d'um Anjo* representa o recem-falecido bispo de Betsáida, Aires de Gouveia. Sobre as desavenças de Camilo com este mundanissimo prelado, ler um interessante artigo de Maximiano de Lemos nos *Arquivos de Hist. da Medic. Portuguesa,* 7.º ano, n.º 5 (1916).

III

A Alberto Pimentel

Um dos mais operosos escritores da atualidade, e dos maiores amigos e admiradores do Mestre, amisade e admiração que piedosamente prevalecem, como o provam os volumes que escreveu tomando-o por assunto, ou á sua obra, *O Romance do Romancista* e *Os Amores de Camillo*, tantas vezes aqui citados, avultam entre êsses. Em 1900 estampou a comédia inédita de Camilo *O Lubishomem*, escrita 50 anos antes.

Publicou ainda A. Pimentel dezenas de livros sôbre os mais variados assuntos — história, poesia, crítica, romance, crónica, etc. — dos quais lembrarei *Atravez do Passado, A Jornada dos Seculos, Idyllios dos Reis, As amantes de D. João V, A triste canção do Sul, O annel mysterioso, Sangue Azul, A guerrilha de Frei Simão, Historia do Culto de N. Senhora em Portugal, Homens e datas, Vinte annos de vida litteraria, Rainha sem reino, A Côrte de D. Pedro IV, A Praça Nova*, etc.

MEU PRESADO COLLEGA E AMIGO
A. PIMENTEL [1]

Sabe perfeitamente que, aos 5 de agosto de 1709, o padre portuguez-brazileiro Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inaugurou a aerostatica, setenta e quatro annos antes que os irmãos Montgolfier a praticassem em França.

O invento do padre chamou-se a *Passarola*, em razão de ter a fórma de passaro, crivado de multiplicados tubos, pelos quaes coava o vento a encher um bôjo que lhe dava a ascensão; e, se o vento mingoasse, conseguia-se o mesmo effeito, mediante uma serie de folles dispostos dentro da tramoia. (*Encyclopedia britannica*, Edimburgo, 1797).

---

(1) Esta carta responde a um pedido que Alberto Pimentel fez a Camilo rogando-lhe colaborasse no *Almanach da Livraria Internacional para 1874* (Porto, E. Chardron, 1873.)

Francisco Freire de Carvalho, na *Memoria* que escreveu «reivindicando para a nação portugueza a gloria das maquinas aerostaticas,» nega que a machina de Bartholomeu de Gusmão tivesse fórma de passaro, e affirma que o inventivo padre empregára os mesmos agentes que posteriormente usaram os Montgolfier, e não o magnetismo e a electricidade, e outros parvos ingredientes que os contemporaneos elaboraram nas retortas da sua estupidez.

Mas o meu proposito não é saber como o padre voou; é affirmar que voou até certa altura, e desceu, quando a machina, roçando na cimalha do pateo da casa da India, se desorganisou.

Tem o meu amigo ouvido dizer, e talvez já o dissesse, que a plebe é má porque é ignorante. A plebe de 1709 disse que o padre Bartholomeu era feiticeiro; mas os doutos, os poetas d'aquelle tempo, que não acreditavam feitiços, perseguiram o padre com a irrisão, e depois com os quadrilheiros do santo officio, por que elle, pactuado com o diabo, tecera as azas da passarola, e affrontára a santa ignorancia de frades e poetas, que nunca tinham ousado erguer-se a cima da terra sem o auxilio de uma escada.

E a perseguição foi tão acintosa que o inventor dos balões aereos, na vespera de ser arpoado pelas tenazes dominicanas, fugiu, e foi expirar de doença e miseria no hospital de Toledo, em 18 de novembro de 1724.

Quer vêr-o meu poeta como o mais grado dos seus collegas d'aquelle tempo tratou sarcasticamente o sabio, o illustre, o maior homem que deu o seculo XVIII a este obscuro canto da Europa? Leia e traslade para o ALMANACH a inclusa poesia de Thomaz Pinto Brandão, e diga-me se ha mais que temer da bruteza do povo, que das musas dos poetas.

Por grande caso em Lisboa,
Contam todos, menos eu,
Que o padre Bartholomeu
Voou; e a fama é que vôa:
Nada do que ouço me tôa
Se a razão não sabem dar
De o tal homem se ausentar,
Porque depois que faltou
Todos dizem que voou,
E todos fallam no ar.

Não se sabe nem se vê
Como vôa ou quando foge,
Nem se conhece ainda hoje,
Que casta de passaro é:
Que uma aguia era se crê,
Apurada em bom crisol,
Mas buscar outro arrebol
(Perdoem-me) foi asneira,
Foi esta aguia a primeira
Que vimos fugir do sol.

Os seus vôos na Bahia
Algum principio tiveram,
Que por isso o não quizeram
Os padres na companhia:
Suspeita alguma haveria
Do que se verá bem cedo,
E, se em segredo, de medo
Uns padres o expulsam lá,
Talvez que o recolham cá
Outros padres em segredo. (¹)

Sobre elle muita porfia
Tem havido em varias casas,
Uns assentam que sem azas,
A Hollanda voar podia:
Outros que já lá teria
Muito negocio ajustado,
E em tudo tem alistado
Uns e outros em rigor,
Pois fez tudo o voador
Que para tudo era azado.

Vã fortuna que o ergueu
Teve a sua desventura,
Pois de vêr-se em tanta altura
É que se desvaneceu:

(¹) Allusão aos padres dominicos, por conta de quem corria recolher em segredo os voadores.

Do tudo ao nada desceu,
E quando outro rumo tome,
Mudando de alma e de nome
Quererá sem outro appenso,
De Bartholomeu Lourenço
Passar para Antonio Home. (1)

Além se o não hão por nojo,
Creio que a sua invenção
Não foi fazer carvão
Foi tambem fabricar tojo;
E d'ahi nasceu o arrojo
De ir embora com o diabo,
Por ir lá com a sua ao cabo,
Mas andou mal em fugir,
Pois deu n'isto a presumir
Que ia com fogo no rabo.

Não me admira, no que estuda
Que na escripta se desmande,
Pois onde a memoria é grande
Bem póde haver penna aguda:
Mas se de estylo não muda,
E outra vida não ordena,
Algum peccado o condemna
Por superstição notoria,
A voar sem mais memoria
E a correr com maior pena.

---

(1) Allusão ao lente da universidade de Coimbra, chamado o INFELIX PRAECEPTOR, queimado como hereje.

E eu que estou a cantar
Sem saber como, nem quando,
Tambem pobre- Pinto ando
Em vesperas de voar;
Mas para em paz descançar,
Quererá Nosso Senhor
Que de outras penas author,
Ou de minhas culpas réo
Me arrependa; e para o céo
Só saiba ser voador.

Amen. [1]

Thomaz Pinto Brandão representa o espirito, a generosidade, a galhardia das aspirações, emfim as cousas grandiosas que irradiam d'este nome «poeta.»

E é elle o biltre que assula os molossos de S. Domingos no encalço do sabio que foge, traspassado das mil angustias da ingratidão e do terror, com a cabeça cheia de luminosas idéas que se apagam no catre de um hospital estrangeiro!

Do seu etc.

C. Castello Branco

---

[1] Esta poesia sairá já, anos antes, impressa com ligeiras variantes no livro *A invenção dos aerostatos reivindicada,* por Augusto Filippe Simões (Evora, 1868) pgs. 47 a 49, exumada do códice CXII/1-18-d. da Bibliot. Publ. de Evora. Pinto Brandão insere ainda sôbre o mesmo assunto outra poesia em décimas, de pags. 509 a 511 do seu *Pinto Renascido* (Lisboa, 1733,) menos agressiva que a precedente.

Meu presado A. Pimentel

Sangue pouco, porque eu pouco tinha que sacrificar ao progresso locomotor; mas dôres de sobra porque soffri sacudidelas a que não estava affeito. Depois, como a minha carruagem estava ás costas do *tender*, tive de saltar de alto, logo que pude sahir pela vidraça que parti com a cabeça, quando o vapor das caldeiras me ia asfixiando. Agora estou peor do que me senti no conflicto. [1]

Abraça-o pela sua fineza

do coração
amigo velho
Camillo Castello Branco

[1] Refere-se a um descarrilamento na linha do Minho, próximo a S. Romão. Êste episódio é tambem o assunto de uma carta a Bulhão Pato, adiante publicada, e datada de 21 de Outubro de 1878, data de que esta poderá aproximar-se.

Meu presado Amigo

Ha consolaçoens para desgraçados como eu: são os sentimentos de sincera compaixão que o seu folhetim define. Quanto a resignar-me o viver, não posso. Sinto a penetrante verdade do nosso velho amigo Frei Luiz de Sousa: «Desbaratam a saude corporal os desgostos da alma, e, se cahem sobre vida acossada de trabalhos, como achem a materia disposta, os seus effeitos são maiores e mais nocivos.» A creancinha ([1]) tinha-me dado uma vida e uma alegria de emprestimo. O vasio que sinto, aos 58 annos, não ha em toda a natureza uma sensação real ou chimerica que o encha. Encaro a morte como uma redempção; e morria atheu, se o não fosse desde que sei discorrer.

Muito obrigado pelo affecto caricioso das suas consolaçoens. Chorou commigo, por que recordar-se a gente de amigos mortos é chorar; e, se temos filhos, sentimos o travo das lagrimas d'elles quando se recordarem de nós.

28-9-84.

Do seu velho e grato amigo
Camillo Castello Branco

([1]) Responde esta a uma carta de A. Pimentel que levava a Camilo o pêsame pelo falecimento de sua nora (agosto de 1884). A criancinha, filha da falecida, chamava-se «Maria Camila, e viveu apenas dezessete mêses incompletos.»

Meu presado Amigo

Ha muito tempo que eu teria communicado a V. as impressões que me deixaram os formosos capitulos do seu estudo *Rainha sem reino.* Li o livro de vagar, com muita attenção, e pouca vista. Depois, veio um periodo de quasi cegueira; e agora com muita difficuldade e quasi em trevas lhe escrevo.

Este seu bom livro anima-me a pedir-lhe que faça conhecida e estimada dos portuguezes a historia de Portugal, principalmente a anecdotica, a amorosa, a pacifica, sem os apparatos de guerras de sarracenos e indios de que estamos saciados. V. tem mostrado que sabe escolher os assumptos e tratal-os com fidelidade historica.

Figura-se-me certo que a *Rainha sem reino* será reeditada; e, se o fòr, convirá que v. corrija uns leves *blunders*, talvez typographicos, que encontrei.

A paginas 8 diz V. que a D. Leonor de Aragão morreu em 1455. Na historia de Affonso V deu V. a data exacta da morte d'aquella rainha —18 de fevereiro de 1445.

A pag. 29 falla V. de *João de Merlo, honra da cavallaria castelhana.* João de Merlo ou Mello era portuguez, bem como os tres companheiros que o acompanharam á festa de S. Thiago de Compostella: Martim d'Almeida, João de Carvalho e Pedro Vaz Castello Branco. João de Mello,

vinte annos depois, era alcaide de Serpa; Martim d'Almeida, de Santarem, foi um dos intimos de D. Pedro d'Alfarrobeira; João de Carvalho era dos Carvalhos da terra de Basto, e Pedro Vaz Castello Branco era filho do monteiro-mór de D. João I. João de Mello teve a primasia no duello por que deu em terra e em risco de vida com o capitão mór da festa Sueiro de Quinhones. Os chronistas portuguezes nada rezam a tal respeito, mas o Zurita, *Anales de la corona de Aragon*, francamente diz quem levou as honras do prelio e não esconde que a victoria coube a um portuguez. Parece que o Lafuente o não diz. Veja V. o Zurita no anno 1434.

Em Lavanha, Notas ao *Nobiliario* do conde de Barcellos, acha V. que em Portugal *Merlos* e *Mellos* eram identico appellido, e que em Hespanha só entraram nos nobiliarios os Mellos depois que para lá passaram alguns em tempo d'el-rei D. Fernando.

A paginas 132 allude V. a D. Henrique *3.º* de Castella: deve ser *2.º*

Na *Batalha de Toro*, paginas 139, chama V. mais de uma vez alferes *mór* a Duarte de Almeida. Não era alferes mór: era alferes *pequeno*. O alferes mór era o conde de Vianna, em cuja casa andou a patente até que entrou ha 200 annos na casa de Sabugosa. Consulte Duarte N. de Leão, Ruy de Pina, e Severim de Faria, *Noticias de Portugal*. Quem lhe chamou *alferes*

mór foi Manuel de Faria e Sousa; mas este historiador era muito inventivo.

Duvido tambem que seja exacta uma provisão de Affonso V que eu transcrevi nas *Noutes de insomnia*. A linguagem d'ella está justificando a minha duvida ou quasi certeza de que a provisão é apocrypha, e foi inventada para lisongear os *Almeidas*, pois que só a encontrei em uma arvore genealogica manuscripta.

Adeus, etc.

S./C. 20 de março de 1887.

Camillo Castello Branco [1]

NOTA DE ALBERTO PIMENTEL

Á parte os lapsos typographicos, não obstante o cuidado que pozemos na revisão das provas, [2] diremos a Camillo Castello Branco que nos interessou vivamente a sua observação a respeito da verdadeira nacionalidade do cavalleiro João de Mello. Foi Lafuente quem nos induziu em erro chamando-lhe *Merlo*.

---

[1] Esta carta foi publicada pelo seu destinatário no *Diario Illustrado* de 1 de abril de 1887, pospondo-lhe os seguintes curiosos comentários que a esclarecem.

[2] Do livro *Rainha sem reino*.

Quanto a Duarte de Almeida confessamos, com igual lealdade, que por equivoco lhe chamámos alferes-mór, equivoco tanto menos desculpavel quanto é certo que Damião de Goes, na *Chronica do Principe D. João*, claramente o cita como alferes pequeno:

«...e na mesma pobresa viveu o alferes Duarte de Almeida, ao qual se não fez mercê nenhuma em satisfação de quantas feridas recebeu antes que os castelhanos lhe tirassem a nossa bandeira real das mãos, os quaes como a perdessem do fraco modo que ouvistes, fizeram tamanho caso de prenderem o *Alferes pequeno*, que as armas d'este pobre Escudeiro, com oyto guioens, e pendoens que na batalha ganhárão dos nossos, levárão a Toledo por mandado de El-Rey D. Fernando, e da Raynha Dona Isabel, etc.»

Este testemunho de Damião de Goes parece por si mesmo contrariar a authenticidade da provisão de Affonso V,--que Camillo reputa apocrypha, — por isso que se refere á *pobreza em que elle viveu.*

Na parte da *Rainha sem reino* que se refere á façanha da bandeira, na batalha de Touro, temos pena de não haver citado a carta de brazão dada por D. João II a Gonçalo Pires, documento que ainda ha poucos dias lemos na Torre do Tombo (Livro 1.º dos *Mysticos*, folha 324

v.). Mas já que veio a ponto fallar do assumpto, transcreveremos as linhas que plenamente confirmam a proesa de Gonçalo Pires:

«...e principalmente por na batalha que o dito senhor que Deus tem e nós com elle nos ditos reinos de Castella em Crasto queimado houvemos com el-rei Dom Fernando da qual a pezar dos adversarios ficamos honrados e vencedores no campo sendo tomada pelos contrarios a bandeira do dito rei meu senhor antes da nossa victoria, e levando-a a um cavalleiro do dito rei Dom Fernando o dito Gonçalo Pires como homem esforçado leal e desejador da honra do dito rei meu senhor e nossa e de nossos reinos, o encontrar e derribar e com grande perigo de risco de sua pessoa lh'a tomar durando o exercicio da dita batalha e per si logo nol-a trazer como de todo bem somos em conhecimento e lembrança...»

Outros lapsos nós mesmo temos notado já no trabalho que publicámos. Assim quando a pag. 201 fallamos de D. Filippa de Lencastre, filha do infante D. Pedro, esqueceu-nos referirmo-nos ao seu testamento, que aliás conheciamos do tomo I das *Provas da historia genealogica.*

Não obstante estes e outros muitos senões que se possam encontrar no nosso trabalho, estimulam-nos a proseguir nos estudos historicos as palavras animadoras de Camillo, e o facto dos editores da *Rainha sem reino* nos terem convi-

dado a escrever um outro volume da mesma indole, sendo que nós haviamos dito ao fechar a monographia da *Rainha sem reino*: «E se o publico receber benevolamente este trabalho, novos estudos historicos se lhe seguirão.»

O que sobretudo nos penhora na carta de Camillo é a attenção carinhosa, que se dignou dispensar a tão obscuro livro. O nosso coração, sempre grato, folga de saber que elle dedica ao homem que vai envelhecendo a mesma estima que dedicou á creança cujas primeiras leituras encaminhou amoravelmente.

A. P.

IV

A Alexandre da Conceição

Alexandre da Conceiçã
foi um grande poeta
Conheço alguns
versos esparsos pela
"Grinalda" jornal poe
da epoca de Camill
que gosto muito

E', dos poetas de segunda grandeza, um dos mais dignos de atenção e leitura, pela curiosa evolução do seu espirito traduzida na obra que deixou, evolução que vai, na frase de Th. Braga, «desde os frémitos das primeiras paixões da adolescencia favorecidas, pela exaltação romantica, até ás imprecações do revolucionario que procura nas iniquidades sociaes o thema de protesto para um lyrismo realista.» Alistado entre os dissidentes que formavam a falange da Escola de Coimbra, ligou-se com os primeiros espiritos da época — Guilherme Braga, Antero, Eça, Camilo. As cartas deste último subseqùentemente insertas são anteriores á celebérrima polémica entre os dois, polémica a que deu origem o romance *A Corja;* os despojos dessa luta, esparsos pelos jornais temporâneos, foram depois reùnidos na *Bohemia do Espirito.* O valor de Conceição, que ousára medir-se com um dos maiores polemistas,

Meu Amigo

O meu nome ao dispor de V. Ex.ª; e q.do eu poder, escreverei com a melhor vontade.

Vim p.ª o campo, cuidando que encontrava de envolta com a pressão do tedio uma columna de ar sadio. Tenho tiritado de frio, e dado ao deabo esta natureza do Minho que parece foi linda quando o Bernardes fazia dormir os seus patricios com os sonetos.

Anna Placido, com tanto que V. Ex.ª a não desmascare de *Lopo de Szª*, honra-se m.to com a inscripção; mas não conte com escriptos d'ella. Vejo-a mais na dispensa que no gabinete — e faz bem.

De V. Ex.ª
Am.º obg.º e coll.ª

C. Castello Branco

S. M. de Seide
29 de Junho 1876

Meu Am.º

Li ás gargalhadas a parte q. as provoca da sua e já agora minha poesia. As quadras finaes são ideas que em prosa me tem adejado no espirito desde que veio esta 2.ª dynastia dos Satanazes. Pois q. ressuscitou, peço-lhe encarecidam.te que se não deixe outra vez atrophiar. Vamos reagindo em quanto nos não convencerem seg.do a grammatica do Theophilo, que as quatro partes da velha forma do Luiz de Az.º são quatro descompassadas asneiras. Já viu a grammatica do Theophilo?

Aqui estou na piscina a transudar o resto do fluido nervoso. Predomina o brazileiro que descasca os joanetes nas thermas dos Caios e Sempronios. Páram ás ourelas dos paues, a ouvir coaxar as rans, arrotam lyricam.te, e vão *em caza á janta.* As brazileiras fazem-lhes denguices e ás vezes... cornos. Desculpe o realismo. E' precizo ser cada um do seu tempo.

> Mister é fazer liança,
> Se não, maus bichos nos comem,

dizia o Sá de Mir.da.

Abraça-o o de V. Ex.ª
Am.º e coll.ª obg.º

Vizella, 6 de 8.º 76

Camillo Cast.º B.º

não só da nossa terra, mas do mundo culto, aquilata-se pelo justiceiro elogio que Camilo lhe dispensou mais tarde, deplorando publicamente a sua perda no soneto que em lugar próprio vai transcrito.

Além do seu livro capital — *Alvoradas*. A. da C. tem outro póstumo — *Outomnaes;* redigiu em Coimbra a revista *Evolução*, e deixou alguns capítulos inéditos dum estudo sôbre o marquês de Pombal.

Meu Amigo

Estou colligindo e commentando um «Cancioneiro Alegre» para o editor Chardron. Tem o meu Am.º a condescendencia de me enviar uma poesia que me fez a honra de offerecer? [1] Tive-a manuscripta; mas não a encontro. Já escolhi uma das *Alvoradas;* mas quero outra.

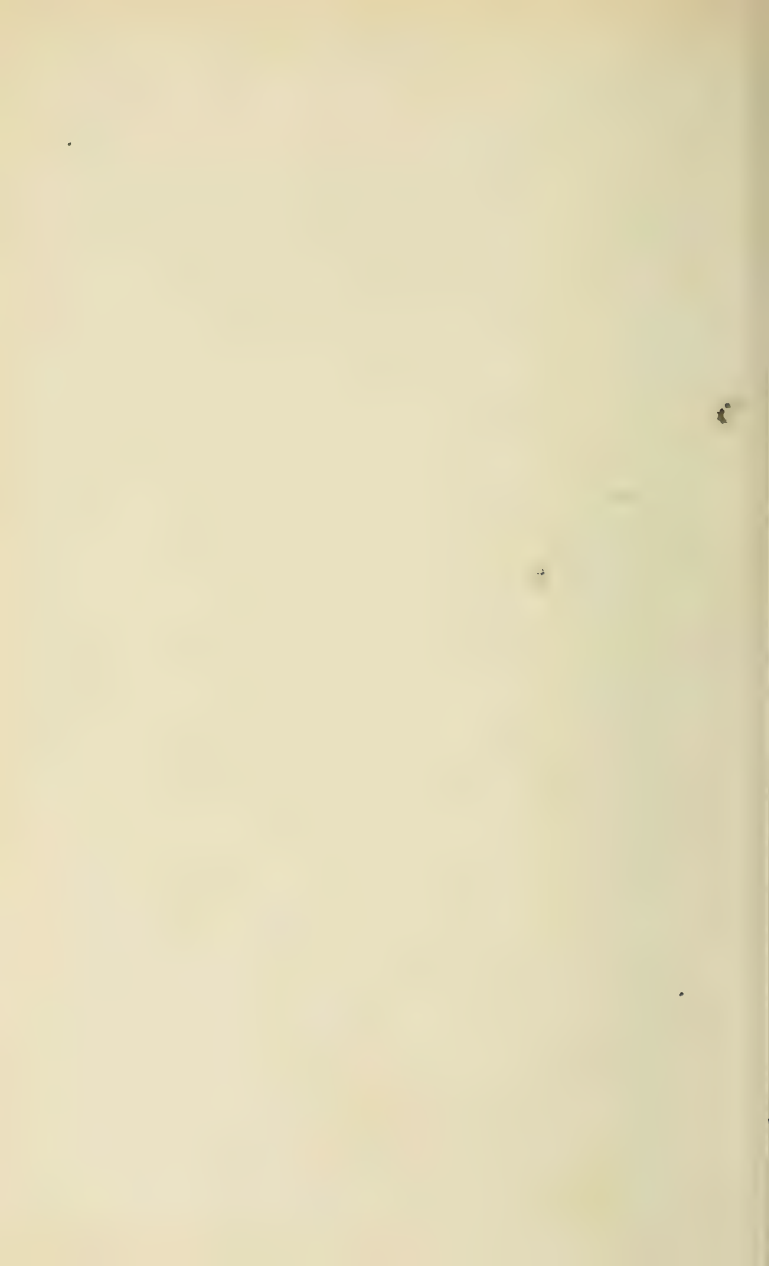
De V. Ex.ª
Am.º e cr.º obg.do

Seide
8 de Dez.º 78

C. Castello Branco

[1] Figura-se-me que seja a mesma a que se refere Camilo na carta anterior.

V

A Alfredo Carvalhais

Nada mais sei dêste escritor senão que, além de vária colaboração em prosa e verso espalhada em jornais e revistas do seu tempo, escreveu o poema *Musicographia, parodia á «Judia» do sr. Thomaz Ribeiro segundo os processos do bom senso*, e o folheto *Camões*, comemorativo do centenárlo do poeta, ambos em 1880.

Ex.^{mo} Snr.

O peor são as dôres do corpo, as pernas *arejadas*, as espinhas amolecidas. Quanto ás dôres da alma, o esmagal-as é uma epopéa que os Eneas, e os Gamas trazem usurpada aos verdadeiros heroes. Conforme-se. Confie na idade mt.°, e pouco na sciencia. Eu por mim já nem n'uma nem n'outra.

Silva Pinto não interpretou bem a «advertencia» dos cryticos. O *Tambor-mor* de quem lá rezo, é R. Ortigão, e não G. Planche. Eu que farte sei que os *criticos* nunca leram Planche.

Li o art.° em que um tal X, me chama idiota. Creio que foi V. Ex.ª que m'o remeteu. Agradecido. O autor enviou-me tambem um ex. com

a carta inclusa. Ponha-ma na sua latrina em meu *admirador profundo.*

Melhore e escreva.

de V. Ex.ª
adm.^or e collega

C. Castello Branco

18-9-79

VI

A Alice Moderno

E' grande a bagagem literária desta ilustre micaelense, dispersa em publicações não só açorianas, como do continente e Brazil, ressaltando em todas elas a sua muita ilustração e delicado temperamento. Em volume, tem, entre outros escritos de menor fôlego, *Aspirações — Primeiros versos* — (1886) e *Trillos—Poesias* — (1888).

Tentou tambem o romance com certa felicidade, publicando em 1892 *O dr. Luiz Sandoval*.

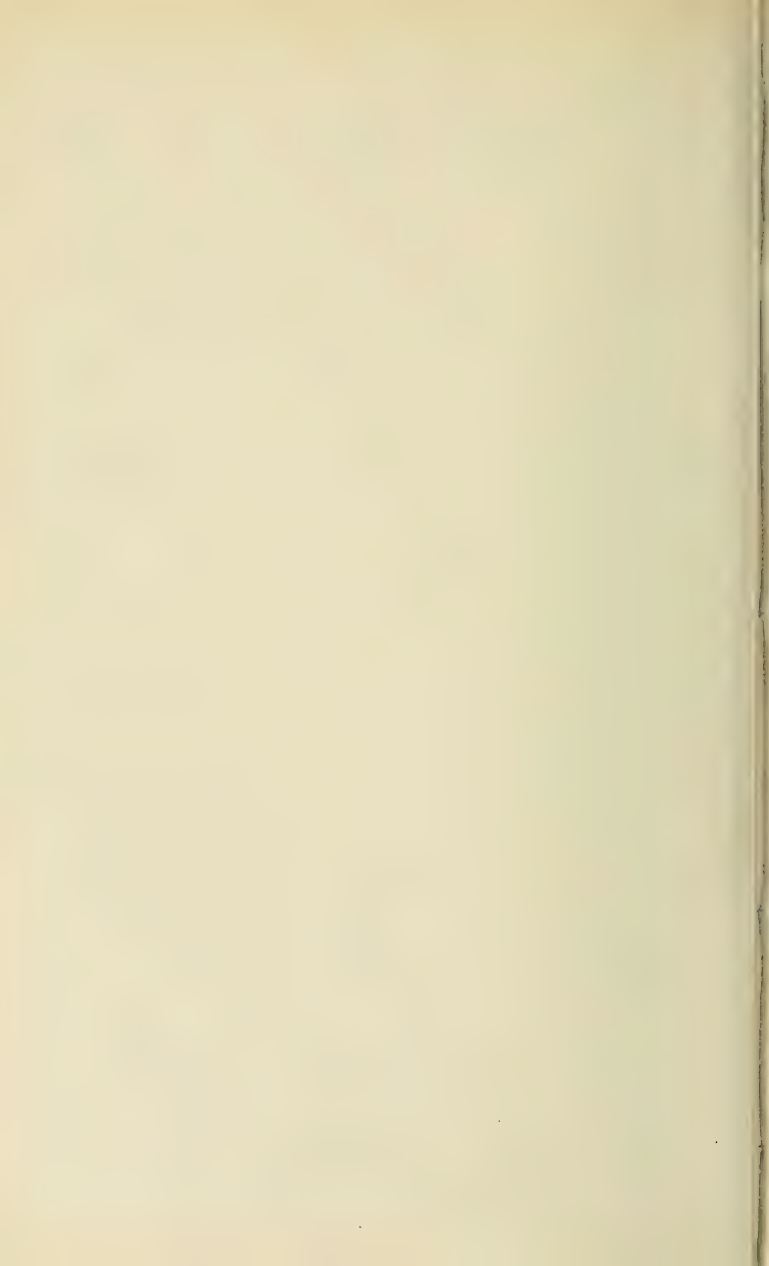
Ex.ma Snr.a

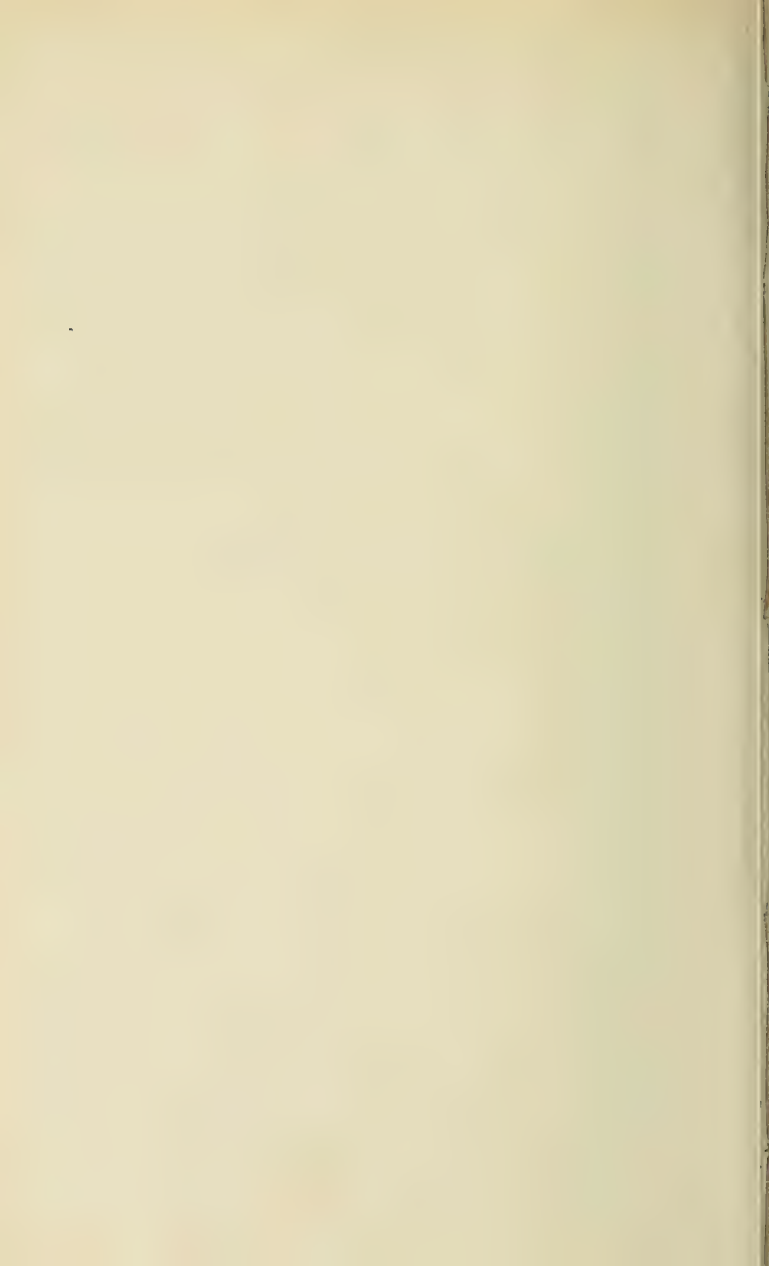
Leem-se depressa os versos de V. Ex.a porque são bons — são a alma em flor e perfumes dos 19 annos.

Volvidas mais seis primaveras na vida de V. Ex.a, o que será a sua alma? Talvez uma urna crystallina de lagrimas, mas ainda mais formosa e limpida por ser de crystal, — o crystal que se faz de lagrimas sem o travor da culpa.

Com que saudades V. Ex.a lerá então estes poemetos de hoje! Quando então os reler, entre as suas reminiscencias de coisas e pessoas mortas, recorde-se que foi um dos seus admiradores o

Creado de V. Ex.a m.to reconhecido á fineza do seu presente

Camillo Castello Branco

VII

A Alvaro de Castelões

E' um ilustre engenheiro, e simultaneamente primoroso poeta, ha muito desconversado das musas, dentro da aridez dos cargos que superiormente desempenha.

Escreveu em muitos jornais e revistas.

Camillo Castello Branco

agradece reconhecido por si e pelo defunto burro. (1)

---

(1) No *Primeiro de Janeiro* de 18 de Junho de 1909 conta o sr. dr. Sebastião de Carvalho a propósito dêste bilhete:

«No prologo da 1.ª edição do «Cancioneiro Alegre» que tem a data de 1879, dizia Camillo: «Tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio da misericordia divina... A seriedade é uma doença, e o mais serio dos animaes é o burro. Ninguem lhe tira, nem com afagos nem com a chibatada, aquelle semblante caído de máguas reconditas que o ralam no seu peito.»

«Alvaro de Castellões, que então teria 19 annos, suggestionado por estas considerações alegres, compoz uma «Elegia moderna» em que figurava como a fiel imagem da paixão «um triste onagro, de cabeça pendida e olhar baço, «manietado a asperas cadeias.»

«Algumas estrofes finaes:

Era o Napoleão no seu desterro
De Widgood a passear sombrio;
Ao longe, vendo sempre o mesmo cêrro,
Em baixo, ouvindo sempre o mesmo rio.

A morrer de saudade em Santa Helena,
Divagando, o heroe, o imperador...
Ai, não sentia mais ardente pena,
Ai, não curtia mais pungente dôr!

Até que emfim, morreu! A paz da campa
Não t'a perturbe o minimo sussurro!
Leve te seja do sepulcro a tampa!
Repousa em paz, oh pensador, oh burro!

«Alvaro de Castellões enviou os versos a Camillo com algumas linhas de justificação.

«Camillo sorriu e na volta do correio enviou ao autor da «Elegia» o seguinte bilhete...»

Segue o bilhete que transcrevo no texto.

VIII

A Alves Mendes

O cónego António Al-
es Mendes da Silva Ri-
eiro, falecido ha poucos
nos, foi, durante a sua
eração, o detentor das
randes tradições da pa-
enética portuguêsa.
Aliando a elevados
otes de palavra qualida-
es, de escritor distinto,
eixou vários livros apre-
iados pelo seu valor in-
rínseco moldados em ti-
imo dizer. Sobressaem
ntre êles o volume de
iagens *Italia* (1878); *O
Priorado de Cedofei-
a* (1881), e *Herculano*
1888), célebre oração fú-
ebre do grande historia-
or. A maior parte dos
eus opúsculos oratórios
ca reunida nos volumes
Discursos (*Inéditos e
ispersos*) Lisboa, 1889;
Orações e Discursos,
Porto, 1906).
Tambem se distin-
uiu como polemista (*Os
eus plagios* (1883); *
Thomista ou tolista ?*
1883); e *Um Quadrupe-
ante á desfilada* (1884),
edicado a Camilo.)

Ao seu presadissimo amigo Ex.^mo Alves Mendes agradece

CAMILLO CASTELLO BRANCO

o exemplar da *Patria* litteraria q. vale mais que a patria geographica (1).

S. MIGUEL DE SEIDE.

---

(1) E' um cartão de visita dirigido ao insigne orador. Agradece a brochura: *Patria !—Discurso da inauguração do monumento aos Restauradores de Portugal.* Porto, s/data.

MEU ILLUSTRE ORADOR E EX.[mo] AM.[o]

Acho que fez mt.[o] bem o abbade bracarense. Conhece V. Ex.[a], como toda a gente, a anecdota chula de Bocage, o nosso épico das anecdotas,—*foge, senão morres escaldado.* Pois é o caso d'elle. E q. não arripie caminho, senão... escalda-se de vez.

Disse-me aqui o Ant.[o] Vicente que não tinham ainda chegado ás mãos de V. Ex.[a] as m.[as] ***Vaidades*** ([1]), que ha mais de 8 dias fiz q. lhe enviassem. Não ha duvida que se transviou o livrinho; vou pedir aos editores q. lhe expidam outro exemplar, registado. Lembraram-me elles uma reedição d'aquella esquecida cutilada com que ha mais de 20 annos eu entrei na peleja dos pró- e anti-coimbrões. Tinha eu então seguro pulso, e sangue férvido. O de hoje é *fervído*, e dia a dia arrefece.

M.[to] apreciarei vel-o, meu am.[o], n'esta sua casa, se vier agora ao Porto. Este *vêr* é uma hyperbole q. me saiu inconsideradam.[te]; sinto-me peior q. nunca dos olhos. Mal lhe poderei aperceber o vulto recortado na luz d'uma janella. Mas braços, bons ou maus, ainda os tem p.[a] o abraçar o de V. Ex.[a]

Am.[o] e admirador mt.[o] aff.[o]

Camillo Castello Branco

([1]) *Vaidades irritadas e irritantes,* 2.[a] edição—Porto, Lugan & Genelioux, 1889. A primeira edição é de 1866.

IX

A Anna Augusta Plácido

Quem haverá ahi que não conheça, ao menos de nome, a antiga esposa de Pinheiro Alves, a fiel companheira de 30 anos das raras alegrias e dos pungentes desesperos de Camilo? Ana Augusta e Camilo são dois nomes d'oravante inseparaveis na história das nossas letras. Ela assistiu á gestação das páginas formidaveis de quase toda a sua obra, ela relembrou as curtas horas felizes da vida em comum, atravez dos dias angustiosos, das noites shakespearianas que tombavam sobre a isolada moradia de Seide. A tragédia de Ana Plácido começou no dia em que, com os primeiros acúleos da dôr física, vieram a Camilo os primeiros enjôos da mulher que outrora muito amou, a saciedade dessa por quem sofrêra cárcere, desprêso, inimisades.

A viscondessa de Correia Botelho era um espirito superior, de elevada cultura intelectual, abstraindo mesmo dos conhecimentos que o trato permanente de Camilo lhe deveram trazer. Além de vários originais e traduções que subscreveu com os pseudónimos de Lopo de Souza e Gastão Vidal de Negreiros, deu a lume, com o seu nome, *Luz coada por ferros*, em 1862.

TRES TELEGRAMAS

I

A' Ex.ma Sr. D. Anna Augusta Placido

BRAGA

Não te mortifique a carta que has de receber amanhan. Foi uma hora terrivel que a inspirou á

tua amiga
Ermelinda Pereira da Costa (1)

---

(1) Nome com que Camilo escrevia a D. Ana Plácido durante o tempo que duraram os seus amores secretos. Vid. Antonio Cabral—*Camillo de Perfil*.

Êste telegrama é datado de Braga, 6 de Julho de 1859.

II [1]

Perdoa á febre do teu doente a carta de hoje. Dá-lhe a certeza de que o présas mais por te affligir. He o coração que te chora, filha.

Camillo Cast.º Branco

III

Ex.ma Sr.a D. Anna Augusta Placido

Vou dar um passo de que depende tudo. Amanhã o saberás. Se o reprovares, eu te convencerei. Não temas o que hoje leste. Não respondas.

Camillo Castello Branco [2]

---

[1] Expedido de Vila Rial para o Porto. Tem a data de 16 de Agosto de 1860. A'quele telegrama respondeu D. Ana com estoutro:

«Este grito pediu-t'o o coração! Salvaste-me, filho!

Anna Augusta.»

Já nesta ocasião D. Ana se encontrava presa (A. Cabral, ob. cit.)

[2] Escreve A. Cabral (ob. cit.) ácerca dêste telegrama, expedido de Penafiel para o Pôrto, em 11 de Setembro de 1860: «O passo, a que se referia Camillo, era, por certo, a sua entrada voluntaria na cadeia, pois que, a

Minha filha

Fallei com o Vasques de Mesquita, que está de cama, e não tinha presente a lei, mas disse-me que o Nuno, seja qual fôr o perigo do acto, não deve ir para Seide, e deve esconder-se com ella, em q.[to] se movem os primeiros passos judiciarios. Acrescenta que, indo ella para Seide, eu hei-de ser envolvido na cumplic.[de] do rapto, como receptador da m.[er] raptada. Olha q. espiga! A'manhan, ao meio dia, vou combinar com elle o meio menos arriscado em face da Lei.

Em vista do que tenho dito, parece-me intempestivo a compra de moveis. Já comprei as camisas, &.[a], e as encommendas que fizéste. Portanto, vamos ámanhan (3.[a] feira) no comboio da tarde.

Manda recado ao Florindo, e as burras á Portella. Vae pensando onde poderemos arranjar uma casa em que elles se alapardem. Tenciono escrever ao Antonio d'Azevedo a ver se elle em Traz-os-Montes arranja um padre que os receba. Vale

---

seguir a este ultimo telegramma, lêem-se estas notas, escriptas pelo romancista:

«Seguiu-se a entrada na Cadeia em 1 de 8[bro] de 1860, e a absolvição, passado anno e meio.»

«C. C. Br.[co] entrou na cadeia apresentando-se no 1.º de 8[bro] seg.[te], e sahiu absolvido em 1861—depois de 18 mezes e tantos dias de prizão.»

a pena offerecer um ou dous contos de reis. O que não podemos é desistir, porque estes lances não se repetem na vida. Não sei como te escrevo. [1]

Ad.s, adoradinha.

Teu

Cam.º

O Jorge está no Christal e já foi a S. Lazaro.

Creio que cheguei ao termo da vida.

Resigna-te, m.a querida, e até á morte, adorada Anna Augusta. Agarra-te á vida que é a taboa salvadora d'este filho que está ao pé de mim com a morte estampada no rosto. Segue a tua via de amargura com a coragem que tens sempre revelado.

---

(1) Esta carta reporta-se ás negociações do casamento de Nuno Castelo Branco, filho mais novo de Camilo, e futuro visconde de S. Miguel de Seide, com D. Maria Isabel da Costa Macedo, uma das mais ricas herdeiras do concelho. O romancista tomou parte activa em tal negócio chegando a minutar as cartas amorosas que o filho devia escrever. Terminou a aventura pelo rapto daquela senhora realisado a 3 de maio de 1881, e pelo subseqúente casamento de ambos.

Fica n'este mundo por alguns annos como quem se sacrifica ao pai na pessoa dos filhos. Lembra-lhes m.tas vezes o teu

Camillo [1]

◻

Nininha

Estou a escrever ao Ant.º Vicente [2] e ao Campos. Logo tomo chá, e deito-me depois. Até amanhã. Beijos nos filhinhos.

Teu
C.

◻

Filha

Desde Seide até ao Porto sempre com as agonias do spasmo. Memoravel jornada!

---

[1] A que época poderemos adscrever esta carta? De *O Leme*, jornal de Seide, 2.ª série, n.º 17 (6 de março de 1913), não consta a data, e assim nas seguintes. Tambem ali a carta começa bruscamente, sem epígrafe, fazendo crer que não esteja completa.

[2] Ver no lugar competente êste correspondente de Camilo.

Veio ao meio dia o Ricardo ([1]) e receitou capsulas para o estomago. Disse-me q. eu ainda podia viver 3 annos.

Já não é pouco, vamos lá. Receitou-me oculos p.ª ler, oculos para comer, etc. Pataratices.

Escrevi ao Gramaxo ([2]). Disse-me que o procurasse ámanhan entre as 9 e as 11. Ricardo diz que conhece a formula de Gramaxo — e receitou. Asneira. A's apalpadelas.

Como desesperado, fui ao S. Thiago. Examinando-me de novo confirmou o q. tinha asseverado, e classificou a doença — *augmento* de myopia.

Receitou-me a estrychnina. E' com q. se matam os cães. São 12 bolas q. heide tomar em 8 dias, e apparecer. Tenho de ficar aqui os 8 dias.

Dava-me iodeto ou mercurio; mas acha-me *profundam.te anemico*.

Reprovou os oculos e as capsulas do Ricardo, fazendo ao m.mo tempo grandes elogios. «O 1.º medico de Portugal»! Puf!

Que não tomasse mais nada. Que fizesse exercicio de manhan e de tarde. Até esta hora aqui tens a m.ª vida. A cabeça peza-me.

([1]) O distinto clínico e notavel escritor Ricardo Jorge, médico e amigo íntimo de Camilo, ainda felizmente vivo para as letras e para as suas recordações.

([2]) Antigo lente da Escola Médica do Pôrto.

Que noite será a m.ª, e qual será a tua!

Ricardo ficou alegre com a noticia das ourinas. Diz que póde ser a cura completa do teu incommodo, e attribue o caso a uma revolução natural.

Basta, meu amòr. Conformemo'-nos — saibamos soffrer e morrer.

Teu m.to da alma
C. C. B.

Lembra-me ao meu querido Jorge. O Nuno foi com o Dias (1) buscar as p... ás Regadas. Na estação entraram clandestinam.te Que pudor!

Camillo

M.ª FILHA

O Jorge respondeu. Logo te mostrarei a carta, porque vou no comboyo da tarde.

Depois q. jantei tenho passado peor de tudo. Sahi com o Ricardo, e n'um pedaço que andei a pé p.r condescendencia, conheci que estou incapaz de sahir de casa e d'aqui a pouco da cama.

Não ha remedio. Choro, mas resigno-me, filha.

---

(1) O então popularissimo actor Dias (António Dias Guilhermino).

Creio que vou dizendo adeus p.ª sempre a este Porto onde pago em cada hora de turtura todas as alegrias do passado. E as tuas? Ah! filha, como nós acabamos em tão escura desgraça!

Manda ao Florindo.

São 9 da noute.

Teu
C.

M.ª FILHA

10 ½ da manhan.

Parei no Louvre, e provavelmente não passarei d'aqui. Viver na Foz, sem a m.ª Annica, não comprehendo. Trabalhar fóra de caza tambem não. Fiquei aqui a ver se posso estar alguns dias como diversão de ares. Se não poder, vou-me embora e iremos depois fazer o passeio pela provincia.

Tenho a cabeca m.to azoada, e a vista não me alcança o q. escrevo.

Não mandes nada de roupa, p.r emq.to.

Beijo-te os olhos e o coração.

Recados aos Filhos.

Teu
C.

Na estação

M.ª QUERIDA FILHA

Eu levo uma sinistra saudade de ti. Vou doente e triste como nunca. O coração pede-me a gritos que volte d'aqui p.ª caza; mas sei q. te vou affligir. Devo sacrificar-me, e vou—Deus o sabe!—como arrastado.

Ad.ˢ, m.ª filha. Manda-me ir p.ª casa logo q. possas soffrer-me. Escreve-me p.ª caza do Malheiro.

Teu

Camillo

1 hora da noute — 4.ª fr.ª

Gosto de marcar estas crises horriveis.

Estou cheio de dores nevralgicas nas pernas, e tenho a cabeça em fogo.

Attribuo isto ao sol que soffri até á Portella. Tenho empregado inutilm.ᵗᵉ todos os meios do costume. Aterra-me a idea de morrer longe de ti. Não me assustam as dores: é a cabeça.

Estou na Cordoaria — Hotel Restauração — sosinho, sem ninguem a que recôrra. Deus se compadeça do teu pobre C.

Vou-me deitar outra vez.

Vejo-te a dormir serenamente, Deus o permitta.

Teu

Camillo

M.ª F.ª

Vencido pelo tedio, como te disse, vim p.ª o Porto. Horrivel calor. Passei pessima noute, pelo aggravo do torcicólo. Fastio e pouca alimentação. Estamos no Universal. O Gomes de Braga disse-me q. ouvira isto ao medico Antonio M.ª: «O Camillo, ao que padece ha 20 annos, já devia ter morrido. Tem rijas fibras; mas, no desalento em q. está, não pode viver.»

Isto é de uma exactidão mathematica. Não posso viver. Ainda assim, irei a Matosinhos consultar o Castro.

E' uma esperança que ainda me ampara não sei como. Em todo o caso, resignemo'-nos. E' forçoso morrer seja do que for. A crueld.ᵉ da sorte tem sido extraordinaria comigo.

Heide pedir a algum medico claro como o Reis ou o Gramacho q. me digam a verd.ᵉ sem rodeios.

Se tenho de morrer, filha, não volto ahi; não

quero que me vejas nem quero ver o meu Jorge. Seria exarcebar sem precisão a m.ª agonia.

Crê que ao aproximar-se a hora final, não terei saudades de nada, nem sentirei a necessidade de te ver. A morte tem isso bom. Convence-te: no meu estado e no meu desespêro não se levanta ninguem.

A's vezes quero tirar do espirito forças extraordinarias; mas o corpo a cahir parece um escarneo á minha illusão de momentos.

Escrevi-te m.s do q. posso; nem sequer posso curvar a cabeça p.ª ver o papel. Em tempo disseste-me que seria bom acabarmos ao m.mo tempo. Não succumbas emq.to poderes viver e amparar o Jorge; mas quando elle morrer, não tenhas pena de deixar este inferno de tantos annos, p.ª q. nenhum de nós teve o coração preciso e a valentia da responsabilid.e no infortunio. M.s nada, e olha q. sentia hoje a precisão de te fazer a resenha das desgraças de 28 annos que me reduziram a este esqueleto chicotado pelas dores.

Ad.s m.ª filha.

Teu m.to do c.

C. Castello Branco

Minha filha

Não dormi nada durante a noite; mas, depois, deitei-me e dormi 3 horas. Acordei com dôres de cabeça; porém, com o almôço, passaram.

Fui ao telegrapho; porq. o meu melhor consôlo aqui é fazer coisa em q. tu tenhas parte. As *reticencias* do meu telegrama decerto as percebeste.

Lá está no outro mundo, e na vala do mesmo cemyterio quem teve parte no espolio do infeliz V. de Castro.

O morgado vai já tractando de contractar a herança do filho com o pai que está em Joanne.

Por esse motivo parte o Seb.am p.a V.a Nova.

Já fui ao Ouguella [1] q. é julgado no dia 19. Envia-te m.tas lembranças.

Hoje depois de jantar vou levar o livro ao Castilho, e ámanhan tracto dos manuscriptos, a ver se tiro as despezas.

Parece-me impossivel que eu aqui espere pelo morgado. Feito o q. tenho que fazer, vem as pungentes saudades, e o tedio da ociosidade. Eu não sei viver sem ti. Isto é que é sanctissimo amor e inveterada amisade, m.a filha.

Abraça-me m.to essas creancinhas, que me penetraram de compaixão.

---

[1] Visconde de Ouguela.

Ah! a saudade, m.ª Annica! é o sentir que mais se avisinha da dôr que succede á morte da pessoa querida.

Está frio em Lisboa; mas o sol abraza. Amas o teo C., sim? Se houver alguma coisa, alguma doença em ti ou nos filhos, avisa-me logo. Sahi muito triste de caza. Pareceu-me agouro.

Beija-te o teu

Camillo

X

A António Alexandrino da Silva

Nada mais sei dêste correspondente de Camilo senão que foi oficial na antiga Procuradoria Régia do Pôrto

Ex.^mo^ Snr. Antonio Alexandrino da Silva (1)

Celebrou V. Ex.^cia^ com um tragico e formosissimo quadro do terremoto da Andaluzia o anniversario natalicio de um artista devastado por 59 annos de terremotos moraes. No seu espirito não haveria a intuscepção d'esta analogia, mas o talento ás vezes tem o condão inconsciente de revelar na plastica tangivel de um enorme infortunio as angustias obscuras—a esthetica de outras que só a vista d'alma abrange.

Guardo com ufania e admiração este primor com que V. Ex.^a^ me honra, e não menos lhe agradeço o ensejo que me proporciona de me subscrever

De V. Ex.^a^
affectivo e obg.^mo^ admirador
Camillo Castello Branco

S. M. de Seide
18 de Março 1885

---

(1) Agradece esta carta um quadro representativo dos terremotos da Andaluzia que o destinatário ofereceu a Camilo quando êste prefez 59 anos.

XI

A Antonio A. dos Santos Silva

Apenas sei desta personagem que publicou em 1884, no Pôrto, um livro intitulado *Versos*, onde ha uma poesia dedicada a Camilo, e em 1903, tambem naquela cidade, o volume de poesias *Romances Historicos e Lendas*, a que me refiro em nota.

ILL.^mo SNR. ANTONIO A. DOS SANTOS SILVA

Tem a composição de V. S.ª graça e originalidade — coisas que escassamente se nos deparam abraçadas, e ainda mesmo em separado.

Sem embargo, deliberei esquivar quanto podesse a *Gazeta litteraria* a poesias, por saber que não ha quem as leia, ainda que ellas venham recommendadas pelos mais grados nomes da familia litteraria, que, por ironia, se chama *republica*.

Alem de què, tenciono empenhar-me, ainda com os collaboradores em prosa, para que mantenham uma tal seriedade na *Gazeta* que os faça parecer a todos homens que não abrem a torneira á inspiração sem sorverem duas pitadas do meio-grosso, como eu estou fazendo.

Devolvo, pois, com a minha admiração, o seu trabalho [1] e sou

1868

De V. S.ª, etc.

Camillo Castello Branco

---

[1] A poesia devolvida intitulava-se *Travessuras de Guido*, e foi publicada pelo destinatário no seu livro *Romances Historicos e Lendas*, (Porto, 1903).

XII

A Antonio Francisco Barata

> Barata, como Quita, rompeu na vida ganhando-a em Coimbra na humilde profissão de barbeiro. Sôfrego de boa leitura, a si deveu a sua relativamente vasta ilustração, que provou em vários volumes de história, romance, poesia, etc. Entre êles destacarei *Um duello nas sombras*, *O Alemtejo historico*, *O Manuelinho de Evora*, *Evora Antiga*, *Miscellanea historico-romantica*, *Cancioneiro Portuguez*, *Viagens na minha livraria*, etc. Retirado a Évora, onde foi conservador da Biblioteca Pública, ahi viveu muitos anos, e faleceu.

MEU PRESADO AM.º

Não lhe mentiram na informação da m.ª paternidad.e a respeito do poemeto, uma das m.tas frioleiras que tenho lavrado. Um dia lhe contarei essa historia, se é que lhe póde interessar.

Santa ingenuid.e a minha, q. nesse tempo acreditava ter sal que fizesse rir, e meritos que me habilitassem a hombrear com os Boileau e com os Cruz e Silva.

D.s me perdoe essa *murraça* jogada ás sagradas bochechas dos protagonistas, á conta das sem numero que tenho apanhado por este valle de lagrymas.

A m.ª foi m.to mais inoffensiva. As outras magoam, porque se chamam *coices*, e sujam, o que é peor.

Li o art.º do *dezembargador* na *Rev. de Setembro*. Que mesquinhez de defeza, e q. apoucado bom-senso! Vamos a ver o que res-

ponde o outro; se elle soubesse o que nós sabemos!

Os cadernos são, como eu previa, preciosos, notadam.[te] a *Relação*. Só os poderei desenvolver na proxima semana. Quero folheal-os detidamente.

Agradece-lhe todas as suas finezas o de V. Ex.[a]

S. C. 5-4-75.

Collega e am.º devéras
C. C. Br.[co]

Meu Amigo

Estou escrevendo um livro intitulado *O perfil do marquez de Pombal*. Tratando da carnificina do Porto em 1757, em conseq.[cia] do Motim contra a comp.[a], pretendo fallar largam.[te] do escr.[am] da Alçada, o desembargador José Mascarenhas. No «Cath. dos M.[s]» da bibliotheca, tom. 2.º pag. 478, indicam-se as cartas d'aquelle su-

---

(1) Responde esta carta, na sua parte essencial, a uma pregunta de Barata sôbre a autoría de *A Murraça*, poemeto que Camilo publicou anónimamente no Pôrto, em 1848.

jeito ao Arceb. Cenaculo. Essas cartas devem dar algumas linhas biographicas do homem. A ultima principalm.[te] de 1788 talvez seja a data aproximada do seu fallecimento. Eu receio m.[to] incommodar V. Ex.[a], mas não me abstenho de lhe pedir que, se lhe é possivel me dê uma substancia d'algumas cartas onde vir que ha pontos biographicos. Pode ser que sejam meram.[te] litterarias algumas. Dessas basta que me diga que o são. Das enviadas do Brazil talvez podessemos rastrear o motivo da prisão de José Mascarenhas desde 1759 até 1777. Estava eu escrevendo sobre a hypothese de diversos escriptores quando encontrei a noticia d'estas cartas. Suspendo o trabalho até á sua resposta. Que decreto é um que vem appenso a uma das cartas?

Desculpe-me a impertinencia e disponha do de V. Ex.[a] collega e am.[o] obg.[o]

C. Castello Branco ([1])

S/C Q.[ta] de Seide 25 de Maio de 1882.

([1]) Como se vê, Camilo, empenhado em apoucar, direi mesmo, demolir a figura histórica de Pombal, pedia a toda a gente materiais que lhe facilitassem a tarefa.

S/C 15 de Agosto de 1882.

Meu Amigo

R.[ci] o traslado: falta-me receber a nota das despezas feitas, sem a qual não lhe agradeço o importante favor. A carta é curiosa como descripção de costumes asiaticos, e como photographia moral da viril marquesa. D'estes dizeres transluz a coragem com que ella se atirou ao cutello. Eu, de mim, persuado-me que a historia deste paiz incaracteristico não tem uma segunda personagem analoga. Esta mulher tinha em si a preexistencia das Roland e das suas congeneres que se affrontaram em 93 com a guilhotina. Triste coisa que sobre a memoria de tal mulher se fizessem as trevas e o esquecim.[to], como se no patibulo de Belem tivesse padecido uma creatura vulgar como todas as fidalgas suas contemporaneas!

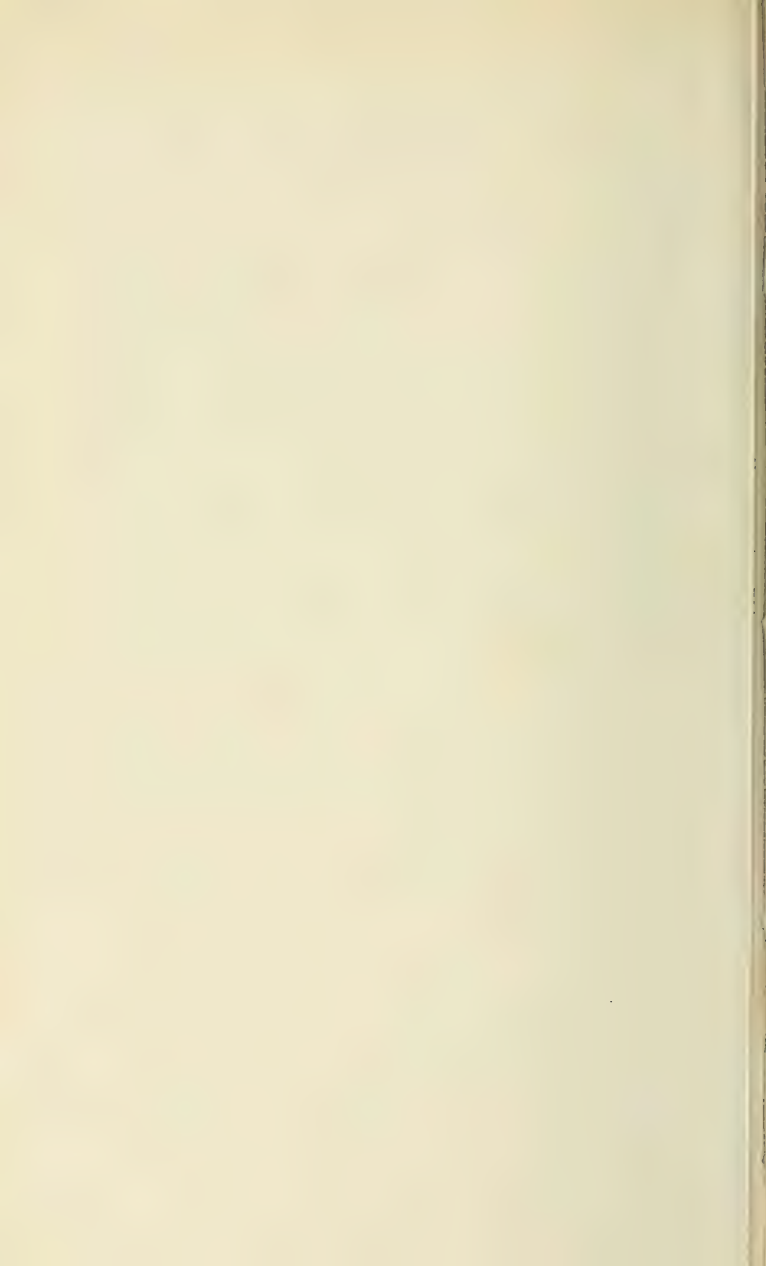
Não tencionava agradecer; mas não posso sustentar o proposito. Muito obrigado; mas, se quer continuar a obrigar-me, diga-me q.[to] devo enviar p.[a] remunerar o grande trabalho de copista.

De V. Ex.[a]

Am.[o] collega obg.[o]

C. Castello Branco

XIII

A António Vicente

Segundo uma nota estampada no jornal *O Leme*, n.º 19, de 3 de abril de 1913, «Antonio Vicente de Carvalho Leal e Sousa (Commendador) morreu a 16 de Janeiro de 1911, na sua casa do Mosteiro de Landim.

«Era um dos intimos de Camillo e por este muito considerado pela erudição e talento de que sempre deu provas, tanto no convivio social como nos cargos publicos a que foi chamado».

Era avô do Dr. António Lial Sampaio, actualmente juiz em Celorico de Basto.

Meu bom Amigo

Quem lhe disse que eu não irei ao Porto?

Vou, sim senhor, logo q. me avise de q. já ahi tem os livros.

Mas não vou só pelos cartapacios. Quero tambem apertal-o ao peito, meu Ant.º Vicente, q. o não vejo desde que partiu p.ª a sua demorada viagem. Mato assim dois pardaes com a mesma chumbada, porq. me sinto m.^to fatigado e p.^co disposto a viagens mesmo de via reduzida.

Dos livros q. comprei ao fogueteiro de Braga, e q. já chegaram, aproveitei 215. Vamos indo, que já não é mau. Restos de maior quantia. Disse-me elle que lhe vieram d'uma casa fidalga, mas calou-lhe o nome. Os fidalgos arruinados do Minho não sendo hoje mais letrados, e tendo mais fome que os avós, acham que livros não são cousa que se coma, e preferem reduzil-os áquillo com que se compram presuntos.

Feita a escolha dos livros em termos, ficaram-me duas cestadas que não desviarei da sua alegre missão de embrulhar bombas.

Outra coisa: está o meu am.º seguro de q. tudo na Pedrinha foi miudam.te rebuscado, e de q. não ha por lá mais livros ou papeis? Seria bom averiguar isso, emq.to por lá não surge tambem algum fogueteiro que os traduza em bombas de pataco, ou os envie aos deuses em foguetes de 3 respostas. Isto se a sua paciencia está á prova d'uma amisade tão importuna como é a do

seu velho e grato am.º
C. Cast.º Branco

Seide,
m.ço 17

MEU PREZADO ANTONIO VICENTE

Cheguei a um estado de apathia d'alma e de corpo que já não me ressinto das honras nem das injurias. Deixei vir o que não podia regeitar sem offensa d'alguem, e da maneira como veio, se não é honra, tambem não é desfalque nos bens [1].

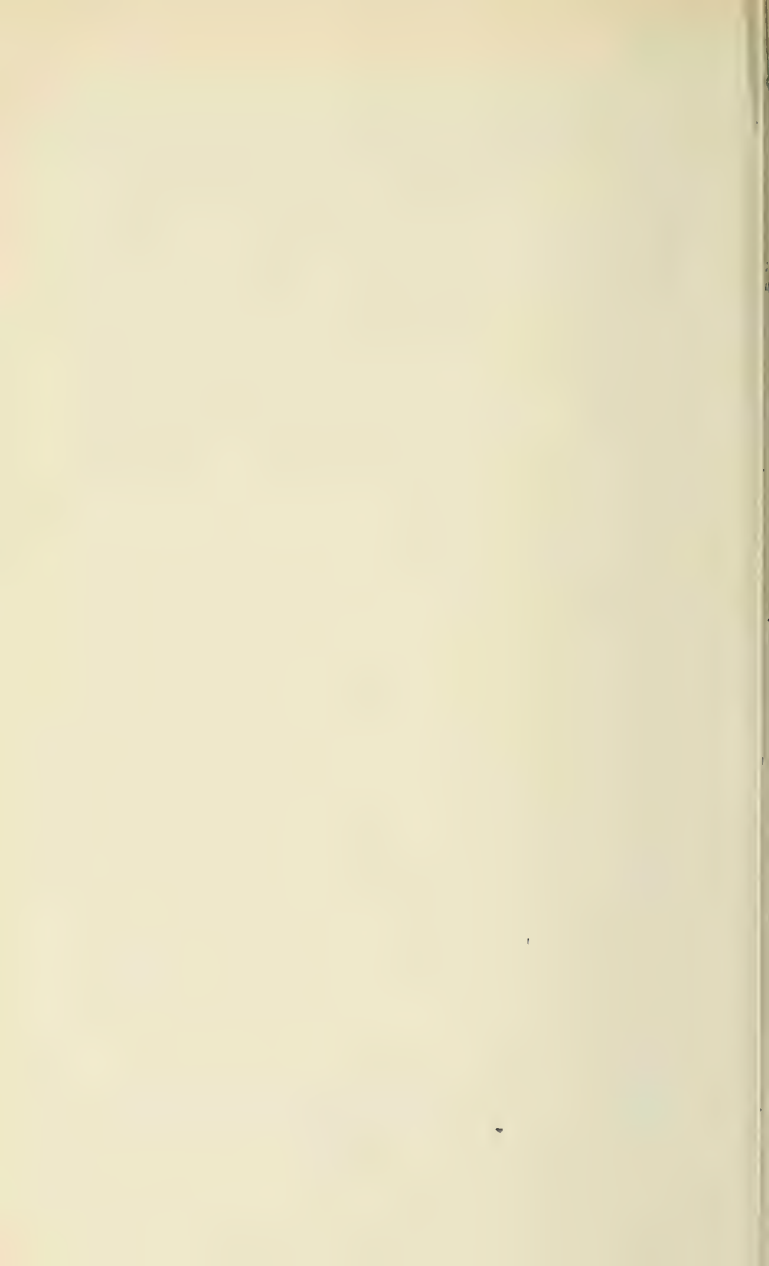
---

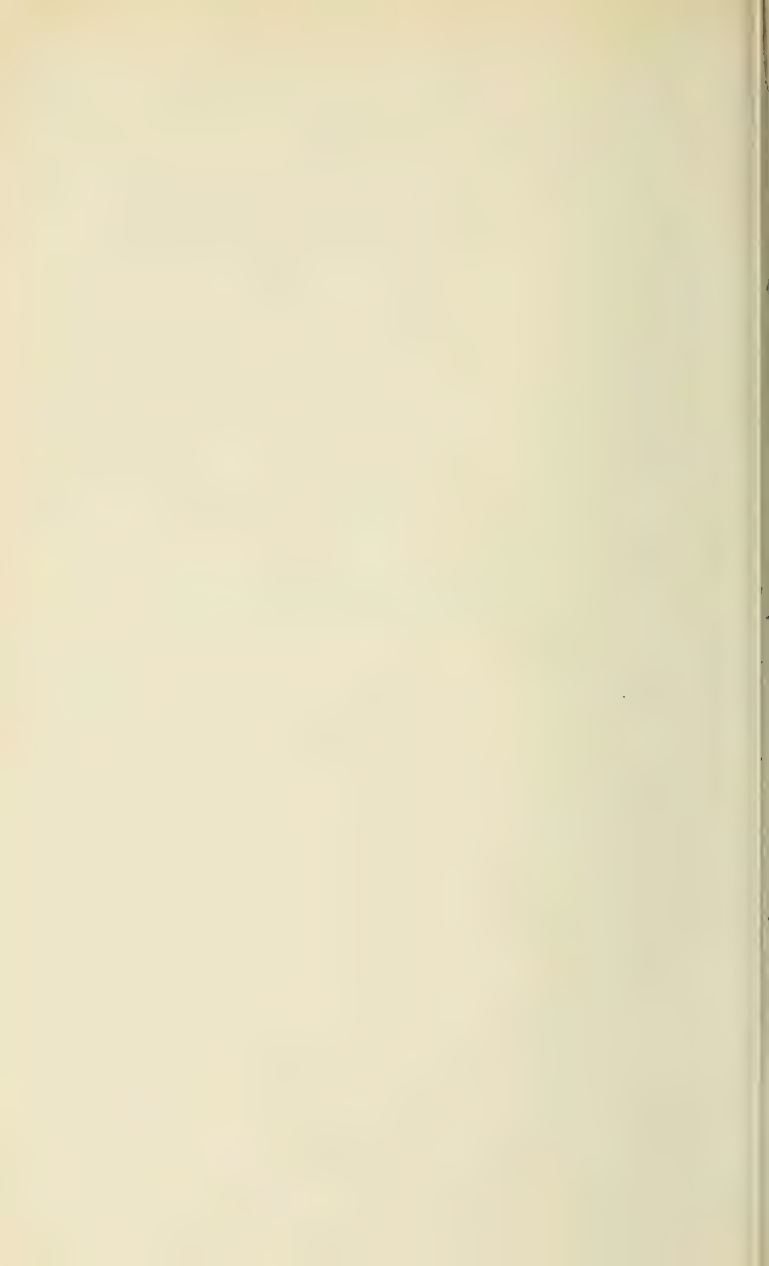
[1] Parece depreender-se desta carta que responde a outra onde A. Vicente felicitaria Camilo pela concessão do título de visconde.

Agradeço-lhe muito lembrar-se de mim. Ando á matroca de medico para medico, e cada vez mais convencido que é necessario morrer resignadamente.

Am.º do c.

Camillo Castello Branco

⌜⌝

XIV

A Azevedo Castro

O brazileiro José António de Azevedo Castro, natural do Rio, formou se no seu país em sciências sociais e jurídicas. Entrando na política e no jornalismo, dirigiu algumas publicações periódicas, e exerceu durante o império diversos cargos públicos, já no seu país, já na Europa.

Todavia, não o desviou a política nem dos estudos jurídicos, tendo publicado muitos escritos sôbre o assunto, nem dos literários, entre os quais avulta, pela sua importância, a edição das *Obras Poeticas* de Correia Garção, com prefácio e notas suas, feita em Roma em 1888, a respeito da qual versam as cartas do texto.

Ex.^mo Sr.

Não precisava V. Ex.ª interpor medianeiro para me communicar a honra da sua carta. Recebi as duas quasi simultaneamente, por isso não respondi á primeira.

Tenho um grande dissabor em não poder cabalmente ser arbitro n'um processo que V. Ex.ª modestamente declina de sua alçada.[1] Não tenho livros, nem apontamentos, nem reminiscencia que me lembre o que em tempo de mais folga li e ajuisei a tal respeito. Entrelembro-me, porem, que o Conego Figueiredo collecionou um codice com as correcções de Garção, e os editores da edição de Lisboa, primeira e unica, serviram-se de outro codice em

[1] Azevedo e Castro tinha pedido a Camilo a solução dumas dúvidas que o tomaram ao preparar a elegante edição das *Obras Poeticas e Oratorias de Garção* (Roma, 1888), que prefaciou e anotou.

que havia parte das correcções. Ou talvez o Figueiredo quando colligia os poemas emendados, e se referia aos incorrectos, alludisse aos que corriam manuscriptos.

E' provavel que V. Ex.ª já haja formado esta e outras hypotheses mais luminosas.

De V. Ex.ª

criado e respeitador

Camillo Castello Branco

S. Miguel de Seide,
17-1-86

◻

Ex.^mo Sr.

Queira V. Ex.ª dispor da minha carta como lhe convenha.

Sinto devéras não lhe ter prestado tanto quanto V. Ex.ª e eu desejáramos. Nada mais posso acrescentar ao que escrevi. E a m.ª saude, pessima nos ultimos tempos por um resfriamento q. me assaltou em fins de Jan.º provocando um grande desconcerto nervoso de q. ainda me ressinto, não me dá agora azo a que proceda ás

investigações q. seriam mister para uma resposta exacta quanto possivel.

Ao dispor de V. Ex.ª
o collega e servidor m.to agradecido
pelas suas finezas
Camillo Castello Branco (1)

Seide
5/5/86

---

(1) Certamente acede esta ao pedido de publicidade da carta anterior, a qual na verdade saiu, levemente jarretada, nas citadas *Obras* de Garção.

XV

Ao Barão da Trovisqueira

Escassas são as notícias que apurei sôbre José Francisco da Cruz Trovisqueira, barão do último apelido. Parece que no seu palacete de Famalicão, donde suponho que foi natural, e onde ha uma avenida com o seu nome, hospedou os reis D. Pedro V em 1861, e D. Luis I em 1863, e destas provas de bom súbdito lhe adveio o título. Foi o segundo tutor de Manoel Plácido Pinheiro Alves, filho do primeiro matrimónio de D. Ana Plácido. Essa tutela terminou quando a mãi requereu e obteve ser investida no poder paternal.

ILL.mo E EX.mo SR. BARÃO DA TROVISQUEIRA E MEU PRESADO AMIGO E SENHOR

Eu, da melhor vontade, iria ajuntar o meu applauso aos brindes q. se levantarem á benemerencia do talentoso estadista, o sr. Conselheiro Dias Ferreira, se dolorosas inquietaçoens me não privassem de tomar parte n'esse festim.

Minha nora, M.ª Isabel, está na agonia de uma tuberculose, e m.ª neta está aqui em Seide preparando-se com dilacerantes angustias para acompanhar a mãe [1].

Faz compaixão ver o destino de uma creancinha de anno e meio assim cortado antes de ella saber pronunciar o nome da infeliz mãe q. morre aos 19 annos.

Desculpe-me V. Ex.ª este desafôgo inopportuno, q. vae como justificação da m.ª falta.

De V. Ex.ª velho e obrig.mo am.o

Camillo Castello Branco

C. de V. Ex.ª 30 d'agosto de 1884

---

[1] Maria Isabel Castelo Branco, esposa de Nuno C. B., faleceu no próprio dia em que esta carta foi escrita.

XVI

A Bulhão Pato

Manejando tão bem a prosa como o verso, é sobretudo como poeta que Bulhão Pato marca na nossa literatura. Foi o último dos bardos românticos. Sem requintes de fórma nem altos vôos de inspiração, lê-se no entanto com prazer; a sua musa é facil, ligeira, amavel, por vezes ferindo uma delicada nota de ironia.

Da sua longa obra apontarei: *Versos*, *Paquita*, *Cantos e Sátyras*, *Hoje*, *Flores Agrestes*, *Livro do Monte*—poesia; e em prosa: *Digressões e novellas*, *Sob os ciprestes*, *Paizagens*, *Portuguezes na India*, *Na brecha*, *Renan e os sábios da Academia*, etc.

Faleceu ha annos, no seu voluntário exílio do Monte (Caparica) em quase completa pobreza.

QUERIDO AMIGO

Voltando do Porto encontrei a tua cartinha. Vou averiguar o que perguntas, e depois te responderei mais espaçadamente. Mas já te posso dizer que o pobre Paganino, de q.^{m} me contaste ahi o tristissimo romance, não tinha, que eu saiba, familia em Guimarães [1].

. . . .

Gostaria muito de te abraçar nesta tua casa; mas não te aconselho a que venhas agora ao norte, com a ferocissima invernia q. nos está fustigando. Imagina tu que o thermometro marcou ante-hontem, no Porto, 1 grau negativo! Brr!

Até um destes dias.

Teu de sempre

Camillo

---

(1) Entendeu o amavel possuidor desta carta dever recomendar-me a impublicidade dos períodos que faltam aqui, por via de referências menos favoraveis a determinados indivíduos de suas relações.

Esta carta deve reportar-se a começos de 1864.

Meu prezado amigo

Não vivo no Porto, d'onde me veio muito retardada a tua cartinha, que muito do coração te agradeço.

Aquillo do descarrilamento era-me necessario [1]. Eu não conhecia os trez minutos de inferno mais que catholico passados dentro d'uma carruagem que se poz ás cavalleiras da machina. Os ferimentos não corresponderam ás ameaças.

Estou restabelecido para qualquer outra coisa. Já experimentei dois exordios de naufragios, que é o peior que ha n'elles. Quedas de quadrupedes por fraguêdos e até por lamaçaes e regatos tenho dado tantas que não me atrevo a apresentar-me á tua admiração como um Marialva.

Conheço tudo que faz doer a cabeça, o coração e as costellas.

Agora, para completar a escala das sensações, falta-me um incendio.

No meio de tudo isto, não te persuadas que insulto os deuses como Ajax ou o Christo como Juliano, o Apostata. Inclino a cabeça e digo com o Sancto:

Amplius amplius Domine!

Seide, 21 de Outubro, de 78.

Teu do coração
C. C. Branco

---

(1) Sobre êste descarrilamento, vêr carta a Alberto Pimentel, pág. 23.

Meu presado Bulhão Pato

Mandei ás *Novidades* um rol de escriptores mortos, sob o titulo de *Procissão dos mortos* ([1]). São todos do norte. Se tu quizesses, para que a lista se completasse, escrevias dos mortos d'ahi; visto estares affeito a andar, por entre sepulturas, a devorar as tuas saudades.

Eu folgaria muito de ver esse teu trabalho como complemento do meu. Submetto a tua memoria a uma prova dolorosa; mas consola-te em contradizer a ballada dos «mortos que vão depressa». Senti certo prazer em fallar de escriptores, ha quarenta annos esquecidos. «E' pois, diz a Biblia, um santo e suave pensamento commemorar os mortos». Saudemol-os na sua vida eterna de moleculas.

Lembra-se de ti, com saudade e gratidão, o teu velho amigo

Camillo

([1]) Êste «rol» saiu efectivamente naquele jornal em o n.º 830 de 26 de maio de 1887, sendo depois incluido no *Obulo ás creanças.* Daqui se infere a data desta carta.

XVII

A Cândido de Figueiredo

Demasiado conhecido é este nome para que eu o relembre aqui. Temperamento de complexas aptidões, romancista, poeta, crítico, jornalista, filólogo, foi nêste último ramo do saber que fixou os seus estudos e atenções, dando-nos trabalhos de grande valor, tais como o *Diccionario da Lingua Portugueza*, *Os Problemas da Linguagem*, etc. Redigiu muitos anos no *Diario de Noticias* a «Chronica Litteraria», *e* redige ainda a secção *Falar e escrever*. Publicou mais: — *O Poema da Miseria*, *Quadros Cambiantes*, *Tasso*, *Figuras literarias*, etc.

ILL.mo EX.mo SR.

Agradeço-lhe o brinde do seu livro. Já conhecia versos de V. Ex.ª, bem que, em idade muito de prosa, escassamente os leio e poucas vezes os intendo. Entendi, porem, os de V. Ex.ª, e parecem-me a alliança d'uma formosa intelligencia com um coração em flor e perfumes dos 22 annos.

Escreva; o ***ultimo canto*** hade ser como a promessa ovidiana, e a de Garrett, e a de todos os grandes obreiros num momento de desalentada fadiga. Escreva; porque d'hoje a 10 annos V. Ex.ª hade ter muitissimas saudades do tempo em que escreveu o seu bellissimo livro.

De V. Ex.ª
adm.or affectivo e cr.o
Camillo Cast.o B.co (1)

Porto, 10 de
Fevereiro 1868.

---

(1) Cândido de Figueiredo, quatro dias antes de receber esta carta, recebera estoutra:

ILL.mo SR. CANDIDO DE FIGUEIREDO

Não estranhe a estas horas a minha carta. Li as suas mimosas poesias. N'ellas deparei de lance com o reflexo dos poucos engenhos que florejam esperanças ao nascer. Poderia poupar-me a escrever-lhe?

Se me concede um abraço sympathico, um sincero *shake-hand* inglez, releve-me uma expansão de enthusiasmo.

Os seus *Quadros Cambiantes* resumem um poema da mocidade. Podera chamar-lhe flores da cornucopia do genio. Mas, para atalhar suspeitas de lisonja, restrinjo-me a mandar-lhe extremosos parabens.

Creia-me com estima e admiração
C. Castello Branco

Porto, 6 de
fevereiro 1868

Estava C. de Figueiredo admirado de Camilo lhe agradecer um livro que lhe fôra enviado na véspera, e que, o máximo, poderia ter recebido no mesmo dia em que chegou ás mãos do remetente esta carta, quando dias depois recebeu o novo agradecimento do romancista (carta de 10 de fevereiro), o que mais o enraizou na suspeita de que fôra victima duma mistificação. Resolveu então enviar a Camilo a 1.ª carta que recebera, publicada nesta nota, devolvendo-a o Mestre inclusa na sua de 17 de março, como o leitor verá no texto.

Confessou-me o insigne filólogo ignorar ainda hoje de quem partiu êste grosseiro lôgro.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

Devolvo-lhe o tolo autographo. Aquillo argue de prompto um logro planeado por um parvo.

Não posso aventar de quem seja. Conhecendo muitos sandeus, não os conheço todos. Plausivelmente é coisa forjada na officina de uns poetastros que versejam n'esta cloaca do Porto.

Um sujeito que escreve com o pseudonimo de *Gastão Vidal de Negreiros* na *Gazeta Litteraria do Porto* enviou-me uma carta allusiva aos versos de V. Ex.ª, a qual vai ser impressa (1).

De V. Ex.ª

adm.^{or} e cr.º obg.º

Camillo Castello B.^{co}

Porto 17 de
Março 1868

(1) O tal sujeito era D. Anna Augusta Plácido, que usou daquele pseudónimo literário. A carta abrangia vários artigos sôbre os *Quadros Cambiantes*.

Ex.^mo Snr. Candido de Figueiredo

Acho infinita graça em uns sonetos do Penha Fortuna ([1]), sujeito q vê o mundo moral melhor do que Herschel viu o planetario. Aquillo é a poesia destes dias e para esta geração. O que V. Ex.ª escreve e mais os seus irmãos do cenaculo triste, vai para onde fugiram as almas que amaram poetas e lettras amenas.

Cheguei ha pouco do Minho onde fremem as harpas eolias dos pinhaes, tangidas por uns bulcoens que me constiparam. Encontrei a sua carta com o honroso convite ([2]). Não se ria pelo amor de Deus. Fiz essas coisas que revêem o caruncho de quarenta e quatro annos. Faça-lhes o que quizer.

De V. Ex.ª
adm.^or e collega obgd.^mo
Camillo Castello B.^co

Porto
7/6 71

([1]) Refere-se ao poeta João Penha de Oliveira Fortuna, conhecido no mundo das letras simplesmente por João Penha, a quem Camilo dirigiu uma carta que vai no lugar competente.

([2]) Convite para colaborar n'*A Folha,* revista literária de Coimbra, redigida pelo destinatário desta carta, e por João Penha, Simões Dias, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, etc.

Ill.mo Ex.mo Snr.

E' este o segundo livro que V. Ex.a me envia com urbanidade que mt.o me captiva.

Não espera V. Ex.a por certo os meus emboras como galardão nem como incentivo. Ha uma prova de merito q. a todas as outras se avantaja: é o senso publico, esta voz poderosa que, sem fazer grande estrondo, avassalla todas as opinioens. Esta ja se dicidiu por V. Ex.a, e mais cedo e m.s generosamt.e do q. é costume em Portugal. O que me cumpre mais q. tudo é agradecer-lhe a delicadeza dos brindes, e pedir que me considere de

V. Ex.a
tão admirador qt.o agradecido
Camillo Castello Branco

Porto
3/2/71

Ill.mo Ex.mo Snr.

Este opusculo com q. V. Ex.a brindou os amantes da boa poesia [1] é com effeito uma formosa copa cheia de lagrimas. E' poesia que faz poetas, porque punge, eleva, desata a alma das dores triviaes, e concilia cada coração com as suas proprias. Os versos são singelamente maviosos. A agonia immensa estala em expressoens de simplicide tragica. E' V. Ex.a duas vezes poeta nestas paginas: identificou-se na antiga inspiração e feriu as cordas mais gementes da harpa moderna. Não levante mão deste grande intento. Dê-nos estes paineis do passado, a ver se por este modo consegue crear leitores de versos.

Aperta-lhe a mão com affectiva cordealidade e admiração o

seu collega e am.o
Camillo Castello B.co

Porto
1 Dezb.ro
1873

[1] *Morte de Iaginadata,* episódio do poema indiano *Ramáiana.*

Ex.^mo^ Am.º e Snr.

Logo que a doença me dê treguas, satisfarei ao pedido de V. Ex.ª (1). Ha mt.os dias que difficilmente me transporto do leito para uma cadeira. Neste estado, só escrevem testamento os que tem que testar.

De V. Ex.ª
collega e am.º obgd.mo
C. Castello B.co

Coimbra,
19/5/75

Ill.mo Ex.mo Sr.

A m.ª pertinaz infermidade não me tem deixado satisfazer o seu honroso pedido. Estive ahi ha dias, e p.r não saber a residencia de V. Ex.ª o não procurei p.ª responder á sua carta. Logo q. a m.ª pobre cabeça se desnuble da cerração que a paralysou, escreverei alguma coisa para a ***secção estafadora*** do seu periodico.

De V. Ex.ª
Collega e am.º obg.º
Camillo Castello Branco

(1) Pedia-se-lhe colaboração para o *Cenaculo,* revista literária dirigida em Lisboa por C. de Figueiredo.

ILL.^mo^ EX.^mo^ SR.

A pessoa menos competente para fallar de mim sou eu. Apenas poderei indicar-lhe como indiculo biographico o livro "Camillo C. B. e as suas obras" por V. de Castro, e para a bibliographia o *Manual Bibliographico Portuguez* p.[r] Ricardo Pt.[o] de Mattos. Alem dos livros ahi cathalogados creio que só escrevi o *Cancioneiro Alegre*, o *Eusebio Macario* e a *Corja*. Das datas e ediçoens dos meus livros nada posso dizer a V. Ex.[a] porq. não possuo algum.

Agradecendo a honra que V. Ex.[a] quer liberalisar-me no seu livro, sou

De V. Ex.[a]
adm.[or] e cr.[o] obgd.[o]
Camillo Castello Branco

C. de V. Ex.[a],
Quinta de Seide,
28/5/81.

---

(1) Esta carta responde a um pedido de apontamentos biográficos para o livro de Cândido de Figueiredo *Homens e Lettras,* que se publicou em 1881. Naquele tempo, sôbre Camilo e a sua obra, apenas podiam servir de guia ao estudioso o livro de Vieira de Castro, e o incompletissimo *Manual* do Pinto de Matos.

Hoje ha uma biblioteca inteira a ocupar-se do romancista, e parece que ainda tudo não está dito...

Ex.^mo^ Am.^o^

Leio com difficuldade, porque os olhos não me querem deixar ver os poucos metros de viagem que me separam da ultima estação. Apesar dos olhos, e a contento do espirito, li sem intermittencias o seu excellente livro, (¹) feito com grande habilidade, pois q. é sempre justo, amaciando com primores de engenhosa delicadeza a critica onde ella era mt.^o^ precisa, p.^a^ V. Ex.^a^ manter a sua hombridade. "Sempre justo", disse eu, pospondo a modestia que me impunha abrir uma excepção para mim.

Fez-me grandes saudades da Coimbra de 45 e 46 em que eu por alí estraguei duas batinas. A Maria Camèlla, que V. Ex.^a^ conheceu velhinha, era então uma gentil rapariga a quem eu desfechava phrases sentimentaes, mas, sobre a materia, incombustivel. Ella foi a salamandra dos volcoens lyricos que então flammejavam em Coimbra. Ouvia-me com um sorriso affectuoso em qt.^o^ eu me saturava do phosphoro dos seus linguados e das suas tainhas. Volvidos 34 annos, quando meus filhos lá iam sear, ella disia-lhes: "Seu pai sentou-se ahi nessa meza mt.^as^ vezes". Não se esquecera do meu nome. Como isto é

(¹) *Homens e Lettras,* atrás citado.

triste, meu amigo, quando se sente o coração vivo nas ruinas do corpo!

Felicitando-o pelo seu honesto talento, aperto-lhe a mão por se ter lembrado do seu

adm.[or] e am.[o] obgd.[o]
C. Castello Branco

S/C
S. Miguel de
Seide 9/2/82

MEU AMIGO

Folgo com o que me diz dos *Ratos* ([1]). Faço um furor especial com este livro, por me parecer uma curiosidade q. noutro paiz seria recebida enthusiasticamente. Esse enfausto judeu viu estrangular um filho no auto de fé de 1682, e depois de dez annos de carcere foi morrer n'um hospital, tendo tido uma mocidade rica e cheia de glorias litterarias.

A noticia que dá o *C. Portuense* é exacta. Os Brocas são coisas da m.[a] fam.[a], por isso mesmo não me antecipo a contal-as: que as vejam no romance. Tenciono q. esteja viavel p.[a]

([1]) *Os Ratos da Inquisição* — Poema inedito do Judeu Portuguez Antonio Serrão de Crasto prefaciado por C. C. B.—Porto, Chardron, 1883.

a imprensa por todo maio. Tenho de ir a Santarem por causa do livro colher umas informações e ver uma localidade d'ahi distante 6 kilometros ([1]).

Com as provas da *Bibl.* ([2]) vai um artiguinho do *Jornal da noute.* Estou escrevendo uma resposta *mansa* a um Dr. Calixto lente da Universidade, ([3]) q. do alto da sua cadeira magistral me chamou escriptor venal, mercenario e deshonra das lettras e da patria, o deabo. Tomo á m.ª conta este Calixto. Assim eu podesse descompor esta athmosphera porca que pesa sobre mim ha 7 mezes! Não tenciona publicar os artigos do J.ᵉ Caldas? São excelentes.

Do seu am.º agr.
C. Castello Branco

30/3/83.

([1]) Não chegou Camilo a dar a lume êste romance, pôsto que algumas vezes o anunciasse.

([2]) *Bibliographia Portugueza e Estrangeira,* da casa Chardron, onde Camilo escrevia as apreciações dos livros recem-publicados.

([3]) E' o início da *Questão da Sebenta,* de que já atrás falei.

Sr. Candido de Figueiredo

Muito obrigado pela fineza do livro da sua mallograda esposa, ([1]) que tanta luz deixou da nobilissima alma, quando as trevas do sepulcro se condensavam. Raras são as vidas que assim se fecham, fazendo a sobrevivencia em um livro onde suas filhas cuidarão que ouvem a voz da mãe querida e para sempre chorada.

Como a vida é triste!

S. Miguel de Seide,
18 de Abril de 1883.

Camillo Castello Branco

([1]) D. Mariana Angélica de Andrade, poetisa, autora dos livros *Murmurios do Sado* e *Reverberos do Poente,* prefaciados por F. Gomes de Amorim.

XVIII

Ao P.[e] Casimiro José Vieira

Casimiro José Vieira, mais conhecido pelo *Padre Casimiro*, era um digno representante dos sacerdotes guerreiros da meia idade. De boa vontade, depois de erguer a hóstia, erguia a espada ou o bacamarte, e saía a campo em defeza das liberdades e regalias do povo. Foi êle um defensor empenhadissimo dessa causa, pondo o seu coração e o seu braço ao serviço do movimento conhecido pela *Revolução da Maria da Fonte*.

Avançado em anos, as pungitivas recordações da mocidade levaram o velho guerrilheiro a coordenar as suas notas e recordações, e com elas fabricou um apetitoso livro —*Apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1846, ou da Maria da Fonte*— Braga, 1883

RVD.mo SNR.

S. C. — S. Miguel de Seide, 16 de Novembro de 1879.

Venho de novo agradecer-lhe o emprestimo do seu interessante manuscripto, do qual extrahi algumas notas e datas. O meu trabalho projectado ácerca da Maria da Fonte é d'outra especie, mais romantica do que historica, e portanto o livro de V. não poderá ser, na parte noticiosa, prejudicado pelo meu ([1]).

Como V. não tem e deseja possuir a sua carta á Rainha, remetto-lh'a da minha collecção, e escuza devolver-ma, porque tenho copia.

Vai um pouco cerceada na margem; V. decerto supprirá as letras que faltem. Brevemente lhe

([1]) Êste livro de Camilo só foi publicado seis anos depois *(Maria da Fonte — A proposito dos Apontamentos para a historia da Revolução do Minho em 1846 publi-*

chegará á mão por portador seguro o seu manuscripto.

Offereço a V. esta casa, e ponho á sua disposição a minha pouca valia como

De V. obrigado e servo
Camillo Castello Branco

Ill.^{mo} e Rvd.^{mo} Snr.

Envio o seu precioso manuscripto. Não terei mais necessidade de lh'o pedir. O meu estado de saude é mau; mas nem o considero perigoso, nem o perigo me assusta, visto que a morte é a condição da vida. Deus lh'a accrescente, sem grandes dores phisicas nem moraes.

De V. att.^{o} V.^{or} e cr.^{o} ob.^{mo}
Camillo Castello Branco

S. C. 9-3-80

---

cados recentemente pelo Reverendo Padre Casimiro celebrado chefe da insurreição popular—Porto, 1885.)

O romancista entrou nestas pugnas, servindo sob as ordens do escossês Mac-Donell, bandeado com os que por D. Miguel tomavam armas.

Ill.mo Snr.

Casa de S. Miguel de Seide, 17 de Outubro de 1882.

Desde que veio a esta sua casa um enviado de V. encarregado de conduzir o manuscripto, que me confiara por intervenção do nosso amigo Padre Senna Freitas, nunca mais tive directas nem indirectas noticias de V. Esperei muito tempo o apparecimento da sua obra, por me parecer que era esse o intento de V., e sinto bem se a falta de saude, ou a indifferença que trazem os annos e os dissabores o demoveram d'esse proposito. Se esses são os motivos, permitta Deus que cessem, e se não percam esses documentos de uma heroica manifestação popular em que V. tomou tão importante iniciativa. Eu desejaria que um de nós não sahisse d'este mundo sem nos encontrarmos. Se a minha saude m'o permittir ainda espero vel-o na sua Thebaida. Se esta carta lhe fôr á mão, peço-lhe me dê noticias suas, e me diga a que distancia está a sua casa de Felgueiras, ou se perto d'ella ha outra povoação onde possa chegar um trem.

Desejando-lhe socego de espirito e o bem estar corporal—supremos bens n'esta miseravel existencia—sou

De V. affectivo e obrigadissimo creado
Camillo Castello Branco

Fragmentos de Cartas [1]

(De Dezembro de 1882)

....

E' hoje muito difficil escrever a historia dos ultimos cincoenta annos, porque os que fizeram parte dos factos estão mortos ou silenciosos —o que importa o mesmo. Desejo a V. muitas venturas e boa vontade de completar as suas memorias como amigo obr.mo etc.—*Camillo* etc.

(De 17 de Dez.º de 1882)

....

Folgo com a agradavel noticia de que prosegue nas suas occupações litterarias. O trabalho é um excellente companheiro n'estes tristes dias de dezembro; mas o frio humido parece que estende a sua influencia até aos camarins das ideias...

Não deixe, pois, V. de nos dar a historia authentica de uma insurreição cujos protogonistas estão quasi todos na sepultura.

De V. am.º e cr.º ob.mo—*Camillo* etc.

---

[1] Transcritas do cit. livro do P.e Casimiro.

XIX

Ao Conde de Monsaraz

O 1.º conde de Monsaraz, Dr. António de Macedo Papança, foi, sem favor, um dos primeiros poetas portugueses do seu tempo, e o nosso primeiro poeta regionalista. Filiado na escola parnasiana, traduziu Coppée, e escreveu as *Telas Historicas*, *Catherina de Athayde*, etc

Mas o que principalmente ficará da sua obra é o maravilhoso volume *Musa Alemtejana*, onde a pitoresca vida e paisagem daquela provincia são pintadas nas côres mais flagrantes, e fundamente sentidas Faleceu em Lisboa em 1913

A MACEDO PAPANÇA

Muito obrigado pelas *Telas Historicas*. Muito talento, versos assombrosamente bem feitos, e muita injustiça.

Do seu admirador
Camillo Castello Branco

14/1/83

ILL.^mo^ E EX.^mo^ SNR.

Agradeço a V. Ex.ª lembrar-se d'este seu admirador, em annos já tão frios e incapazes de admirações pelas formosas coisas da poesia.

Tem V. Ex.ª o condão de ser bom e amoravel no meio dos seus satanismos metricos.

Os da escola de V. Ex.ª, por via de regra alinham todas as consoantes perversas que podem, e nem sempre respeitam Deus mais do que que a grammatica. Quando fallo na escola, não comparo V. Ex.ª como idealista aos filhos da *Ideia Nova*, que conversam as ondinas do Tejo e o mau Collares do Xijank. Os seus versos, meu caro poeta, são sentimentos; e, se, ás vezes,

parecem banalidades, isso demonstra que V. Ex.ª está nos 20 annos e é sanguineo.

Se a critica dos velhos quizer applicar-lhe a lanceta, ria-se V. Ex.ª das cantharidas com que elles se ungem para o sacrificio da castidade.

Lembrou-me agora que tinha aqui na capa de uma brochura escripto o soneto do qual lhe dei a 1.ra quadra n'aquella alegre noite dos ***Figados***. ([1]). Ahi o tem inteiro na pagina seguinte. Se tiver um archivo de frioleiras, ponha-o lá.

De V.ª Ex.ª

Adm.or e Cr.do affectuoso e Obg.do

Camillo Castello Branco ([2])

([1]) Refere-se á representação, no Teatro Académico de Coimbra, da peça de Gomes de Amorim *Figados de tigre*, em récita da despedida do quinto ano jurídico de 1875-76 (15 de março de 1876). Camilo, então em Coimbra, assistiu á festa, e entusiasmado pela gentileza e elegância com que o futuro conde de Monsaraz interpretava a ingénua da peça, Thomásia, brindou-o num dos intervalos com a *Histoire des Beaux-Arts*, de Ménard, onde, na primeira página, inscrevêra a quadra inicial do soneto que o texto insere. Deslembrado do verdadeiro título da peça, chama-lhe Camilo, nesse soneto, *Figados damnados.*

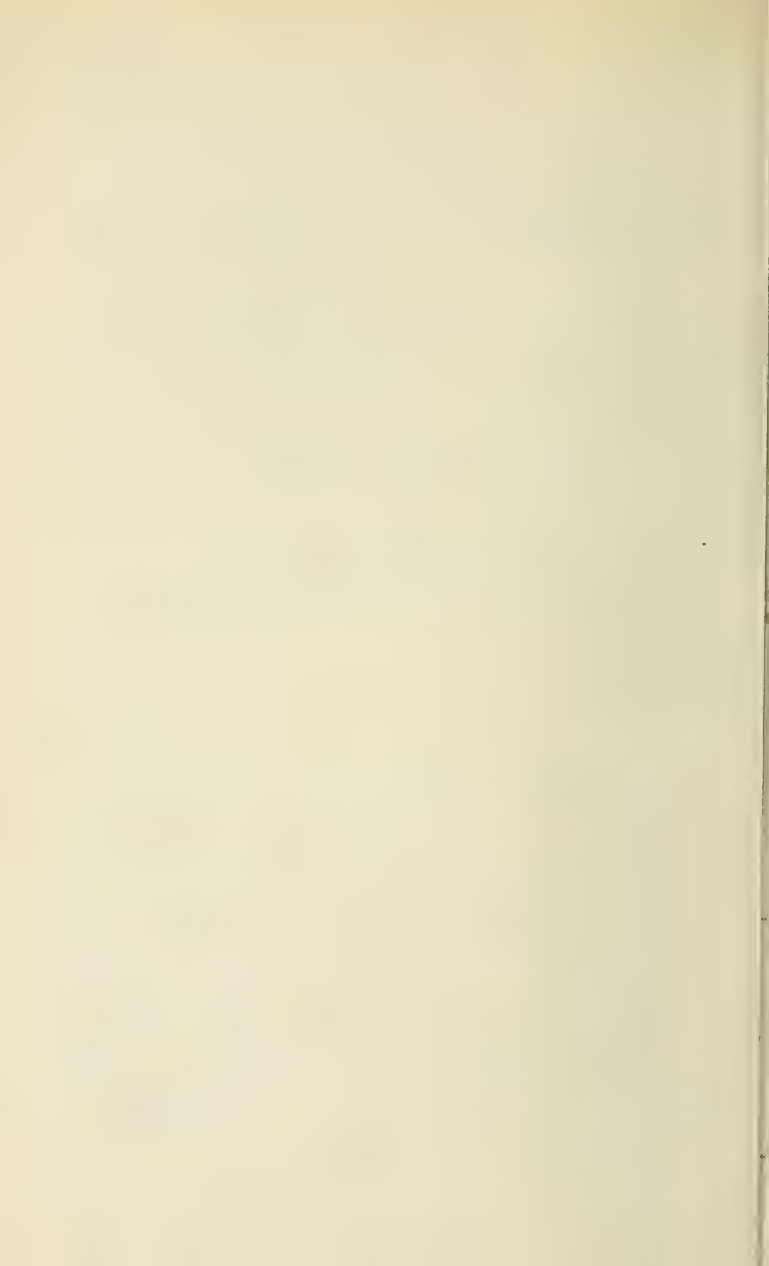
([2]) Esta carta foi dirigida de S. Miguel de Seide.

A Antonio de Macedo Papança

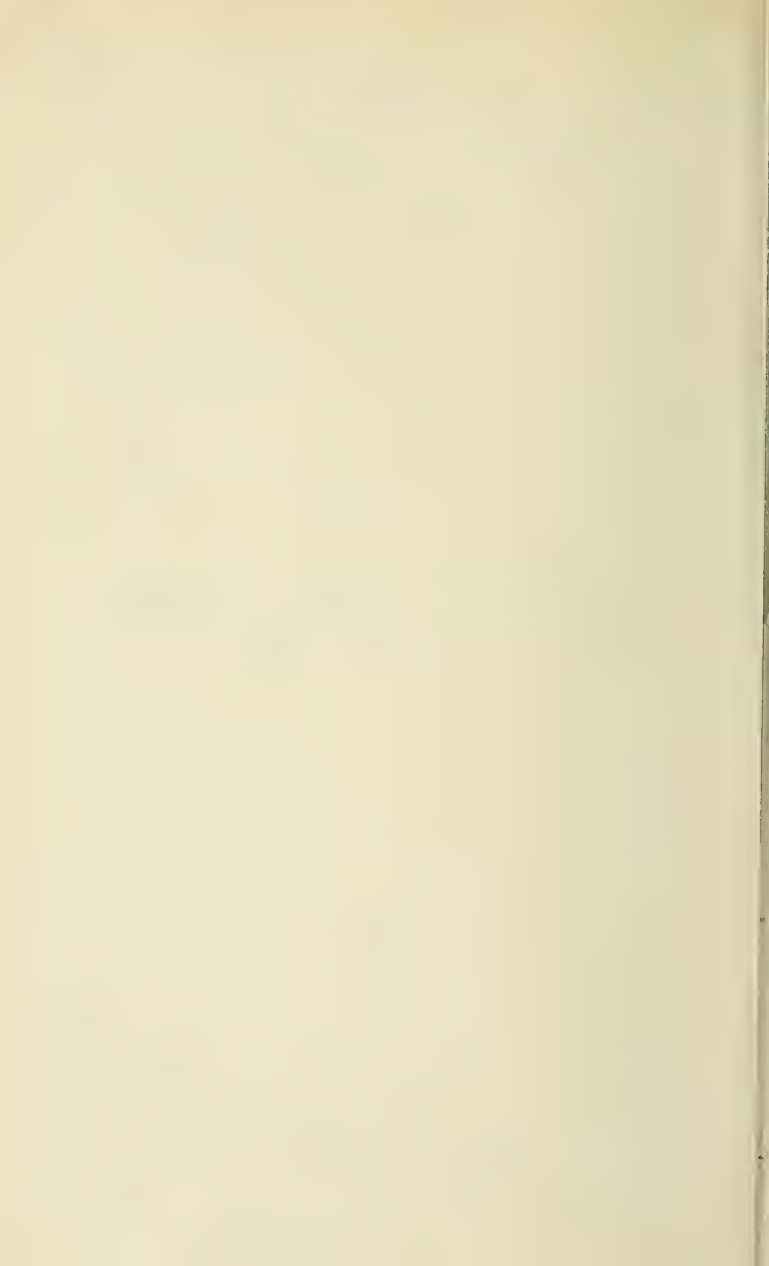
D'estes reis da Ethiopia, Arabia e Asia
Detesto cordealmente a realeza;
Mas dobro o joelho a ti, loira princeza,
Doida cocotte, lubrica Thomazia.

Não lembras de Romeu a doce amazia;
Mas fazes recordar certa Thereza
Que, em banzés de Paris, mantinha accesa
A lascivia que fez arder Aspazia.

Quem te pôz n'esses olhos requebrados
O dardo cupidineo com que feres
Uns peitos já senís e encouraçados?

Tu és hermaphrodita quando queres;
E na farça dos «Figados damnados»
És mulher mais mulher, do que as mulheres.

XX

A Domingos Manuel Fernandes

(ROBERTO VALENÇA)

Fôra um humilde aprendiz de chapeleiro em Braga, donde veio para Lisboa estabelecer-se com a sua indústria. Aprendeu a lêr sósinho, e tinha realmente aptidões literárias, poetando com grande facilidade. Escreveu uma *Biographia politica e litterária de Almeida Garrett;* e em 1880, sob o pseudónimo de «Roberto Valença», título dum romance de Teixeira de Vasconcellos publicado em 1848, deu a lume as *Podridões Modernas*, que êle próprio compoz e imprimiu.

...Snr.

Chegando hoje do Porto, encontrei a sua carta e o manuscripto dos seus versos (1).

Li a admiravel introducção, e já não poderei deixar de ler o poema. Eu não descrimino escholas. Todas me parecem boas, quando me convencem ou commovem, quando me alegram ou amarguram.

A nudêza do verso não me escandalisa, se é a verdade que se despe; mas, se ella está suja e tem tumores frios, antes a quero vestida.

O que li do seu poema é bom, d'uma justiça implacavelmente mordente, e todavia realista.

Prefigura-se-me que o seu livro tem futuro.

De V. etc.

Camillo Castello Branco

Seide 18 de Fevereiro de 1880.

---

(1) *Podridões Modernas — Poema realista com uma apreciação do Ex.mo Sr. Camillo Castello Branco.* Lisboa, 1880. (Assinado com o pseudónimo de Roberto Valença).

Fragmento de Carta

. . . .

Da *Introducção* em diante não cessou a minha curiosidade, mas com intermittencias de desgosto.

Estes cantos não são mais nus e escandalosos que o Tacito e o Juvenal e o Marcial quando historiam ou satyrisam.

Tem V. em abono d'elles este argumento; mas, nas suas aggressões aos reis e aos padres, tem de encostar-se a auctoridades peores. Não duvido que o seu poema seja bem acolhido; porem, volvidos dez annos, o seu espirito mais sasonado pela licção, e o seu intimo senso—a rasão —mais experiente das coisas e das pessoas, bem póde ser que conspirem a por-lhe na consciencia a mágoa de o ter divulgado *inutilmente*.

Não é por meio de versos assim descaroados e pessimistas que os homens hão de reconquistar as virtudes das velhas republicas.

O republicano de hoje não póde ser o selvagem duro do cyclo de Catão e dos Gracchos. Carece de uma educação muito séria em que a Moral o levante no pedestal de Raspail, de Proudhon e dos muitos d'essa marca que passaram no mundo com o labeo de doudos sublimes, de phalansterianos, e tiveram a morte desastrada e, até certo ponto heroica, de Delescluze.

Porque fulmina o poeta com tanto azedume reis e padres?

Os reis constitucionaes, são uns meros e pacatos administradores d'um morgadio arruinado; e os padres, em geral, são uns officiaes de cantochão, operarios de missas e responsorios, que sacham as suas côves, engordam a egua e o bezerro, e apagam as calmas da carne sobre os peitos frescos das moças espadaudas, com grande inveja dos atheus e dos socialistas.

O nosso clero não vale nada como reacção para que o attaquem com a Idéa que é uma arma que elle não joga; e os nossos reis são uns empregados publicos que não pódem construir nem destruir nada, excepto o Shakespeare ([1]).

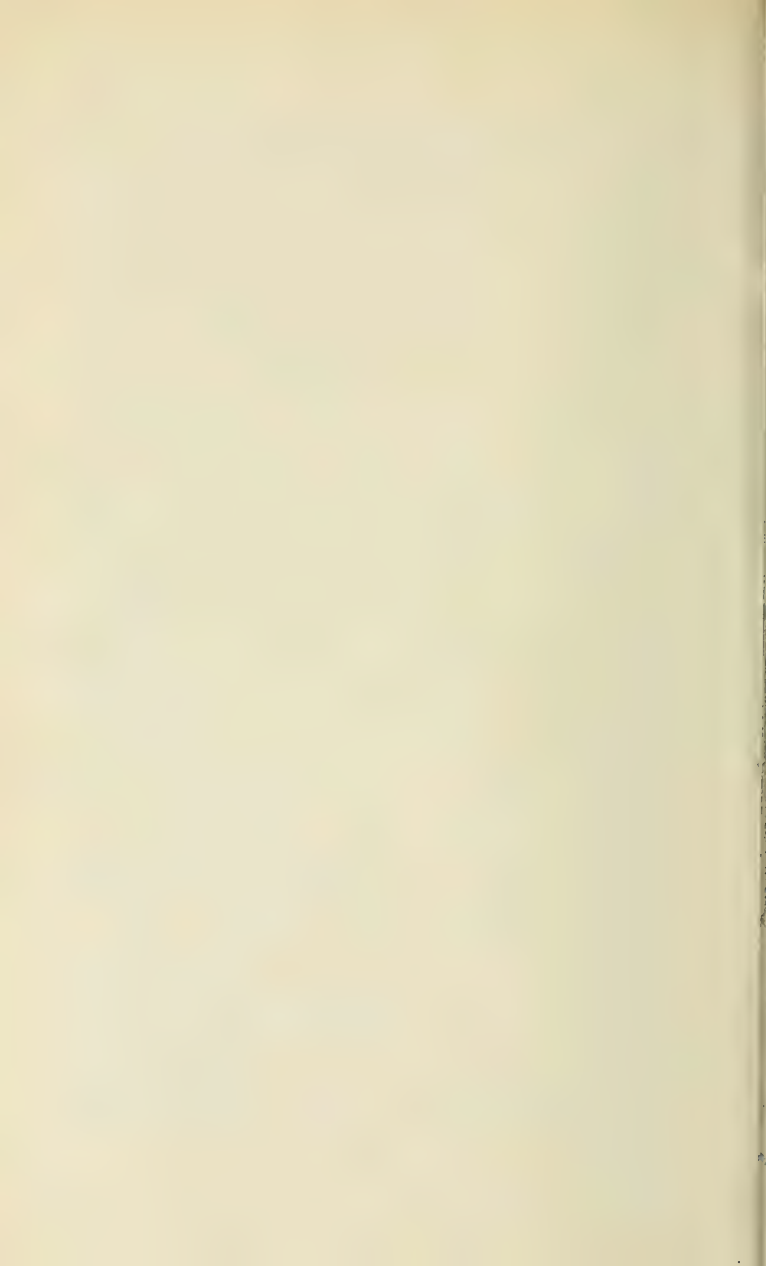
Emfim, eu admiro os seus versos, espanto-me da sua opulencia de côres; mas não os absolvo da injustiça; e quando mesmo fossem justiceiros, em vez de se avisinharem da Utopia de Campanella em cata de ideal de perfectibilidade, pela vereda das podridões, são mais depressa um estimulo a odios e a repressões violentas.

Já vê que eu tenho em grande conta o seu poema, imaginando-o capaz de fazer mal.

Acho-o serio e penetrante. Mas lembre-se que sou velho, e não faça caso desta carta do

Seu admirador
Camillo Castello Branco

19-2.º-80.

([1]) Alusão amarga ás traduções do trágico inglês que el-rei D. Luis publicou.

XXI

A D. Eufrásia Carlota de Sá

Esta senhora era proprietária duma casa de hóspedes no Pôrto, rua do Bomjardim, onde Camilo viveu algum tempo. Quando D. Ana Plácido, por imposição do primeiro marido, que achava insustentavel a cohabitação, se recolheu a casa do negociante Agostinho Francisco Velho, D. Eufrásia, num dos tres dias que durou a hospedagem, foi procurá-la, inculcando-se sua prima dizendo chamar-se Cândida, moradora na Rua do Almada, e vir ali na piedosa intenção de chamar D. Ana ao caminho do arrependimento.

O negociante, Velho de nome mas parece que verde na experiencia, deixou-se embair, e só depois reconheceu que a suposta prima era apenas uma emissária de Camilo.

Lisboa, 28 de Dezembro
[de 1860 ?]

MINHA AMIGA

Sei que D. Anna está em Coimbra, donde decerto não sahirá hoje nem talvez amanhan. Em Lisboa tenho alguma segurança porque confio em amigos; mas, se o homem continuar com a querella, tenho de viver sempre em sobresalto e escondido, até que a questão venha acabar a um tribunal de Lisboa. Imagine a minha amiga que vida será esta... Tambem perdi a esperança de a tornar a ver, minha boa Eufrazia. E' preciso convencer-me de que morri para mim e para muita gente. N'este triste momento, devo confessar que é a Snr.ª a pessoa a quem maiores provas de amizade devo. Perdeu-se

tudo. A minha intensão era salvar-me. Deus não o quiz. O futuro pinta-se-me negro e desgraçado. Diz-me que a D. Anna tivera de vender alguns trastes para partir; venda a minha amiga tudo que ahi houver, e pague ou desempenhe aquelles objectos que não valem o emprestimo. Digo-lhe isto, porque estou, como sabe, pobre e até pobre de ingenho para me remir dos muitos gastos. Os dois caixoensinhos, e os livros mandem-m'os n'uma caixa de pinho pelo vapor, quando poder. Não sei se pelo *Lusitania* vem os bahus da D. Anna. Caso não venham ainda, apresse a minha amiga a sahida, porque lhe devem ser a ella muito necessarios.

Eu estou ha quatro dias a arder em febre. Custa-me a vida, e, se Deus não a remedea, terminem estes tristes dias. Quando fôr ao convento recommende-me áquella boa amiga que não espero ver mais. Diga-lhe que, imaginando que eu morri, contemple com piedade a orphã que Deus lhe destinou para que ella desse um publico testemunho da sua generosa abnegação. Nas cartas que a minha boa amiga me escrever, reserve tudo que possa augmentar a medida já cheia das minhas mortificações. Peça com encarecimento ao amigo Custodio Vieira que me relate o andamento do processo, para eu tomar as medidas de cautelia. Adeus, minha amiga: emquanto vivermos troquemos algumas palavras dignas da amizade de 9 annos e de toda a vida. Digo tambem um

adeus ao meu pobre cão. Coitadinho!... nunca mais me verá. Recommende-me á Carlota.

Seu do c.
Camillo

Minha Amiga

Recebi hoje duas cartas suas, sendo uma retardada. Não preciso por emquanto de camizas. Vou remediando por cá. Se quizer e poder, vá fazendo algumas para quando eu tornar para a sua caza. Parece incrivel que a minha amiga não conheça a vontade que eu tenho de ir para ahi. Faz á D. Anna injustiça dizendo que ella me affasta de lá. Quando eu estive muito doente, perguntou-me ella se eu queria que lhe escrevesse ella mesma pedindo-lhe para vir para ao pé de mim. Creia que ella o que tem é medo que me prendam; porque se me prendessem ninguem nos valia, e iriamos ambos para a Africa.

Vou melhor e cada vez mais seu amigo

Camillo

Recommende-me á sua familia.

Minha Amiga

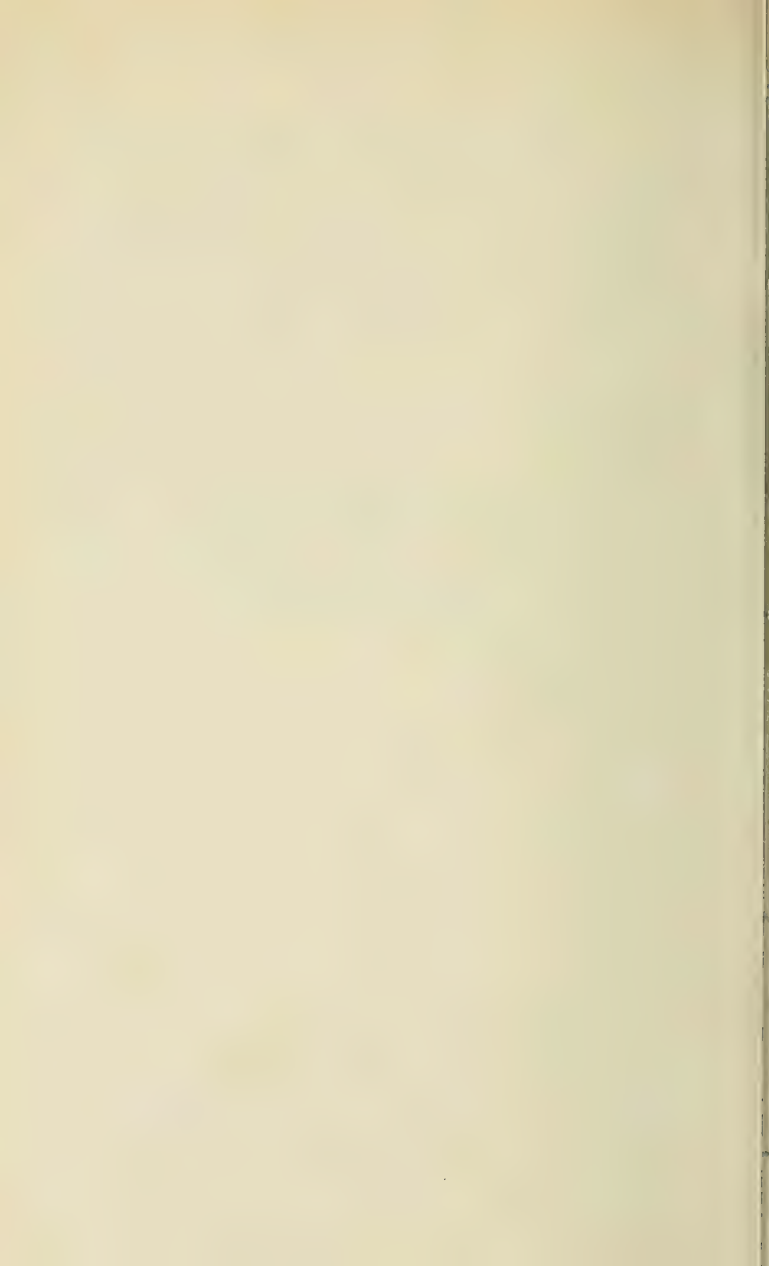
Está bem longe de imaginar que recebe hoje esta carta muito diversa da de hontem. Eu tenho resolvido ir para o Porto passado um mez, quando muito. Vou tomar banhos á Foz ou Lessa, e depois lá fico, alugando a senhora casa que tenha geito.

A minha saude é impossivel aqui, e os outros mais motivos me obrigam a sair de Lisboa. Lá lh'os contarei. Como creio que esta noticia é agradavel á minha amiga, não quiz espaçar-lh'a por mais longe. Quando fallar com minha filha pode dizer-lhe isto.

Seu muito amigo
Camillo

◻

XXII

A Eugénio de Castro

Precoce foi a vocação de E. de Castro para as letras, estreiando-se com o vol de versos *Crystallisações da Morte* aos 14 anos (1883) Em 890, com o *Oaristos*, proclamou-se o corifeu em Portugal da nova escola literária importada de França, que tão admirada e combatida foi entre nós com o nome de *nefelibatismo*. Mais tarde regressou á pureza parnasiana, dando-nos livros como *Belkiss*, *Sagramor*, *Sylva*, *Salomé*, e ultimamente *A Fonte de Satyro*, *O Annel de Polycrates*.

Senhor dum grande poder de fantasia, riquissima e colorida expressão, E. de C. conseguiu criar uma arte sua, que tem imposto ao respeito de gregos e troianos em matéria literária.

.... Sr. Eugenio de Castro:

Eu não posso chorar; mas a avó da creancinha, a quem a physiologia concede esse desafôgo, chorou muito, lendo e relendo o seu commovente poema [1].

Eu lh'o agradeço por ella e por mim. A minha vida era já tão pouca que cabia nas pequeninas mãos da creança que *Deus* levou para me convencer de que tem força e faz o que quer com a sua divina vontade.

Parece-me que os innocentes pequenos, mortos antes de terem

---

[1] Entende-se esta referência com a poesia intitulada *Chora!* que o poeta, então de 15 anos de idade, inseriu a pag. 97 do livro *Canções de Abril* (1884). Tinha morrido a pequenina neta de Camilo, Maria, filha de Nuno Castelo Branco e D. Maria Isabel.

a consciencia da vida, tem feito mais atheus que os philosophos naturalistas...

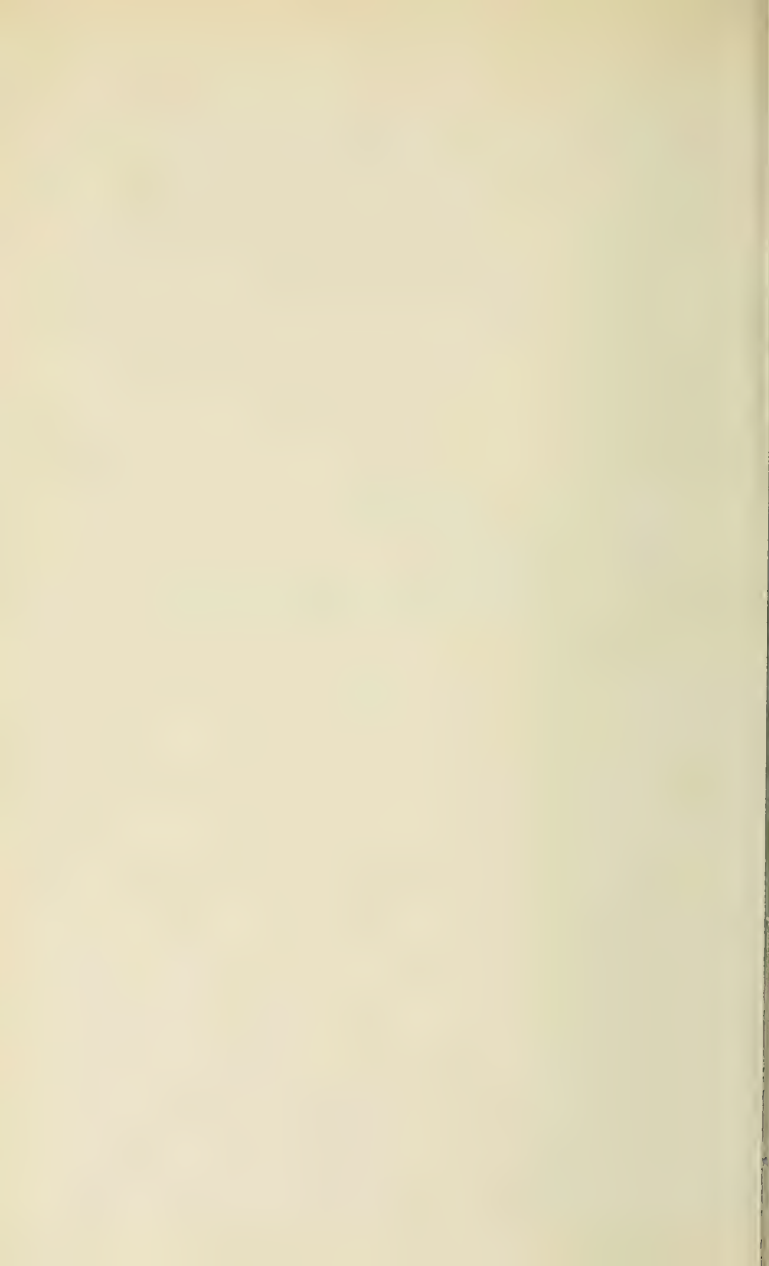
Repito os protestos da minha obrigação e admiração pelos talentos e bondades de V...

S. Miguel de Seide, Setembro de 1884.

Camillo Castello Branco

□

XXIII

A Guilhermino de Barros

Foi um dos mais lembrados companheiros da mocidade do Romancista. Em 1848 (Vid *Bohémia do Espírito*) frequentavam ambos a paupérrima biblioteca de Vila Rial de Traz-os-Montes.

Escreveu um romance historico, *O Castello de Monsanto*. Foi tambem poeta de certo relevo; atesta-o o seu vol. de versos *Cantos do fim do século*, (Lisboa, 1894). Com este livro concorreu em 1886 ao prémio D. Luis I, da Academia das Sciências, tendo Pinheiro Chagas dado então do livro um elogioso parecer.

Exerceu altos cargos públicos — deputado em várias legislaturas, gov. civil de Lisboa, vogal do Supr. Trib. Administrativo, director geral dos corr. e telégr. etc. Foi tambem par do reino electivo em 1885, e vitalicio em 1898. Morreu em 19 0.

Ill.^mo^ Amigo

Tive o prazer de ver em minha casa seu thio, e por elle tive as mais lisongeiras novas de V. S.ª De mim o que posso dizer-lhe é que estudo theologia, e d'aqui deduza V. S.ª o meu futuro tão imprevisto! Vou aqui redigir um jornal chamado o *Christianismo*. [1]

Vi uma sua excellente poesia religiosa no *Catholico*. Em nome da grandiosa inspiração que lh'a deu, peço-lhe que escreva alguma cousa para o meu jornal, e virá assim animar-me n'esta empreza, tanto mais sublime, quanto receiosa para mim. Este convite deve

---

[1] Saiu efectivamente com êste título e subtítulo: *O Christianismo—Semanario religioso*. Porto, 1852. A colecção, onde colaborou Guilhermino de Barros, é hoje mui dificil de alcançar.

ser-lhe glorioso, meu amigo, encarando-o pelo lado que o prende a Deus, e não a mim, que não valho nada, izolado n'aquillo que sou.

Se lhe posso ser util no Porto disponha de quem é

De V. S.ª
Am.º obrigad.mo
C. Castello Br.co

Porto, 29 de dezembro de 1851.

MEU AMIGO:

Recebi as lindas poesias: destinei a *Montanha* para o *Christianismo* e a *Tristeza* para o *Bardo.* [1] Agradeço-as muito; mas não quizera vêl-as em contradicção. O meu Guilhermino, na

---

[1] O *Bardo*—Jornal de poesias inéditas. Redactores A. P. C. (Antonio Pinheiro Caldas)—F. X. de Novaes—Porto: — Editor, Francisco Gomes da Fonseca — 1857 —2 volumes.

Êste raro e procurado jornal começou a publicar-se em 1852; saiu até 1857. Nele colaboraram profusamente Camilo, Soares de Passos, Alexandre Braga pai, Coelho Louzada, Faustino Xavier, Pinheiro Caldas, Bulhão Pato, Estacio da Veiga, Gomes de Amorim, etc.

primeira, homem do ermo, do desengano, e da fé, dá-se os parabens pela paz que possue. Na 2.ª a sua tristeza nasce d'aqui, do tremedal das paixoens, e ousa tentar a Deus, implorando-lhe a morte, menos amarga que a dôr.

«Quem quizer acompanhar-me pegue na sua cruz, e siga-me.» O poeta responde ao Mestre, que não pode. Permitta *elle* que aquellas suas dôres sejam todas imaginarias. Vivo no ermo, mas não saboreei ainda essas consolaçoens, que previamente li, como postas em almanach n'um livro d'um tal Zimmerman, medico allemão. Chama-se a *Solidão*, mas é bom para ler-se no povoado. Ainda assim eu vivo lá melhor (digo lá porque estou escrevendo no Porto).

Noticio-lhe, se o não souber ainda, que vou para Coimbra a matricular-me em theologia: recolhi-me ha dias de lá, onde tinha a fazer alguns *preparatorios em toda a extensão* [1].

Approvo a idéa das cartas, e insto pela execução da feliz idéa. Lembra-me porem, que deve

---

[1] Fôsse, como alvitra Alberto Pimentel, porque «o impressionára o exemplo do dr. Camara Sinval, lente da escola medica do Porto», (cujos sermões mais tarde prefaciou,) ou para fugir ao amor de Ana Plácido,—opinião de Paulo Osório, o certo é que Camilo se matriculou no Seminário, não de Coimbra, mas do Pôrto, que freqüentou nos anos lectivos de 1850 a 1852, tendo mesmo chegado a tomar ordens menores.

ser o G. o motor da polemica, se ella fôr conveniente. E' assim mais natural e menos pretenciosa da minha parte ([1]).

Escreva, pois, com brevidade. Eu de Coimbra continuo a redacção do *Christianismo*, e podemos prolongar sobre variados motivos a nossa util controversia, ou, melhor direi, os nossos estudos religiosos. O assumpto que me lembrou (Quaes são as tendencias religiosas de Portugal?) dá margem a dizer cousas desagradaveis. Entre nós a tendencia, na boa direcção, é quasi imperceptivel. Religião de cabeça—essa sim, que a gerou o desengano e a vontade de atinar em politica; mas do coração, a par de cultivada a intelligencia, é muito pouca, e não promette. Tenho estas tristes convicçoens. Tomara eu desvanecel-as. Tente-o, meu amigo, pode ser que felizmente para mim o consiga.

A D.s

Creia que me dá prazer com as suas cartas.

Seu amigo obrig.º
C. Castello B.co

([1]) Parece que G. de Barros tinha proposto a Camilo uma controvérsia religiosa, sob a fórma epistolar, destinada a avivar a fé nas almas mais tíbias, e a orientar o público em determinados pontos dogmáticos. Não encontro no *Christianismo* vestígios de tal polémica, sim doutra, muito notavel, com o grande matemático Pedro de Amorim Viana, que respondia no jornal *A Peninsula*, de que era redactor. A esta se refere Camilo na carta seguinte.

Meu caro Guilhermino

Recebi a sua excellente poesia e farei que o publico tenha occasião de avalial-a como eu.

A *Peninsula* teria razão de annular o *Christianismo*, se lhe deixassemos passar os absurdos ([1]). Não foi com vontade que tomei a luva da lama onde a lançaram; mas é uma precizão, e um dever—aliás a que veio este jornal intitulado o campeão da Egreja?

Tenho tido a satisfação de conviver com o seu thio, e muitas vezes fallamos do digno sobrinho, de quem sou

Amigo agradecido
C. Castello B.co

Meu estimavel litterato

Não tive ainda carta que me assegurasse a recepção do masso de versos, que lhe enviei: mas é natural que os haja recebido. A minha pouca saude priva-me d'ir á Universidade, porque os meus intentos eram estudar muito, e a

---

([1]) Refrega com Amorim Viana. Vide *nota* á carta anterior.

medicina impoe-me uma vida muito distrahida, para distrahir a morte. E' bem amargo o dilemma! Por motivos que o meu amigo poderia deduzir d'umas declarações minhas no «*Christianismo*», explicará a razão da minha retirada d'aquelle jornal. Talvez lhe conste que principío em Janeiro a publicação da «*Cruz*», e d'aqui já o emprazo para que me coadjuve n'aquelle trabalho com o seu valioso subsidio.

Se me permittisse fixar-lhe o seu primeiro trabalho, pedia-lhe uma poesia—«*A Cruz*», para o primeiro n.º e depois a realisação d'aquelle seu plano *contencioso*, que deve illustrar-me, e illustrar o leitor. Eu escrevo-lhe na incerteza da sua residencia. Entre a Regoa, Villa-Real e Coimbra, opto pela primeira,—veremos se foi bem aventada a conjectura. Recommende-me a seu Thio, e considere-me seu obrig.º am.º

C. Castello B.co

Porto 23 de Setembro de 1852.

Meu caro G.

Recebi as suas bellas poesias, e vejo que não recebeu a minha ultima carta.

O que posso dizer-lhe a respeito do M. é que

o meu procedimento forçosamente devia ser auctorizado por uma grande offensa. Desde muito que luctamos por causa d'aquellas *meditações* e quejandas semsaborias publicadas no jornal. Cheguei a ameaçal-o com a minha retirada, e elle acceitou-a orgulhosamente. Mediaram cousas miseraveis, com que eu não devo enfastial-o, «mas o melhor da passagem» é que aquelle Sr. M. desde certa epoca, em que resolveu vesitar D. Miguel, entendeu que eu devia contribuir para o seu passeio com os meus *indispensaveis* interesses de redactor. Esta miseria, que eu fujo de publicar por justissimas razões *religiosas e politicas*, deve mover a sua opinião a meu favor; eu, com tudo, meu amigo, não quero que esta revelação o desvie de escrever para um jornal religioso, seja quem for o seu redactor. V. S. serve a religião e não os interesses particulares. Se eu duvidasse da sua fecundidade poetica, seria um egoista do seu subsidio litterario; mas V. S.ª pode ser util a todos, em cujo numero eu sou uma particula, mas um gigante na amizade que lhe dedico.

De V. S. am.º e obg.mo
C. Castello B.co

Porto, 26 de Setembro de 1852.

Relação do Porto 1 de Outubro de 1860.

Meu Amigo:

Estou prezo ([1]). Vou recorrer para o supremo tribunal. A pronuncia foi injustissima em face da lei. Na primeira instancia, o Queiroz, juiz inexoravel, não pôde pronunciar-me. Na Relação tocou a vara magica do author—o muito dinheiro.

A corrupção poderá impeçonhar o supremo tribunal? Accuda-me o meu amigo com as suas relaçoens de Lisboa. Accuda que salva da Africa um seu amigo de 16 annos, e uma desgraçada senhora que lentamente agonisa n'uma thysica, a poucos passos de mim, sem que eu lhe possa dizer «Coragem, martyr...» Escrevo-lhe cheio de lagrimas, e não posso mais.

Seu do coração
C. Castello B.co

([1]) Pelo crime de adultério—é a expressão do registo da Cadeia da Relação do Pôrto—com D. Ana Augusta Plácido, espôsa do comerciante Manuel Pinheiro Alves. Foi encarcerado em 1 de Outubro de 1860, sendo absolvido e pôsto em liberdade, conjuntamente com a futura viscondessa de Correia Botelho, em 17 de Outubro de 1861. Vid. *nota 2* de pág. 56.

Meu presado amigo:

Recebi a sua animadora carta. Conto com a efficacia das suas diligencias.

O que mais me afflige é saber que a pobre senhora soffre muito, com uma creancinha nos braços, e o desamparo de todos os parentes. A absolvição d'ella depende da minha despronuncia. Eu o que mais temo é a corrupção temivel da influencia do capital que o author póde fazer chegar a Lisboa.

Será bom, meu amigo, desde já prevenil-a.

Adeus. Não tenho ainda cabeça para escrever.

Seu muito dedicado
C. Castello B.co

Cadeia—15 de Outubro de 1860.

Meu amigo

O relator do meu recurso é o barão de Fornos. Dois dos juizes são um irmão do J. A. d'Aguiar, e o Mello e Carvalho. Os outros dois são incertos.

Veja o meu caro Guilhermino se póde mover a meu favor os seus amigos. Está muito, ou

quasi tudo, no relatorio, e o barão de Fornos é excentrico, segundo me dizem, na sua jurisprudencia.

Não demora as suas diligencias, não?

Do seu velho amigo
C. Castello B.co

Cadeia—23 de Novembro de 1860.

Meu presado Guilhermino de Barros

Muito lhe agradeço as suas cartas. Eu quando lhe estava escrevendo, via-o ao meu lado na bibliotheca de Villa Real escrevendo um romance em que havia cavalleiros de uma ferocidade cannibalesca. Que saudade, meu amigo! O que o mundo fez de nós! Eu não lhe invejo o destino todo ao invez do meu. Ouço o ramalhar d'uns pinheiros por entre os quaes vejo a capella em que vou, afinal, descançar.

Este *commentando* um livro intitulado *Cancioneiro alegre* (1) Ha de encontrar n'elle crue-

---

(1) *Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brazileiros commentado por Camillo Castello Branco.* Porto, 1879.

A critica ruidosa que este vol. assanhou em Portugal e no Brazil levou Camilo a escrever e publicar seguidamente *Os criticos do Cancioneiro alegre*, (Porto 1879), em cujas páginas espalma, cubertos de ridículo, os que se afoutaram a replicar aos humorismos do *Cancioneiro*.

zas com os poetas do satanismo, á frente dos quaes pus Guerra Junqueiro. Ha no livro poetas para o louvor e para a sensata alegria de quem os ler.

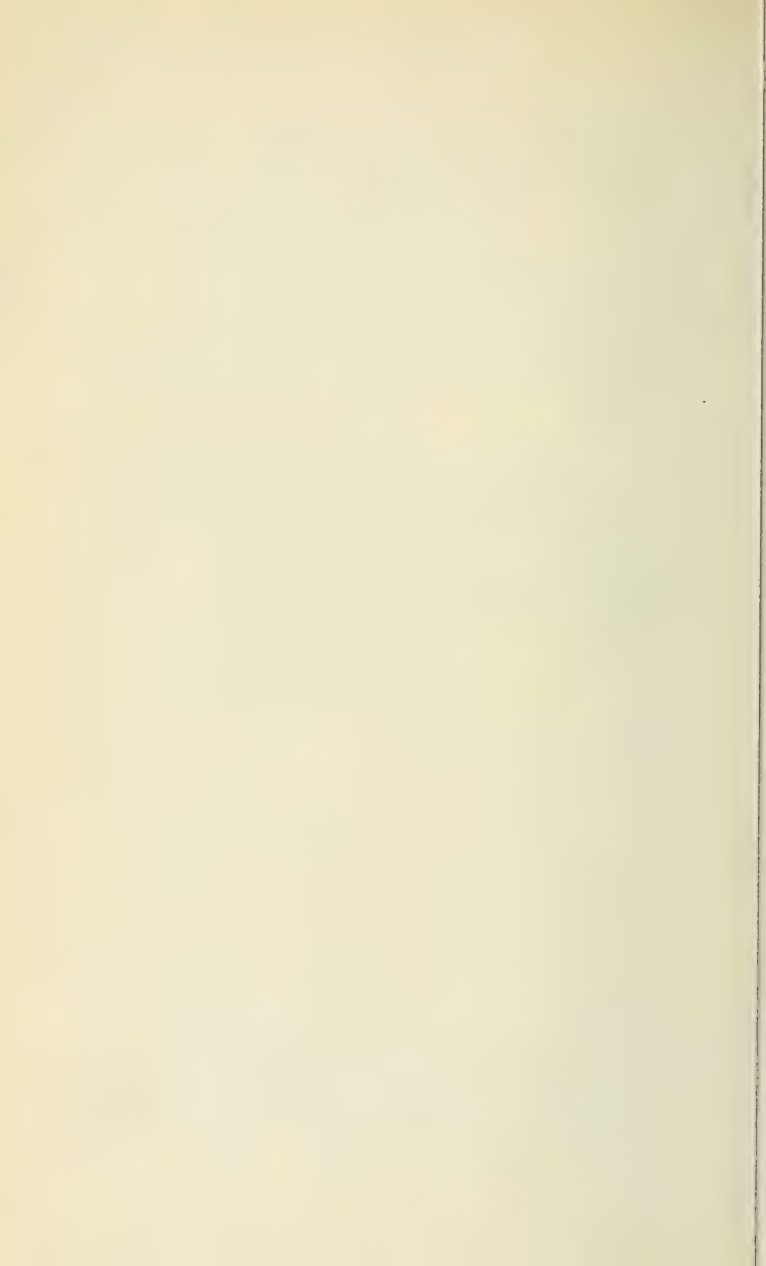
O meu amigo tem uma poesia alegre que me mande? Queria-a pelo que ella hade ser, e como aberta para eu poder fallar de G. de Barros.

Não lhe roubo tempo. Se vier ao Minho algum dia, aqui me encontra nesta terra, por cima ou por baixo.

Fez-me remoçar um quarto de hora a sua carta. Se vir o sr. Vaz Preto, dê-lhe um abraço do seu companheiro de Vizella.

25 de janeiro de 1879.

Seu dedicado

C. Castello B.co

XXIV

A Henrique Coutinho

Foi negociante de chapelaria no Pôrto, e Camilo seu freguez e amigo. Exerceu depois o lugar de oficial na antiga Procuradoria Régia do Pôrto. Reside atualmente em Lisboa, onde voltou a entregar-se á vida comercial.

Cheio de piedosa saudade pelo escritor, conserva ainda hoje em seu poder muitas e preciosas curiosidades que foram pertença de Camilo, ou lhe dizem respeito.

MEU AMIGO HENRIQUE COUTINHO [1]

Se eu tivesse uma posteridade intelligente e que herdasse os sentimentos da minha alma, V. Ex.ª q. é novo, teria de presenciar com prazer a gratidão dos meus filhos. Eu já não terei vida para lh'a provar.

O seu tinteiro preciosissimo servir-me-ia para redigir o meu testam.to, se eu tivesse que testar. Assim ficará virginalm.te testemunhando a gratidão d'esta familia que muito o estima.

Abraça-o cordealm.te

o seu amigo

Camillo Castello Br.co

S/C 16/3/85.

---

[1] O destinatário oferecêra a Camilo, pelo seu 59.º aniversário, um tinteiro de prata, hoje integrado no Museu Camiliano de Seide. A carta agradece êsse tinteiro.

Seide, 26-3-85.

Ex.^m^o snr. Henrique Coutinho

O chapeu apenas tem um defeito irremediavel: é o seu destino para uma cabeça que está a passar a craneo, de todo estranha ás modas e ás influencias atmosphericas.

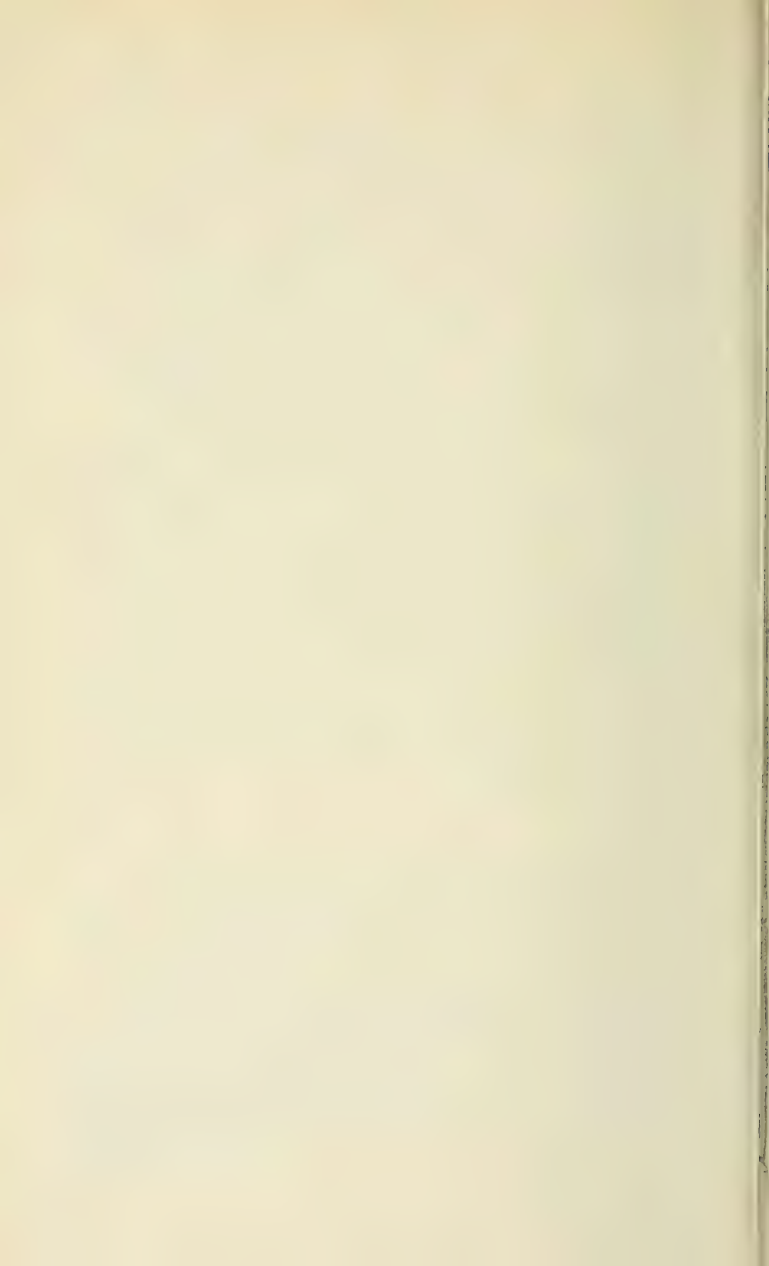
Quando eu era uma verdadeira cabeça, bem encabellada e frisada, um chapeu d'esta elegancia, tão conforme ao meu ideal n'aquelle tempo, seria a minha gloria, e talvez a immortalidade do chapeu, uma immortalidade de seis mezes, gozada e passeada entre a Praça Nova e o jardim de S. Lazaro. Além d'isso, seria um estimulo de indelevel gratidão ao artista generoso e amigo, que assim manifestava a sua sympathia. Hoje, porém, de tudo isso que fui e que o tempo foi passando a outros, o que me resta é o coração para o re-

---

(1) O destinatário ofereceu a Camilo um chapeu de seda de copa alta, á Marialva, como os que o Mestre usava. Não chegou a utilisá-lo ; mas agradeceu-o na graciosa carta do texto.

Depois da morte de Camilo, êste chapeu voltou, por dádiva da viuva, ao poder do sr. Coutinho, que com êle presenteou a Assembléa Comercial Portuense, sucessora da Sociedade Camilo Castelo Branco. Ainda a pedido do ofertante, vai agora aquela agremiação depositá-lo no Museu de Seide.

conhecimento e uma energica vontade de provar a V. Ex.ª que muito quizera traduzir em factos estas banalissimas expressões, que apenas demonstram o meu interesse pela sua felicidade.

De V. Ex.ª
amigo obrigadíssimo
Camillo Castello Branco

XXV

A Júlio de Castilho

(SEGUNDO VISCONDE DE CASTILHO)

Filho do eminente poeta António Feliciano de Castilho, e êle próprio um poeta distintissimo, historiador, bibliógrafo, arqueólogo, jornalista Em 1889 publicou as *Manuelinas*, formosas poesias inspiradas, como o nome do livro indica, na época do rei venturoso Mas o seu titulo de glória é a obra *Lisboa Antiga*, onde o escritor se revela em todas as faces da sua personalidade literária e scientifica. E' o melhor trabalho até hoje dado á estampa sôbre a história da capital e pena é que o não tenha concluido, alargando-o a toda a cidade e arredores, onde a sua mão adestrada guiaria com vantagem sábios e ignorantes

O 2.º visconde de Castilho trouxe ainda a público as *Memorias de Castilho* (1881), *Mocidade de Gil Vicente* (1897), *Os Amores de Vieira Lusitano* (1901), *Os dois Plinios* (1906) etc. e ultimamente, após muitos anos de silêncio, o vol. de poesia *Fastos Portuguéses*.

Cultiva tambem a arte do desenho, na qual lhe conheço trabalhos de notavel correcção

MEU AM.º E EX.mo SR.

São respeitaveis os escrupulos de V. Ex.ª Eu só por mim não ouso deliberar se V. Ex.ª pode receber impeccavelmente os 2:200 reis [1]. Isto é materia costeira e

[1] Eis como o sr. Alberto Telles refere o caso no seu apreciavel volume *Camillo Castello Branco na cadeia da Relação do Porto*:

«C. C. B., para fazer a vontade de um editor ou redactor de um jornal da provincia, pediu ao sr. visconde de Castilho, Julio, que lhe enviasse uma poesia sua. Prontamente satisfez esse pedido o mesmo sr. Visconde, remetendo a Camilo a copia de uns versos seus, que tinham sido já publicados.

«Decorridos alguns mêses, o editor ou redactor do jornal mandou directamente 2$200 réis ao sr. Visconde de Castilho, o qual, por não haver escrito os versos de propósito para o tal jornal, hesitou em ficar com aquela quantia, e tambem em a devolver á pessoa que lha enviara, com receio que se ofendesse por este motivo.»

Escreveu então a consultar Camilo, respondendo êste com a engraçada carta que vai no texto.

ingreme em moral litteraria não tratada no Larraga e Buzembáo. O Sanches não me recordo se trata o assumpto. Hei de ver. Na incerteza, porém, vou consultar os theologos mais grados cá da provincia. A decisão tem de ser delongada, porque os casuistas d'esta banda são homens que digerem vagarosamente questões de tamanho porte. No entretanto, como os 2:200 réis não podem estar quietos e estagnados sem lograr juro, auctorizo V. Ex.ª a levantá-los com fiança, e emprestá-los ao governo n'este lance de angustia financeira. Vai n'isto, sobre o interesse, não vulgar patriotismo.

De V. Ex.ª
Adm.or e am.o dedicadissimo
Camillo Castello Branco

Porto, 22 de Março de 1368.

ÍNDICE

«ERROS DA ESCRITURA»

Pág. XIII, linha 4, leia *perfil eto-psicológico*. em vez de *perfileto psicológico*.

Pág. 75, nota, leia *Gnido* em vez de *Guido*.

Pág. 80, linha 4, leia *devolver* em vez de *desenvolver*.

Pág. 158, linha 18, leia *Estou* commentando, em vez de *Este* commentando.

Afóra outros lápsos facilmente emendaveis.

LISBOA
CENTRO TYPOGRAPHICO COLONIAL
Largo Bordallo Pinheiro, 28
1918

CARTAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.

CARTAS DE CAMILO CASTELO BRANCO.

DO COORDENADOR:

O Pagode (Jornal de caricaturas) — 1902 (3 n.os).

Sonetos — 1904.

Cantigas para os ranchos e fogueiras de S. João — (de colab.) — 1905.

Chronicas de Praia — 1905.

Portuguezes por mãos de estranhos (trad.): I — Herculano — 1905. II — Luiz de Camões — 1906.

Desenhadores Portuguêses de «ex-libris» — 1908.

A Arvore & o Homem — 1.ª ed. 1909; 2.ª ed. 1913.

Versos — 1909.

Cantigas — 1.ª ed. 1909; 2.ª ed. 1911.

Jogos Floraes de Salamanca — Poesias premiadas (de colab. com vários) — 1910.

Folclóre da Figueira da Foz, 2 vols. de colab. com Augusto Pinto — 1910-1912.

O Fidalgo Presunçoso — 1912.

Pompeia — 1912.

Cantos e Danças Portuguesas no século XVIII — in *Gazeta da Figueira* — Set. a Out. de 1916.

A Murraça, de Camilo (com prefácio) 1916.

Gravura Popular Portuguesa, in *Terra Portuguesa*, n.os 9 a 28 — 1917 — 1918.

Cartas de Camilo — Coordenação, Prefácio e Notas — 1.º vol. 1918; 2.º vol. 1922.

J.-M de Sant'Iago Prezado — 1922.

Notas Queirozianas — 1922.

ORGANIZOU:

Eça de Queiroz — In Memoriam (de colab. com Eloy do Amaral) — 1922.

NO PRÉLO:

Cartas de Camilo — 3.º vol.

Escritores Figueirenses — Em publicação.

Jornalismo Figueirense — Idem.

Cartas Etnográficas — Idem.

EM PREPARAÇÃO:

Desenhadores Portugueses de «ex-libris» — 2.ª edição luxuosamente ilustrada.

CARTAS

DE

CAMILO CASTELO BRANCO

COLECÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS DE M. CARDOSO MARTHA : : : : :

II

H. ANTUNES & C.ª — EDITORES

Rua Buenos Ayres, 135

Rio de Janeiro — M.DCCCCXXIII

FÊZ-SE DESTE VOLUME E FAR-SE-Á DOS SEGUINTES, UMA TIRAGEM ESPECIAL DE VINTE EXEMPLARES NUMERADOS, RUBRICADOS PELO : : COLECTOR E EDITOR DAS «CARTAS» : :

Tip. Henrique Torres, R. S. Bento, 279

A Adrião Forjaz de Sampaio

Tendo mostrado grande precocidade, o dr. Forjaz, nascído em Coimbra em 1810 e falecido na Figueira em 1874, teve que tirar suplemento de idade para poder matricular-se em leis aos 15 anos na Universidade de Coimbra, onde se doutorou e professou até 1858, ano da sua jubilação, já decano e director da Faculdade. A cadeira onde leu foi a de Economia Política e Estatística, criada pela reforma de 1836, para a qual escreveu um compêndio — a *parvoiçada de maravalhas* que Camilo troça impiedosamente nesta carta.

Era fidalgo cavaleiro da casa real, comendador de S. Tiago, sócio correspondente da Academia, vogal do Conselho Superior de Instrução Pública, etc. Pôsto que não fôsse um talento, tinha relêvo no seu meio; sa-

ILL.^{mo} EX.^{mo} SR. DOUTOR CONSELHEIRO ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

Ha coisa de seis dias que eu pernoitei na estalagem do Lopes, em Coimbra... Neste ponto, sacode v. ex.ª os oculos na base do seu nariz sempre apontado á inspiração, e diz: «A mim que me importa que este homem pernoitasse na estalagem do Lopes ou na do Carôlo?!»

Não importa nada; mas eu é que obedeço á costumeira de começar as historias pelo principio.

Estava eu, pois, lendo, no *Instituto*, um artigo funeral, consagrado á memoria do sr. D. Pedro V, artigo coixo de grammatica, o qual me disseram ser de v. ex.ª. Não duvidei da auctoridade, nem descri da sinceridade da sua dôr: coisa é ordinaria, as grandes dôres, reveladas pelos grandes genios, fazerem á grammatica o

que um infermo em delirio faz á sua cobertura: esfarrapam-n'a. Fez v. ex.ª o elogio do seu coração com alguns erros que tornariam duvidosa a approvação d'um examinando em primeiras lettras. *Felix culpa!*

Estava eu, pois, lendo o *Instituto*, manancial da morphina, cujo veio mais copioso é v. ex.ª, quando me foi entregue um officio, com um diploma de SOCIO HONORARIO DO INSTITUTO DE COIMBRA.

Li o latim do papel em estremeções de jubilo! A gloria, o que faz a gloria nos nervos da gente sensivel, ex.^mo^ sr.!

Na orla do diploma, buscando eu nomes, que entalhar no coração reconhecido, achei o de v. ex.ª, e... beijei-o! Já é!... Beijei-o, em toda a sua latitude, desde o *Adrianus* até ao *Præsens!* E estava eu esculpindo na minha alma o nome querido de ADRIÃO, quando um amigo, presente aos meus transportes, pede a palavra, e tira do peito estas vozes memorandas:

«Você foi proposto, ha mezes, socio honorario do instituto; quando, porém, a proposta ha-

---

bia do seu oficio, ainda que se desse uns ares conselheirais algo pedantes — professor á moda antiga, olímpico, vibrando o raio ameaçador sôbre a cabeça do aluno, o que lhe trouxe alguns desgostos na sua carreira pedagógica. Teve o bom-senso de nunca se intrometer na política do seu tempo.

Escreveu, entre outros livros, as *Memórias do Bussaco* (1.ª parte, 1838, 2.ª 1839, as 2 reúnidas, 1850); *Pensamentos, memorias e sentimentos, fructos de minhas leituras; Elementos de Economia Politica e Estadistica* (1845), *Novos Elementos* em 1856, e em 1868 uma edição novissima); folhetos sôbre diversos assuntos e vários livros de ensino primário e secundário. Traduziu Chateaubriand e colaborou largamente n'*O Instituto*.

via de ser votada, o sr. conselheiro Adrião disse que era indignidade dar diploma de socio do instituto a um homem, que estava preso; accrescentou, todavia, que, provada sua innocencia, então se lhe daria o diploma. Sahiu você da prisão, e foi votada a proposta. Appareceram na sua votação vinte favas brancas, e cinco pretas; e destas a primeira, a mais preta, lançou-lh'a o doutor Adrião. Sem embargo, está você socio honorario do instituto. Vinte votos o vingaram da villania de cinco. Era necessario remetter-lhe o diploma com um officio. Fez o secretario o officio, e deu-lhe o tratamento de *excellencia*, que o instituto dá a toda a gente. Foi o officio á assignatura do presidente Adrião, e este, rasgando o officio em dois, escreveu á margem de um: *Não tem excellencia nem senhoria o socio*. Fez-se novo officio, amputada a *excellencia*, e elle aqui está com a assignatura do presidente. Disse.»

Esta historia boliu comigo, sr. doutor conselheiro! A minha tola vaidade, que se ia marinhando ao alto das mentirosas gloriolas deste mundo, desandou, e veiu ao raso da lama, onde v. ex.ª sujou a fava, que me atirou aos calcanhares.

Que mal tinha feito eu a v. ex.ª, que eu escassamente conhecia de uma parvoiçada de maravalhas economicas postas em compendio docente na universidade de Coimbra?! Haverá

n'algum dos meus romances um personagem grutesco, chamado *Adrião?!* Terei eu apanhado involuntariamente o sr. doutor por algum ridiculo attributo da sua individualidade? Contaria eu, em estylo faceto, a corrida da pedra, ou de pugilato, que varios estudantes lhe deram no jardim-botanico?! Não, palavra que não! Nem fallei no compendio, nem nas pedradas, nem no pugilato, nem em v. ex.ª, que me lembre, sr. Adrião!

Quedei-me a pensar uma noite, sempre com a fava negra de v. ex.ª a pesar-me primeiro no coração, depois no deaphragma, depois nos intestinos subjacentes por sua ordem descendente, até que a digestão da affronta se consummou. Desintallei-me. Agora posso placidamente dizer a v. ex.ª que respeito a sua magoa de me ver socio do *instituto* contra sua vontade. Os pesares, ainda mesmo injustos, do meu similhante, imponho-me o remedial-os, dado ainda que neste esforço de caridade disponha muito da minha vaidade e philaucia. Ahi está a rasão porque eu devolvo a v. ex.ª o diploma que recebi de socio do *instituto conimbricense.* Não quero isto, á custa d'um desgosto de v. ex.ª. Ahi renuncio em suas mãos este papeluxo querido, que v. ex.ª dará ao seu menino mais novo para elle fazer um bote ou um chapeu de dois bicos.

Agora, palavra e meia no que toca á *excel-*

lencia que o sr. dr. me borrou. Eu não sei quem v. ex.ª é, nem quem foi seu quarto avô. Quer-me, porém, parecer que se as raças, no limar dos seculos se afinam e espiritualisam, o quarto avô de v. ex.ª devia de ser um enxovedo prodigioso, attendendo ao muito que os seculos tem que desbastar até ao seu quarto neto de v. ex.ª

Não curo disso: o que eu hei de é esmiuçar-lhe a fidalguia da sua intelligencia n'umas alcofas de farrapagens que por ahi boiam á tona do escoadouro das toleimas impressas. Ahi é que eu hei de provar, querendo Deus, que v. ex.ª não podia ser socio de coisa nenhuma litteraria; e v. ex.ª, em despique, veja se me dá cabo da *senhoria.*

A meu ver, v. ex.ª não é escorreito; rasão de mais para que eu me ufane em assignar-me de v. ex.ª *ex-socio do instituto.*

Camillo Castello Branco [1]

Lisboa, 19 de Março de 1862.

---

1 A razão desta carta, singular monumento de sátira e humorismo que deixou o célebre lente demolido pelo ridículo, consta dela o suficiente para tornar inútil o esmiuçá-la mais aqui. Bastará saber-se, que Camilo nunca mais quis associar-se ao Instituto, a-pezar-dalguns seus admiradores, membros daquela colectividade, que sempre o ficaram considerando um colega, terem tentado várias vezes persuadi-lo a que o fizesse.

O sr. dr. Maximiano Lemos (*Camillo e os medicos*, pgs. 199 a 200) escreve que «o informador de Camilo era um estudante de medicina que por então frequentava o quarto ano, depois de ter obtido o bacharelato em matemática e filosofia, sempre com distinção. Travára uma grande amisade com Vieira de Castro, e isto bastára para o aproximar do romancista.»

No mesmo volume é transcrita uma nota de Camillo que revela o nome do individuo informador do Mestre: «A. Vitorino da Mota, então aluno de medicina, que actualmente exercita distintamente a clinica no Porto e o professorado no Liceu.» *Ibid.*, pag. 199.

A Alberto Teles

Alberto Teles de Utra Machado é açoriano. De muito novo afeiçoado às letras, tratou com os mais altos representantes da sua geração literária, entre êles o seu compatrício Antero de Quental, de quem foi muito amigo e que lhe dedicou vários sonetos. Escreveu as *Cartas Açorianas*, *Rimas*, e um interessante livro sôbre a vinda ao nosso país do famoso autor do *Child Harold*, intitulado *Lord Byron em Portugal*. Do mesmo poeta trasladou a português aquêle célebre poema. Colaborou em muitos jornais e revistas com versos e artigos.

Recentemente deu à estampa o livro *Camillo Castello Branco na cadeia da Relação do Porto*.

Ex.^mo^ Sr.

Offereço a V. Ex.ª um rarissimo retrato de Byron. Quasi toda a gente conhece o retrato de Byron rapaz; mas raro haverá quem entre nós tenha exclamado o *quantum mutatus ab illo*, confrontando o juvenil auctor da *charge* aos poetas inglezes e escossezes com o desvairado que deixava as gondolas do Adriatico para ir romper o seu aneurysma n'um pobre catre em Missolonghi. Pode ser que em um jornal illustrado esse retrato, acompanhado de algumas linhas de V. Ex.ª, seja bem acceite. Offereço-lh'o com muita satisfação. [1]

De V. Ex.ª, etc.

S/C 9-1-81.

Camillo Castello Branco

---

1 Foi provavelmente em vista do interesse de A. Teles pelo célebre poeta inglês, que Camilo lhe enviou o retrato. O estimado autor de *Lord Byron em Portugal* confessa ter enviado a Camilo, em 1879, aquêle interessante volume, tendo dêle recebido na volta do correio um bilhete de visita — *a agradecer*. (A. Telles — *Camillo Castello Branco na Cadeia da Relação do Porto* — Lisboa, 1917, pag. 233).

Ex.^{mo} Sr. Alberto Telles

Recebi e muito agradeço os dois exemplares de Byron.

Parece-me magnificamente interpretado o canto I. Bom seria que V. Ex.ª, concluido o poema, annotasse os cantos, reproduzindo alguns trechos do seu trabalho *Lord Byron em Portugal*, e vertendo algumas notas preciosas que se encontram na versão franceza de Laroche e na *Life of Lord Byron with his letters and journals by Thomas Moore.*

Como os factos contados vão distantes, e são historicos, talvez não desconviesse ilucida-los. Não levante mão do seu excellente empenho, ainda mesmo que a extracção do livro não transponha já os apertados limites do nosso mercado.

Agradeço a V. Ex.ª a referencia com que me honra no seu livro, e dê-me sempre o prazer de me mostrar que sabe quanto desejo servi-lo na minha limitada esphera. [1]

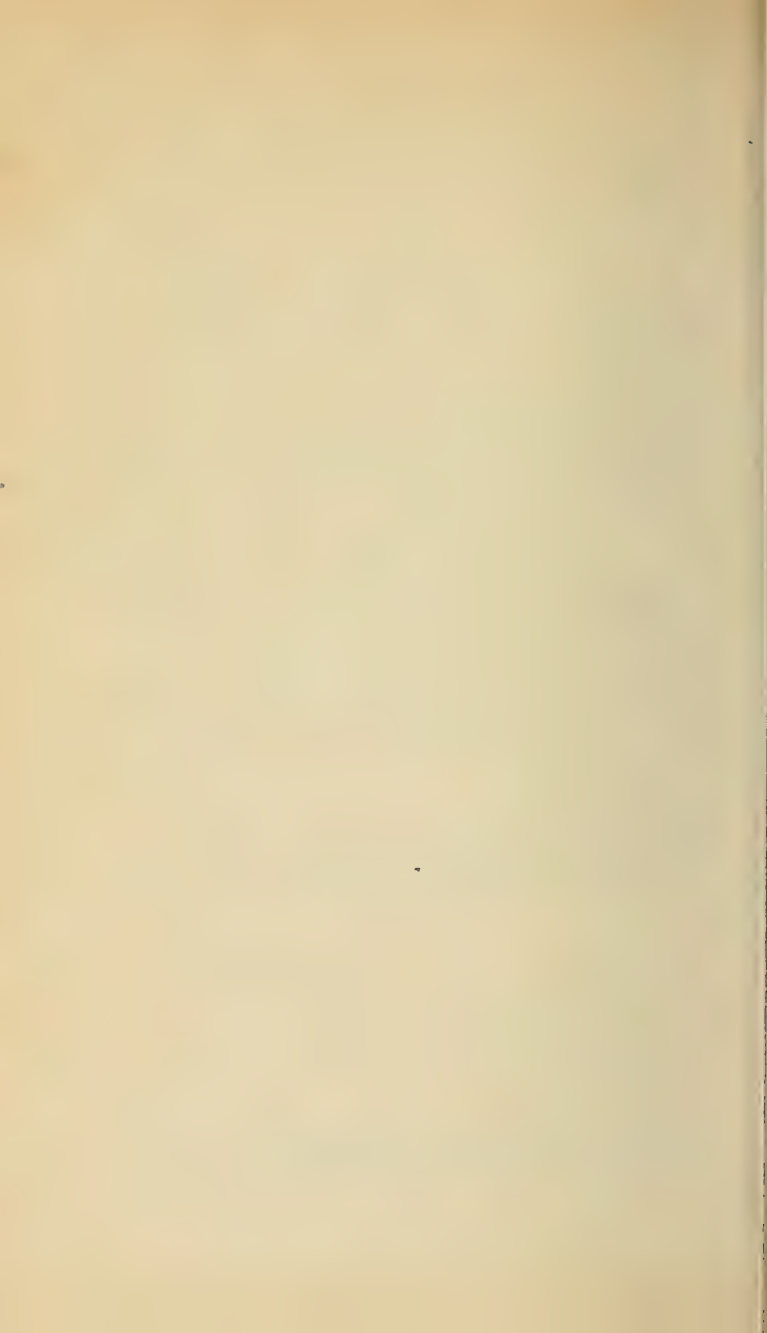
Casa de V. Ex.ª 4-7-81.

De V. Ex.ª etc.

Camillo Castello Branco

---

1 Refere-se esta carta à *Peregrinação de Childe Harold*, que Alberto Teles verteu do original inglês.

Á Alexandre Herculano

> Dado que os livros do destinatário desta carta andam nas mãos de quantos a língua portuguesa falam e presam, inutil seria tratar dêle se não fôra o desviar-me assim do plano de dizer duas palavras sôbre cada um dos correspondentes de Camilo.
>
> Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, nascido em Lisboa de origem humilde em 1810 e falecido em Vale-de-Lobos, junto a Santarem, em 1877, abrange na sua actividade literária o período mais intenso do século 19.º, que nêle reflectiu algumas das mais poderosas radiações do seu progresso mental.
>
> Êle é o reformador entre nós dos estudos históricos, proclamando, segundo os preceitos das escolas alemãs, o documento incontroverso como única fonte de história. Servido por uma forte capacidade crítica e um poder excepcional de animar os sucessos, scenários e personagens de idades idas, Herculano deu-nos alguns livros que

Ill.^mo^ Senhor

Os virtuosos sentimentos por V. S.ª proclamados em suas obras; — essas obras que eu julgo fieis reflexos da bondade, religião, e amôr do proximo, que dominam seu auctor, — me incitam com arrojada confiança e temeridade, a dirigir á presença de V. S.ª esta minha carta, não mensageira de talentosas frazes, antes pura copia da magoa que inspira seu desconhecido escriptor. Hum licito desejo de fazer algum vulto nas letras, se bem que incompativel com as minhas circumstancias, me excitou a freqüentar o curso de Direito na Universidade de Coimbra. Encetei-o; e, depois que colhi victoriosas palmas das fadigas do meu primeiro anno, a morte me roubou o protector unico, que ali me mantinha com as suas parcas, mas para mim, filho das circumstancias, abundantes posses. Absolutamente privado de meios para a continuação do meu corriculo literario, olho para o meu futuro, e prevejo um futuro calamitoso,

qual póde sobrevir a um moço de 20 annos, despido de protecçoens. Em meu abono, a resignação me tem conservado, até hoje, entre os limites da honra e da prudencia; porque, no meio de minhas amarguras, lembra-me que ha um Deus, assiduo vigilante por suas creaturas, e representado na terra por alguns homens — honra da sublime idéa da creação. Não temo enganar-me, se disser, que V. S.ª he hum dos Apostolos a cumprir a mais divina das missoens: — valer aos afflictos. — He pois a V. S.ª que me dirijo: — serei eu feliz nesta minha atrevida inspiração?! Meios de subsistir com honra — unica herança de meus paes — he, o que procuro, e pelo que suspiro. N'esta Provincia, Senhor, não vive o homem probo, por que a calumnia, de mãos dadas com a politica, vão denegrir o homem que mais lhes foge. N'esta Provincia, o homem, quer de medio, quer de transcendente talento, se não segue a maxima geral — o vaivem das opinioens he ente nullo. Qui-

dificilmente serão excedidos no futuro, tais como a *Historia da Inquisição em Portugal* (1854 a 1859) muitas das monografias incorporadas nos *Opusculos* e essa assombrosa *Historia de Portugal*, (1846 a 1853) abraçando as origens até ao reinado de Afonso 3.º, de que várias determinantes infelizmente impediram a continuação até os nossos dias.

Percorrendo e estudando os cartórios civis e eclesiásticos do país, coligiu materiais preciosos, que lhe permitiram a publicação dos *Portugaliae Monumenta Historica*, continuados pelos irmãos Basto.

Criou tambem Alexandre Herculano o romance histórico entre nós,—são célebres *Eurico, o Presbytero* (1844), *O Monge de Cistér* (1840), *O Bobo* (1866)—e deixou um livro de poesias digno de leitura pela elevação das ideias e magestade da forma.

O talento de Herculano só foi igualado pelo seu caracter e pelo seu coração.

zera, eu, Sr., fugir a este ar mefitico, e procurar n'essa cidade, em paga do meu trabalho, seis vintens para o pão de cada dia, e viver tranquillo — ahi, onde ninguem motejará a minha casaca já velha, nem me apontará dizendo por escarneo: *Ali vae o filho d'um que foi corregedor em Vizeu!* Pode V. S.ª valer-me; poderei eu ir a Lisboa esperançado na caridade de V. S.ª? Eis aqui, meu protector, cumprida a mensagem d'esta carta. Se ella he digna da resposta de V. S.ª eu a aguardo anciosamente — Favoravel, Deus permittirá que seja. Conceda-se-me a honra de me assignar

De V. S.ª
servo muito admirador

Camillo Ferreira Botelho Castello Branco

V.ª Real de Tras-os-Montes — 28 de agosto de 1846. [1]

---

1 Camillo, ao contrário do que afirma neste documento subscrito por todos os seus apelidos de família, parece nunca ter cursado a Universidade de Coimbra. Em 1843, 44 e 45 freqùentou a Politécnica do Pôrto, tendo perdido este último ano escolar. Em 1846 (ano desta carta) esteve no Norte, envolvido na revolução da Maria da Fonte, da qual refere episódios no livro dêste título e nas *Memorias do Carcere*, e, por fim, encerrado nas cadeias da Relação do Pôrto, por obra de seu tio Pinto da Cunha, que assim queria impedir o fu-

turo escritor de «uma ligação que o faria desgraçado». Saído da prisão, onde viveu de 12 a 23 de outubro daquêle ano, Camillo veio efectivamente para Coimbra «estudar preparatorios, latim e rhetorica, diz-nos na *Maria da Fonte;* cursar o primeiro anno juridico, escreve nas *Memorias do Carcere*. Quereria habilitar-se para exame de algumas disciplinas exigidas como admissão ao curso juridico.» (Alberto Pimentel — *O Romance do Romancista*, pág. 108).

Confirma a suspeita de que Camilo nunca foi escolar da Universidade o facto dum amigo daquêle seu biógrafo percorrer as *Relações dos estudantes matriculados na Universidade e Lyceu de Coimbra* de 1840-41 a 1860-61 sem ter encontrado o nome do romancista (Id., pág. 109).

Possivelmente foi o encerramento das aulas imposto pelo estado político do país quem impediu Camilo duma projectada formatura.

Entretanto, quando dirigiu a carta a Herculano (Agosto) ainda nem sequer se tinha dirigido a Coimbra para começar os estudos, quanto mais colhido «victoriosas palmas das fadigas do seu primeiro anno!»

Quanto á sua transferência a Lisboa, natural é que a apetecesse. Aqui lhe preluziria mais amplo horizonte aos seus talentos, e o caso da freqùência escolar seria apenas um estímulo á protecção do historiador, já então fruindo notoriedade e influência.

O estilo desta carta é um curioso espécime da primeira maneira do Mestre — linguagem hesitante e mal segura, de construções proto-românticas e de grafías arcaicas (*he*, *hum*, etc.)

A Anselmo de Morais

Não conheço alguma particularidade da vida de Anselmo de Morais senão que foi livreiro e editor estabelecido no Pôrto.

Sustentou com Camilo, contra quem escreveu o folheto *Questão de propriedade litteraria* (Pôrto, 1868) um litígio na imprensa e nos tribunais por se julgar lesado com a publicação do *Mosaico e Sylva de curiosidades historicas*. Parece que foi tambêm proprietário dum jornal — *A Actualidade*.

Ill.mo Sr.

Tambem hoje não posso procural-o, por isso lhe digo por este meio o essencial do que tinha a dizer-lhe. Já hontem expliquei ao Correia a inconveniencia de absorver tanto original; receio que os collaboradores se descontentem com a pequenez da gratificação.

Será pois bom que se faie quanto seja possivel as columnas, visto que o formato do papel é grande de mais. O *Panorama* absorve em cada pagina metade das lettras, e a *Revista Contemporanea* ainda menos.

Dos escriptos publicados na *Gazeta Litteraria* tenciono formar um volume intitulado «MOSAICO por *Camillo Castello Branco*».

Terá o volume mais de 280 paginas, 8.º. Parece-me que sahirá um livro de leitura agradavel. Creio que a V. S.ª convem edital-o, aproveitando desde já a composição. Dou-lhe a propriedade pelo mais barato preço, que é possivel, desejando coadjuval-o no comêço da sua carreira. Receberei 28 libras; sendo 14 recebidas agora, e as outras 14 logo que estejam preen-

chidas as 280 paginas. Se isto lhe convier, queira avizar-me.

Será bom que mande o 1.º n.º ás redacções, e especialmente ao *Commercio*, pedindo que escrevam alguma cousa relativo ao jornal.

Aos collaboradores deve tambem ser remettido. O auctor da *R. de Braga* é João de Mendonça (doutor) de Braga; e Delfim d'Almeida é de Villa do Conde.

De V. S.ª
Att.º ven.or e cr.º

S. C. 5 de Janeiro
de 1868

Camillo Castello Branco

Ill.mo Sr. Anselmo de Moraes

Vóu sahir brevemente do Porto para o Campo onde tenciono demorar-me alguns mezes. Preciso que tome uma deliberação antes da minha sahida, com referencia ás publicações começadas, e aos salarios vencidos da *Gazeta Litteraria*. A não continuar V. S.ª o *Mosaico*, considero-me proprietario dos artigos publicados; e o mesmo se entende com a *Regina*. A não querer vir entender-se comigo, pense e es-

creva a sua definitiva deliberação. Já lhe pedi a remessa dos manuscriptos que ficaram. Meus existem um artigo de critica de Innocencio Francisco da Silva, e outro que acompanha um sermão. Parece que estes lhe não pertencem mais que os outros; mas, se os não quizer devolver, não me faz isso leve pena.

De V. S.ª
Att.º Ven.or

Porto, 9 de Junho de 1868.

Camillo Castello Branco

A Soares de Passos

Do grupo dos ultra-românticos do "Trovador", António Augusto Soares de Passos é certamente o mais ilustre. Nasceu no Pôrto em 1826 e aí faleceu tuberculoso apenas com 34 anos de idade.

Em Coimbra, onde se bacharelou em direito, fundou com Alexandre Braga, pai, e António Aires de Gouveia, mais tarde bispo de Betsaida, *O Novo Trovador*. As suas poesias, dispersas na imprensa do tempo, apareceram pela primeira vez em volume no Pôrto, em 1856, e de tal ordem foi o triunfo, que só até 1865 tiveram seis edições, coisa de pasmar naquela época. Não é o perfeito da forma, nem a tristeza doentia que salvam do esquecimento e dão imortalidade aos seus versos; é o profundo sentimento da dôr que os repassa, é a comovida sinceridade que os anima e a inspiração

AMIGO PASSOS

Ahi vai o prospecto; se puder obter muitas assignaturas, t'as remetterei. Ha dias q. te escrevi uma carta, creio q. a receberias.

Dize ao A. Braga [1] q. faça o favôr de me enviar o Clamor Publico, de que é redactor, seg.do creio, q. eu inviarei a importancia d'um semestre, logo q. receba o 1.º n.º.

Manda o teo do C.

Am.º
Camillo.

T. C. do Crasto — 15
de Março [2].

P. S. O Clamor deve sêr-me remettido p.ª a V.ª de Paredes.

---

1 O notável poeta, orador e jurisconsulto Alexandre Braga, pai do advogado do mesmo nome há tempos falecido.

2 No sobrescrito tem o carimbo do correio do Pôrto, com data de 1857.

AM.º PASSOS

Mal futurava eu que ao chegar a casa com os nervos derrancados pelas tropelias ao Cust.º Vieira, viria encontrar o suave calmante dos teus versos. Li-os, meo Ant.º, como te leio sempre, menos com a cabeça q. com o coração.

que por vezes alcança os cimos da sublimidade.

Uma das suas poesias, *O Firmamento*, é das mais formosas peças poéticas que nos deixou o Romantismo. *O Noivado do Sepulcro* também teve, durante muitos anos, a sua aura de celebridade.

Como espero estar no Porto depois de amanhã (mt.º de fugida, porq. vou a Vianna) quero então dizer-te de viva voz as m.as impressões e agradecer-te n'um abraço as tuas palavras affectuosas.

Nada me dizes sôbre o A. Gama? Não lhe entregaste a papelada?

Do c. desejo allivios aos teus padecim.tos Tem juizo, e trata de ti a valer.

Do teo

6.ª f.ra
14

Camillo.

A. Avelino Cesar Calisto

Avelino Cesar Augusto Maria Calisto, natural de Coimbra, foi lente catedrático de Direito na Universidade, onde se doutorára em 1868. E' autor dalguns compêndios escolares.

Tornou-se muito popular em Coimbra pelas suas manias mavórticas e outras excentricidades.

ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR. DOUTOR AVELINO CESAR CALLISTO.

Na 27.ª lição lithographada, proferida por V. Ex.ª na aula de Direito Ecclesiastico Portuguez, no corrente mez de março, lê-se o seguinte periodo:

...*E no emtanto, a intelligencia do grande Marquez já foi posta em duvida por uma das intelligencias de maior vulto da nossa moderna litteratura. Mas desgraçada intelligencia! Ella é posta em almoeda e ao serviço de qualquer causa em troca de miseraveis e mesquinhos interesses. Intelligencia mercenaria que convenientemente dirigida seria a gloria de um paiz, e d'este modo a deshonra de uma litteratura e do paiz a que pertence.*

Venho pedir a V. Ex.ª a mercê de declarar se o abaixo assignado é o escriptor a quem V. Ex.ª dirige as allusões injuriosas do periodo trasladado.

S. Miguel de Seide,

23 de março de 1883.

Camillo Castello Branco [1].

---

1 Esta carta não teve resposta, como o próprio Camilo afirma no folheto onde pela 1.ª vez foi impressa, e que redigiu exasperado por tal silêncio. Foi o primeiro da célebre controversia, que, com o rótulo de *Questão da sebenta*, passou à nossa história literária.

A Caetano de Sousa Filgueiras

Caetano Alves de Sousa Filgueiras nasceu na Baía em 1830 e faleceu no Paraíba em 1882. Doutorou-se em direito em Olinda, desempenhou várias missões oficiais, governou Goiaz e estabeleceu-se por fim como advogado na cidade em que veiu a falecer.
Dirigiu alguns jornais— *O Tapuia, Diario do Rio de Janeiro*, *O Conservador;* escreveu, em verso, os *Idyllios* (1872) e *Arremedos de poesia* (1851), êste, no gôsto das *Folhas cahidas de Garrett*, e, em prosa, várias comédias, o livro de contos *Teteias* (1873) e as *Reflexões sobre as primeiras épocas da historia em geral e das Capitanias em particular* (1856.)
Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brazileiro.

ILL.mo E EX.mo SR. DR.

A *Epistola* de V. Ex.ª ao Sr. Machado de Assis encontrou-me num ponto do mundo o mais formoso para idoneamente a ler e apreciar. Estou no Minho de Portugal, onde a meu ver folgam e inspiram musas irmans das de *Vista Alegre* nesse fecundante imperio.

Custa-me a crer que V. Ex.ª seja jurisconsulto !

Como se pode assim poetar e escrever com a mesma penna que hade escrever os *provarás?* Como concilia V. Ex.ª a leitura dos Mirandas, Lobos e Ferreiras, tão limpidamente espelhados nos seus versos, com os Bartholos, Silvas e Pegas !

Seja como fôr, os poetas que foram, e os jurisconsultos que são em Portugal, no dia em que redigem o primeiro requerimento demittem-se de poetas; e se teimam em mesclar o sagrado do alto monte com as profanidades trapaceiras do fôro... sahem pessimos em ambos os officios.

Quando conclui a leitura do seu excellente folhetim disse a pessôa intelligente que me ouvia: *Aqui está quem devia escrever as Georgicas Brasileiras!*

Não sei que accrescentar a este louvor!

A mim encanta-me tudo que tem certo sabôr antigo, sem o travo dos archaismos e velharias que se não compadecem com o tempo, nem respondem ao sentimento que é de si novo e estranho ao sentir dos antigos.

Tem a poesia de V. Ex.ª as formosuras do que mais formoso era ha dous seculos, e uma certa espiritualidade, novidade e viço que é totalmente destas nossas primaveras dos ultimos vinte annos.

Se o meu parecer tivesse força no seu animo, pediria eu a V. Ex.ª que me mandasse muitas dessas cartas, e me considerasse tão justo e sincero como os juizos dos seus conterraneos.

Já que V. Ex.ª m'o permitte, gostosamente me assigno de V. Ex.ª

amigo e agradecido criado

e admirador sincero

Camillo Castello Branco [1]

---

1 A — pezar — de não datada, esta carta é de Agosto de 1866.

A Carlos Borges

Carlos Borges nasceu em Lisboa em 1849. Entusiasta por coisas de teatro, tem sido autor, tradutor e empresário. Foi êle quem pela primeira vez trouxe a Lisboa Sarah Bernhardt

Tem na sua bagagem literária os romances *Dois genios differentes* (1866) sôbre a qual versa a carta que segue, *Eulalia* (1868); os dramas *O Bobo, Arco de Sant' Anna, Os Fidalgos da Casa Mourisca* e *O Sello da Roda*, e as comédias *Na boca do lobo, O primeiro desgosto, Comedia e tragedia, O marido de duas mulheres*, etc. Entrou na questão *Bom senso e Bom gosto* com o folheto *Penna e Espada* (1866).

Meu Amigo

3 de setembro de 1866.

Congratulo-me com V. pela sua ida para Coimbra. Vá. Receba aquella iniciação do futuro, que o ha de ter magnifico.

Honra-me e honro-me muito com a dedicatoria do seu romance. — E sobremodo me lisongeia associando o meu nome ao de seu pai no livro da sua juventude litteraria [1] já bella, já esperançosissima.

Disponha d'este cenobio do Minho onde tracto de bestificar-me e engordar.

De V. amigo, etc.

Camillo Castello Branco.

(1) *Dois genios differentes* — Lisboa, 1866 (Outubro) O livro é dedicado a Camilo.

Ao dr. Casimiro

> Nada averiguei àcêrca dêste correspondente de Camilo, por mais diligências que empregasse.

Amigo dr. Casimiro

Sinto que esteja longe, nesta occasião em que tanto queria falar-lhe no assumpto sobre que lhe escrevo. Eu quizera ser um rico, para melhorar a sorte das infelizes religiosas de Lorvão. Deus cingiu-me n'um annel de pobresa, onde me é forçoso ver restringidos os vôos da minha alma, incompativeis com as minhas posses.

Lembrou-me um meio e só esse tenho: é o cabedal da minha pouca intelligencia. Resolvi publicar as minhas poesias completas applicando o producto áquellas senr.as mas, para isto, preciso que V. convide os assignantes por meio do jornal. O administrador, o gerente, e o encarregado da cobrança deve ser Francisco Pereira de Azevedo.

Se isto tivesse a approvação do meu amigo, deveria ja, já ser posto em pratica. No cazo de vermos que a concorrencia é pouca, não perderemos, ao menos, porque não principiaremos a publicação sem um n.º de assignaturas que nos promettam a salvação das despezas. Os nomes dos subscriptores devem, com o n.º de exemplares, ser publicados, para que nunca se possa envenenar o meu pensamento.

V. decidirá segundo a sua consciencia.

Tenha as venturas que lhe deseja o seu amigo

Camillo Castello Branco

Senhoras:

Eu não vos conheci na prosperidade, nem vos conheço no infortunio. Quando a desgraça se foi sentar no limiar do vosso mosteiro, transpunha eu os humbraes do mundo. Começava para vós a miseria quando para mim começava a consciencia da vida. Vós ereis adultas, e tinheis conhecido uma estação de venturas, e eu, creança de 7 annos, nem ao menos tinha a reminiscencia das felicidades do berço. Sympathiso, pois, com as vossas desgraças: sois minhas contemporaneas de lucto no mesmo dia e na mesma hora talvez; com a differença, porem, que eu sou um homem sem familia, de alma de ferro, a braços com o mundo e com o trabalho; vós sois vinte senhoras, prostradas pelo desalento, debeis de espirito, extenuadas de lagrimas estereis e cegas da animadora luz da esperança, que é, n'esta vida, o fanal benigno dos desgraçados. Eu tenho mais que vós uma longa vida para retalhar em desenganos tardios; vós tendes mais que eu um coração grande para a resignação, e uma fertil seara de corôas de martyres a colher no ceo. Mas realmente, infelizes sou eu e vós.

Permitti, senhoras, que eu vá saudar-vos no infortunio com a saudação que tantas vezes, em eras felizes, vos era feita. A poesia foi n'outro tempo uma vossa amiga de casa, uma virgem

de vestes brancas a festejar as vossas alegrias, o deleitar-se com vosco nas vossas innocentes festas. O poeta consagrava-se a vós no melhor das suas inspiraçoens, e ninguem como vós acolhia o genio em ovaçoens que o lisongeavam. Deixae fallar estas almas de hoje requeimadas e aridas, como o chão onde as folhas do outomno se resolvem sopradas pelo suão, myrradas de affectos nobres. Deixae-as fallar, que a verdadeira poesia do coração morreu com a poesia do mosteiro; e esse espectro livido de fome que passeia entre vós no claustro, tem cá fóra, neste mundo, bem parecido com o vosso, um irmão gemeo, que os homens chamam «scepticismo» e Deus chamará «condemnação!»

Deve parecer-vos estranho que a poesia, vossa querida em eras venturosas, vá hoje com o sorriso das consolaçoens, em ar de festa, pedir-vos amisade, em tempos de tamanha tristeza. Não lhe repareis no sorriso; vêde-lhe o lucto carregado que ella traja, e comparae-o ás gallas radiosas que a vestiam, nos dias em que a vistes, louçan e folgada, trocar com vosco singelezas de graça, e canduras de respeito.

Esta poesia é a minha, tristissimo sôro de lagrimas muito amargas, exposição leal d'uma vida muito trabalhada de amarguras. Não ha ahi um verso que não me recorde um infortunio; não ha ahi uma pagina da qual eu possa dizer: «escrevi-a n'uma hora de contentamento!»

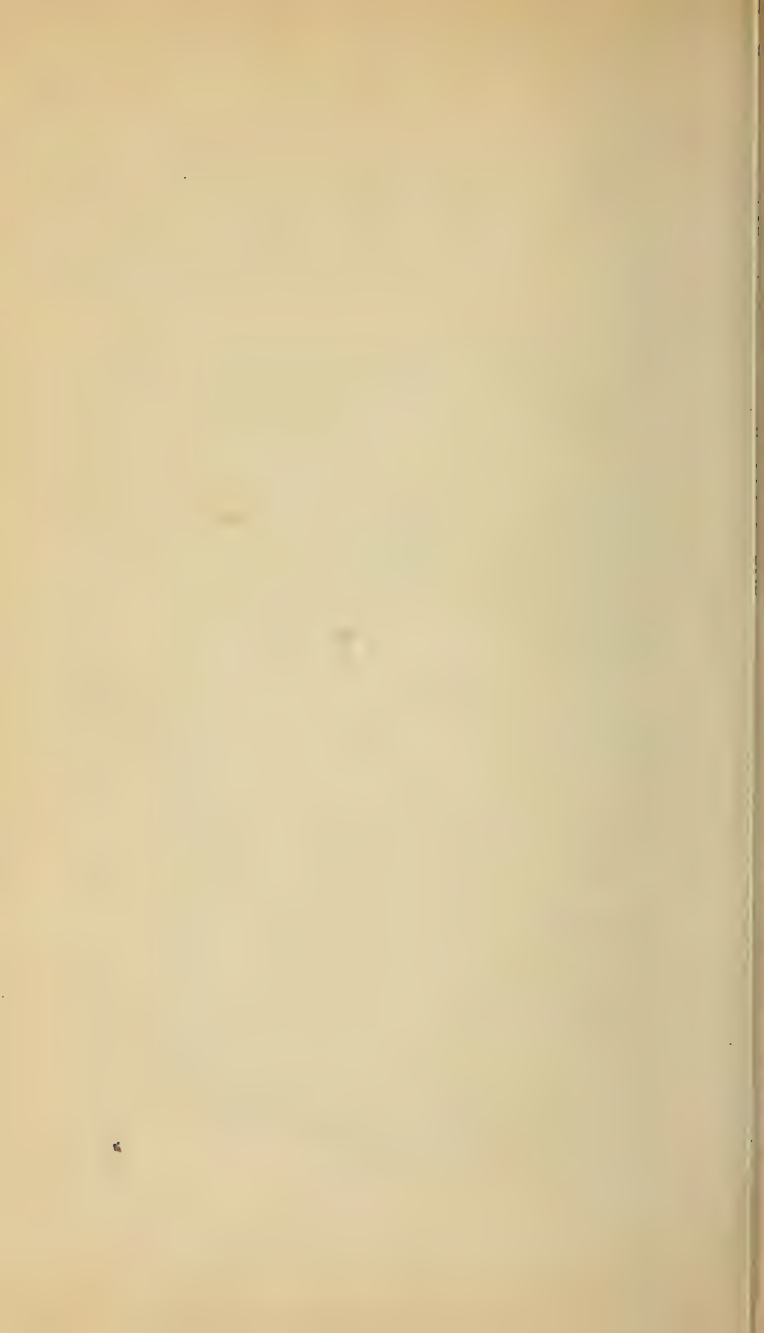
Sabe-o Deus, e sei-o eu, quanto foi maravilhoso para mim o poder eu tantas vezes, arrancar um verso d'entre as agonias do espirito, mas agonias dessas, que matam a palavra, e exacerbam o sentimento.

Um livro de versos assim, é um archivo de lagrimas e lagrimas são ellas tão nobres que eu reputei-as dignas de entrarem com as vossas no abysmo das lagrimas inconsolaveis neste mundo. Oh ! eu escrevo estas linhas, senhoras, com uma alegria de consciencia inexprimivel. Eu creio no vosso Deus, creio na santidade das mortificaçoens, creio na fome e sêde da justiça como aurora das abundantes misericordias do Senhor. É por tanto deixae-me crêr que os meus padecimentos d'algum modo ligados aos vossos por um vinculo de dor, serão mais bem encaminhados pelas vossas oraçoens ao tribunal das recompensas.

Permitta Deus que vos não seja uma affronta a dedicação dos meus versos. Eu não pude esconder da mão esquerda o que a direita fazia. Sou pobre; e sem a publicidade o sentimento nobre, que os vossos augustos infortunios me despertaram, teria de entrar inutil no coração que me tem sido o tumulo de todos os sentimentos generosos.

Dignae-vos, senhoras, acceitar os respeitos d'um admirador de vossas virtudes e desgraças

Camillo Castello Branco

A Diogo Souto

Era do Pôrto. Em 1863, na presença do rei D. Luís, recitou no teatro Baquet, daquela cidade, uma poesia — *Pedro V e Luiz I*, em que o segundo daquêles monarcas era convidado a seguir os exemplos de seu irmão e antecessor. A poesia irritou o público e o poeta portuense Pinheiro Caldas improvisou ali mesmo duas quadras de desafronta.

Publicou a poesia *Amica Veritas*, em honra de Camões, recitada no Palácio de Cristal do Pôrto em 1880. Colaborou em diversos jornais literários, vindo a falecer em 1901. Um seu livro de poesias póstumas, *Amores*, veiu a lume no Pôrto em 1902.

EX.^mo SR. E MEU AMIGO

Em um obscuro escripto que imprimi a respeito de Camões (1) tive desejo de dizer em prosa o que V. Ex.ª apregoou em valentes versos (2).

O sr. Diogo Souto lavrou um protesto contra a parlapatice contemporanea; e se sollicitar um "abaixo assignado" de testemunhas abonatorias do seu bom senso e da sua coragem, ha de grangear centenares de assignaturas confirmativas, que offereçam á crítica por vir um documento de sinceridade honesta e destemida. Pedia-lhe eu que entre os nomes dos mais humildes signatarios inscreva o do

Seu velho e affectivo admirador

Camillo Castello Branco

S. C.
S. Miguel de Seide
15-6-80.

1 *Luiz de Camões — Notas biographicas.* Prefacio da 7.ª edição do *Camões* de Almeida Garrett. Porto e Braga, 1880. Veja-se no presente vol. e em contrário dêste livro, o que dizia Camilo do poeta das *Rythmas* na 7.ª carta dirigida a Ernesto Chardron.

2 O folheto de Souto intitula-se: *Versos do Centenario de Camões — Amica veritas.* Porto, 1881. Este opúsculo teve pelo menos 4 edições, mas a carta de Camilo só consta da 3.ª em diante.

A Edmundo Machado

ILL.^{mo} E EX^{mo} SR.

Sou o cadaver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n'este paiz, durante 40 anos de trabalho.

Chamo-me Camillo Castello Branco e estou cego.

Ainda ha quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flammula escarlate. Depois, sobreveio uma forte ophtalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguineas.

Ha poucas horas ouvi ler no *Commercio do Porto* o nome de V. Ex.^{a}. Senti na alma uma extraordinaria vibração de esperança.

Poderá V. Ex.^{a} salvar-me ? Se eu podesse, se uma quasi paralysia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procural o. Não posso. Mas poderá V. Ex.^{a} dizer-me o que devo esperar d'esta irrupção sanguinea n'uns olhos em que não havia até ha pouco uma gota de sangue ?

O Dr. Eduardo de Magalhães Machado nasceu em Aveiro em 1856 e aí vivia quando foi convidado por Joaquim de Melo Freitas a ir a Seide examinar os olhos de Camilo, Foi um dos mais distintos estudantes da Escola Médica-Cirúrgica do Pôrto, e do seu valor deixou provas na dissertação de concurso *A syphilis e o traumatismo.*

Teve consultório de oftalmologia no Pôrto de sociedade com o dr. Plácido da Costa; fez clínica interna no hospital de S. Antonio; viajou no estrangeiro em estudos da sua especialidade e por fim, em 1890, fixou-se na sua terra natal. Pouco depois abandonava a carreira médica para se dedicar exclusivamente a estudos de economia, agricultura e piscicultura.

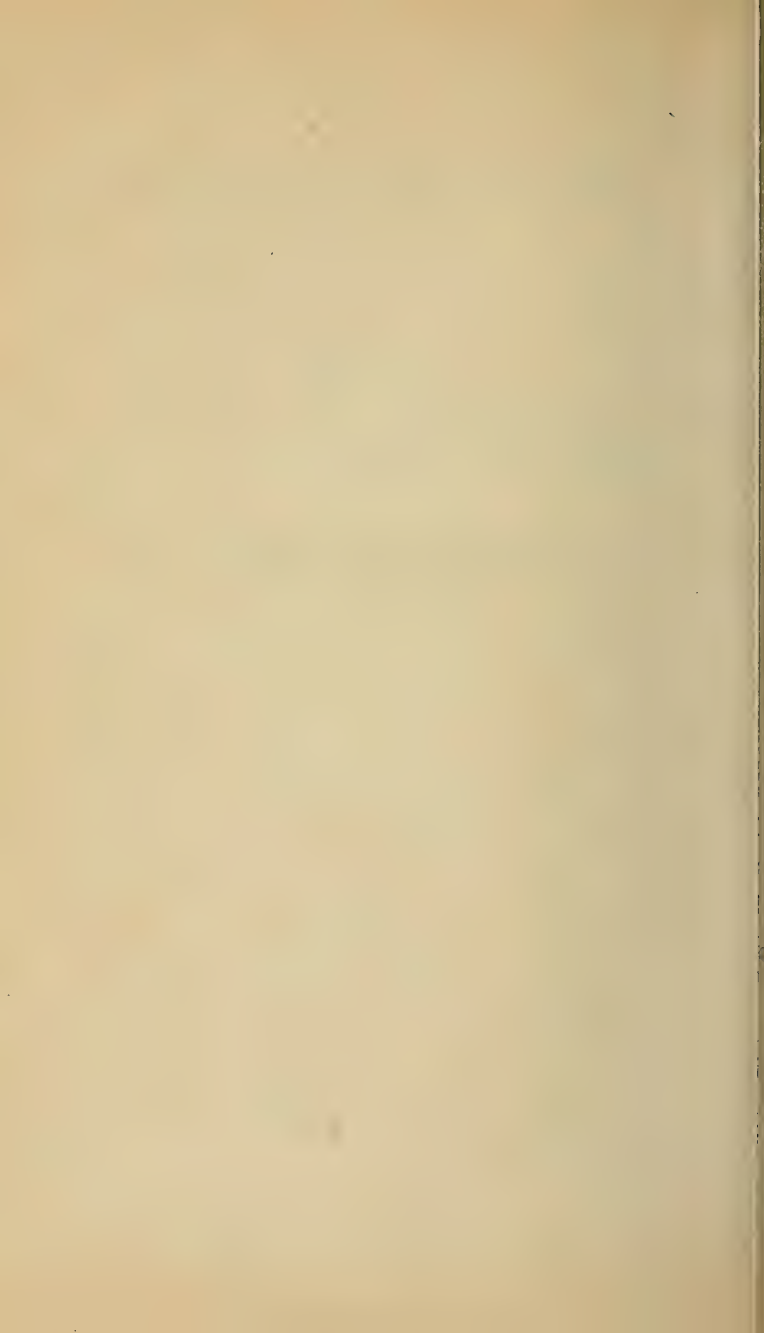
Faleceu em 1899.

Digne-se V. Ex.ª perdoar á infelicidade estas perguntas feitas tão sem ceremonia por um homem que não conhece.

Casa de V. Ex.ª
S. Miguel de Seide,
Concelho de Famalicão,
21 de maio de 1890.

De V. Ex.ª, etc.
Camillo Castello Branco.

□

A Eduardo Coelho

José Eduardo Coelho nasceu em Coimbra em 1835, e morreu em Lisboa em 1889.

Começou por caixeiro; e nessa profissão despropícia a grandes vôos intelectuais adquiriu certa ilustração nos muitos livros que lia nalguma hora feriada das suas ocupações. Mestre de primeiras letras, professor de francês, tradutor e por fim tipógrafo, foi-se a pouco e pouco relacionando com escritores e jornalistas, publicando aqui e àlém artiguinhos, poesias, pequenos contos. A decidida protecção de Silva Túlio e mais tarde de José Estevam e António Rodrigues Sampaio abriu-lhe definitivamente o caminho do jornal. Fundou alguns, colaborou assiduamente noutros; mas o seu principal título de glória é a fundação do *Diario de Noticias*, que trouxe a novidade do jornal a 10 réis e teve um êxito retumbante. Auxiliou-o na arrojada tentativa um antigo

MEU AMIGO EDUARDO COELHO:

No seu *Diario de Noticias* de 26 de setembro, publicou o sr. Araujo Assis o 3.º capitulo da interessante "Historia dos sinos da Bemposta." Na terceira columna, escreve o fluente romancista: ..."Conservava os olhos fechados, mas pela grandeza do oval preadivinhava-se (permittam o termo inventado pelo mestre dos mestres) que eram bellos."

O termo inventado é o *preadivinhar*. O mestre a quem é attribuida a invenção, quem quer que seja, deve ser escriptor moderno; porque, ha seis annos, que o sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, esmerado litterato, arguiu de absurdo aquelle verbo, empregado pelo sr. José Cardoso Vieira de Castro, e desde então outros escriptores, já mofando, já admoestando, com a maxima gravidade philologica, requereram que se cravasse no balcão a palavra como moeda falsa.

Quer-me parecer, meu amigo, que (não sei onde) fui eu um dos que modernamente empregaram o malsinado termo. O meu amigo V. de Castro peccou por minha causa, se o amor proprio me não engana. Ora, nem elle nem eu inventámos a palavra. Tomáramos nós saber um terço das que estão inventadas ha mais de duzentos annos! E esta de preadivinhar, boa ou má, é uma das que nós já podémos ir enthesourando da riquissima vernaculidade do seculo XVII.

Quem primeiro m'a ensinou foi um jesuita, chamado Antonio Bandeira, que em 7 de setembro de 1643 prégou em Coimbra na solemnidade do infante D. Affonso. N'esse mesmo anno, imprimiu o insigne doutor o seu sermão, no qual, a pag. 2, li o seguinte: "Nos nascimentos dos principes muito se cançam os astrologos em levantarem figuras e em tirarem horoscopos do que ha de vir a ser, para com as boas venturas, que de futuro promettem, acrescentarem os applausos que de presente se fazem. Assim fizeram os moradores das montanhas da Judea, no nascimento do infante precursor, conforme as pala-

companheiro de caixotins, Tomás Quintino Antunes, que morreu conde de S. Marçal.

Eduardo Coelho escreveu muito. Deixou comédias e dramas no gôsto da época: *Opressão e Liberdade*, *Amor e Amizade*, *Amor aos bofetões*, etc; poesias — *Primeiros versos*, *O livrinho dos caixeiros*; romances — *Portugal captivo*, *Pero Esteves*, *Estella*, *As columnas da rua Nova*, *O casamento do reino de Inglaterra com o reino de Portugal*, etc, todos publicados nos „Brindes„ que o *Diario de Noticias* distribuia anualmente.

Ainda tem alguns escritos mais sôbre viagens, biografias, etc.

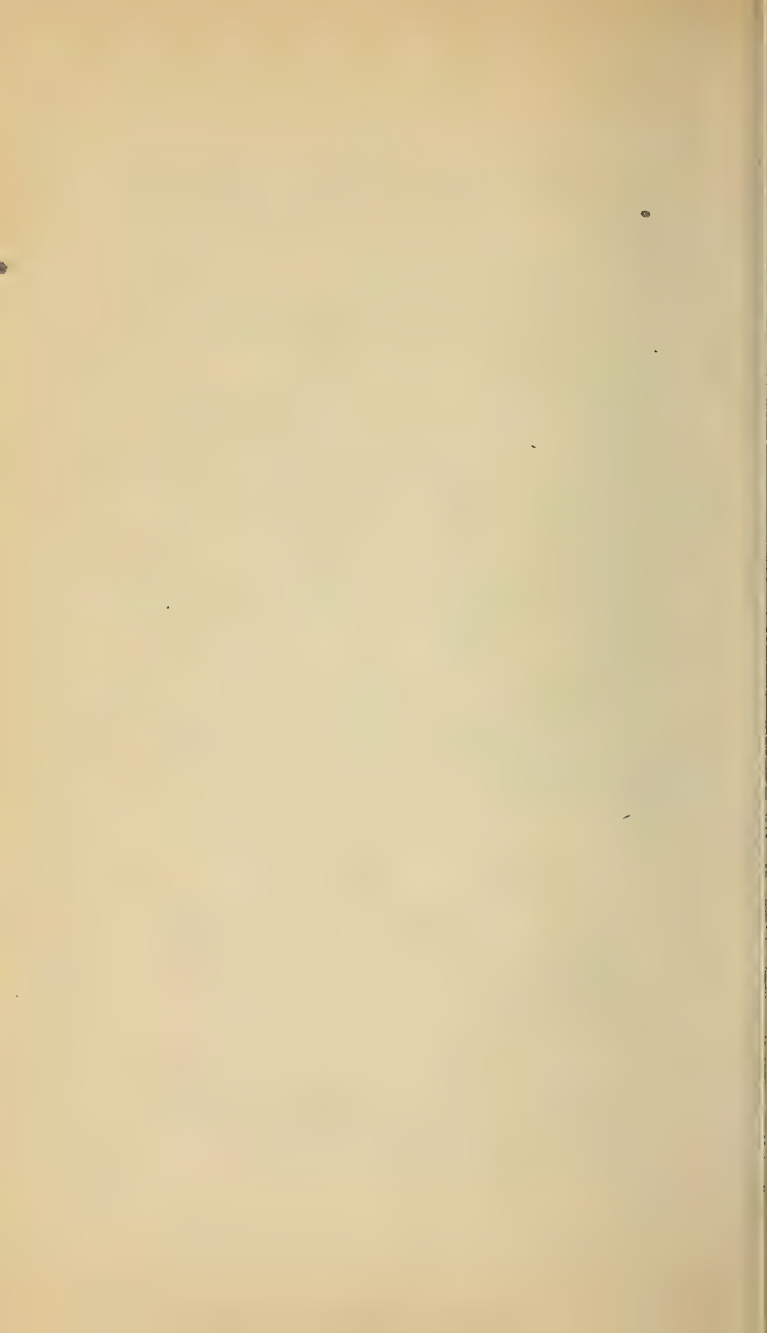
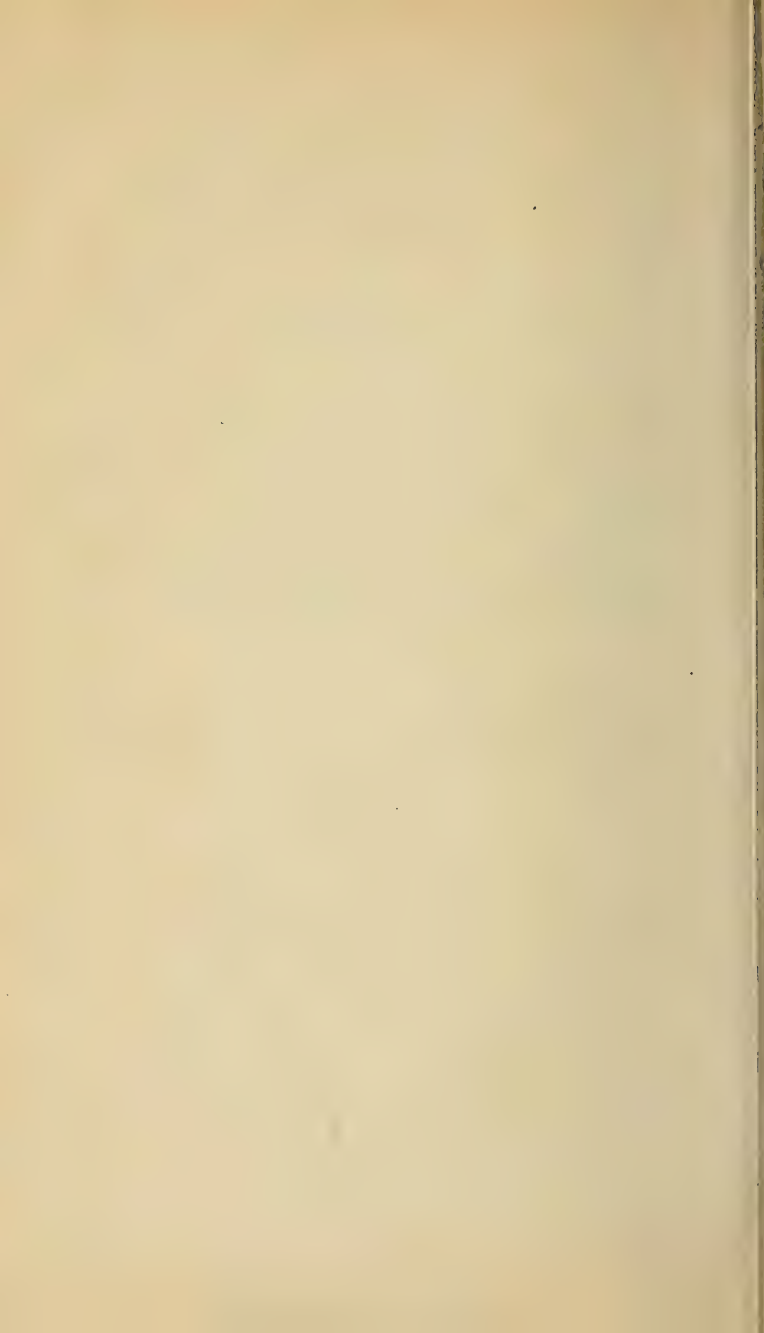
vras do nosso thema: «Quem vos parece que virá a ser o bello infante nascido?» Mas logo por bom prognostico se deram por respondidos nas palavras que se seguem... como se uns aos outros, *preadivinhando*, respondessem: Quem ha de ser o bello infante nascido? Claro está — o mesmo feliz... etc.»

Não sei se o padre Antonio Bandeira inventou a palavra odiosa para cumular os delictos que pezam sobre a memoria da Companhia de Jesus. Eu é que não fui, meu caro collega, nem Vieira de Castro, nem os outros incautos que o nosso exemplo derrancou.

Peço-lhe o favor, portanto, de fazer notoria ao sr. Araujo Assis esta grave cousa, digna das lucubrações d'um certo varão prestante que, por infelicidade do genero humano, não aperfeiçoou os seus lavores sobre o adverbio e a conjuncção, sinceramente incomiados por N. Tolentino.

De V.
amigo, etc.

Camillo Castello Branco

S. Miguel de Seide
28 de setembro de 1868.

A Eduardo da Costa Santos

Mais outro correspondente de Camilo de quem me escassei-am informações.
Sei que foi bombeiro no Pôrto e que se meteu a editar, talvez por conselho do escritor, a quem publicou vários romances.
Fundou naquela cidade a *Livraria Civilisação*.

MEU PRESADO AMIGO

Muito folgo que queira editar o opusculo, cujo titulo vae alterado ([1]). Hoje lhe envio o que está posto como hade ir definitivamen.te, p.a se adiantar a composição. Vou escrevendo o resto que será outro tanto. No formato do "General" e o m.mo n.o de linhas iria bem. Desejo ver com preferencia o *Commercio* onde sahiu a noticia da morte do Forrester. Se lhe é facil, queira remetter-m'o pelo Nuno, visto q. elle ahi vai domingo, não podendo ser antes. As provas da porção q. remetto podem vir já paginadas.

Creio que o Nuno, se tiver algum tino, se restaurará; mas... E' singular que tanto elle como a mãe se tenham esquecido da filha ([2]) que por aqui está, alegrando e mortificando a avó.

Quanto a *visconde*, o Nuno está pouco talhado para essas *falporrices*. O seu genero é o *povo*, um pouco a taverna, e os burros. Realm.te, um visconde, com estes habitos, envergonharia o Trind.e e outros finos sustentaculos da aristocracia.

---

1 O opusculo era *O Vinho do Porto*. Porto, 1884.
2 Esta filha era Maria Camila, que faleceu criança.

Uma coisa q. me fez rir foi o Melicio [1], que se diz o mais bem informado das coisas de secretaria, escrever-me carta de parabens por lhe *constar* (*constar é ter a certeza*) de q. o rei me agraciára em duas vidas. Escrevi-lhe immediatam.te pedindo-lhe que retirasse as felicitaçoens e fizesse justiça ao rei e a mim.

Vai o ms. registado. Affectos de A. Placido.

Do seu am.º

C. Castello B.co

26/3/84.

◻

Meu am.º

Cuidei que do supremo tribunal só havia recurso para o poder moderador. A *Bohemia*

---

[1] João Crisóstomo Melício, visconde de Melício, bacharel em direito por Coimbra, deputado e jornalista, proprietário e director do *Commercio de Portugal*.

Melício enganou-se desta vez, mas não deixou de ser profeta; Camilo foi efectivamente aviscondado em sua vida, quinze mêses mais tarde, por decreto de 18 de junho de 1885, referendado por Barjona de Freitas.

No *Camillo Inédito*, do Visconde de Vila Moura, há uma outra carta de Camilo, reportada ao caso.

será devorada pelos ratos antes que a ultima sentença seja inappellavel (1).

Agradeço as suas explicaçoens. A minha doença vae tomando uma gravidade que não permitte duvidar da breve solução da lucta em que vivo ha tantos annos. Desejo isto acabado; e, se previsse uma longa agonia, empregaria algum esforço por abrevial-a.

Queira felicitar o Snr. Dr. Moreira da Fonseca pela 2.ª victoria da sua lucida argumentação.

Do seu obg.mo am.o

C Cast.o Br.o

---

(1) Refere-se ao volume *Bohemia do Espirito*, que Costa Santos editorou em 1886. Dêste volume constavam várias produções camilianas anteriormente vendidas à casa Chardron. Os sucessores dêste, Lugan e Genelioux, mandaram apreender a edição, sendo a questão levada aos tribunais, e decidida finalmente a favor de Costa Santos.

Camilo, defendendo-se, escreveu sôbre o incidente um folheto — *A diffamação dos livreiros successores de Ernesto Chardron*, publicando êstes um outro em resposta, intitulado *A Defeza dos livreiros successores de Ernesto Chardron*, onde são publicadas 13 cartas de Camilo (vid. estas cartas, no presente vol., dirigidas a Ernesto Chardron.) Na camiliana de José dos Santos (Lisboa, 1916), diz-se erradamente (n.º 42) que a *Diffamação* foi escrita por Camilo em resposta ao folheto de Lugan & Genelioux.

P. S. Suspendi o depurativo do Dr. Quintella por que me exacerbava os padecim.^{tos} Peorei da vista e da zoada dos ouvidos. Dores de cabeça; maior prisão de ventre e maior prostração. Não escrevo ao Dr. p.ª o não incommodar. Vou fazer presente dos 3 frascos a uns syphiliticos que por aqui gemem os seus peccados.

C. Br.º

2.º P. S.

Queira perguntar ao sr. M.^{el} Ignacio se entre os livros que seu irmão recebeu do espolio do Oliveira ainda existem uns volumes truncados das *Memorias Genealogicas da Casa Real,* sem os 6 tomos das provas. No caso de existirem desejo saber quanto se pede por elles (1).

□

(1) No sobrescrito desta carta, que o sr. Antonio Cabral possue, vê-se pela marca do correio do Pôrto que foi entregue nesta cidade em 30 de Março de 1886.

A Ernesto Chardron

Mr. Chardron

Queira enviar-me o *L'Homme-femme*, (em francez) e mais algum livro respectivo a esta questão, se se houver publicado.

Consta-me que além de *La Femme-homme*, já corre em Paris *Tue le, Tue-la* e *Tue-les.*

Lembra-me escrever sobre o mesmo assumpto um opusculo assim intitulado:

A Grande Questão

do

Marido-esposa, da Esposa-marido, do Mata-aquelle, do Mata-aquella, do Mata-os dois

por

Um socio prendado de varias philarmonicas

O folheto, que deve ter entre 50 e 60 paginas, vai anonymo; mas não se me importa que se saiba e se deixe dizer nos jornaes que elle é meu.

Não traduzo o *Homem-mulher* do *L'Homme-femme* de Dumas, porque aquella interpretação

Ernesto Chardron veiu de França, sua pátria, para Portugal em 1858, empregandose na antiga livraria Moré, do Pôrto. Em 1889 estabeleceu-se por conta própria, abrindo a *Livraria Internacional*, ainda hoje existente, propriedade da firma Lelo & Irmão. Inteligente e arrojado, era em geral bem sucedido nas edições que lançava, mais tarde anunciadas no *Boletim Bibliographico*, que fundou, largamente colaborado por Camilo, que lá fazia a critica de quase todas as obras editadas.

Associado a seu irmão Eugénio, fundou uma livraria em Braga, filial da do Pôrto.

As relações de Camilo com os irmãos Chardron foram sempre cordialissimas, e só depois da morte de Ernesto surgiu um mal-entendido entre o escritor e os sucessores daquêle.

Alegando uma contravenção ás leis de propriedade literária,

do Santos Nazareth é tola. O escriptor quiz enlaçar homem e mulher no estado de casados, e não formar dos dois entes uma palavra hermaphrodita. O meu plano é tratar a questão jocosamente, para desenfastiar o publico das graves porcarias que se escrevem e hão-de escrever a tal respeito.

Am.º obg.º

Camillo Castello B.

moveram a Camilo uma campanha difamatória e paralelamente um processo, chegando a publicar em folheto, hoje pouco comum, uma porção de cartas em tempos enviadas pelo romancista a Ernesto Chardron.

Faleceu o notável editor em 1885.

Meu bom amigo

Vi a noticia da sua nova empreza editora de classicos. Para desobrigar-me dos deveres de amigo, aconselho-o a que não se embarque em tal negocio. O Lopes da rua do Ouro arruinou-se, editando classicos baratos, que ninguem quiz. A imprensa da Universidade editou chronicas, que está vendendo a pouco mais de pezo, e nem assim lh'as querem. As pessoas affeiçoadas aos livros antigos só os compram se elles estão velhos. A mocidade ou não lê nada, ou lê livros modernissimos, e detesta os classicos, porque estes os ensinam a escrever correctamente. Sobre tudo, não cáia em publicar a *Vita Christi*, que não tem o menor merito litterario, e não

vende 100 exemplares. Porém se os assignantes, contra a minha expectativa, me desmentirem, nesse caso faça de conta que era eu o enganado. Alliviada assim a minha consciencia, resta-me affirmar-lhe que sou

o seu mt.º grato am.º

Coimbra, 15 4-75

C. Castello Branco

◻

Meu amigo

Desde que demos vida á «Bibliographia»(1) chovem aqui livros e *librecos*, que é uma praga de Portugal para não dizer do Egypto. Os escriptores intendem que eu tenho em Seide moinho de criticas. Parece-me que me vejo obrigado a dar em todos, para que me deixem com o meu rheumatismo. Se lhe parecer, mande pôr no frontispicio da «Historia e Sentimentalismo» a numeração I, porque, se este agradar, poderiamos dar mais com identico titulo. Faça o que lhe parecer. Mas na lombada não ponha numeração.

---

(1) *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, (4 vols.) em cujas páginas Camilo apreciava as publicações da casa Chardron, e outras que lhe eram enviadas.

O *Illustrado* de hontem chama-lhe o *primeiro editor da Peninsula.* Creio que lhe não fazem favor. Os editores em Hespanha orçam pelos portuguezes de cá. Publicam 6 volumes e quebram.

....

Do seu am.º

C. C. Branco

Meu Amigo

Tem razão em querer desprender-se de prisões com auctores, posto que eu nunca me oppuz ás suas deliberações; apenas lhe lembrei que a *Questão da Sebenta* 1 não interessaria os brazileiros; hoje, porém, desde que ella transpoz os limites, talvez interesse.

---

1 Célebre questão, "modelo de polemica portugueza", com o Dr. José Maria Rodrigues, então simples escolar de teologia, e hoje distintissimo professor e erudito pesquizador da nossa história literário. Começou por uma interpelação de Camilo ao Dr. Avelino Cesar Calisto. Este, logo á 1.ª carga, deixou cair a pena, que o estudante Rodrigues levantou, sustentando a questão até final.

Trocaram-se entre os contendores 9 folhetos, sendo para lastimar que não andem reünidos a esta série, senão todos, pelos menos alguns dos mais notáveis artigos que a-propósito vieram a lume na imprensa de Portugal e Brazil.

O opusculo *Segunda carga de cavallaria* excede 40 paginas. Parece-me que o preço deve exceder o tostão.

Custa-me muito responder á sua proposta, porque me prendem as finezas que lhe devo, mais de amigo que de editor e commerciante. Entretanto, devo-lhe uma resposta. Eu queria receber pela propriedade d'este opusculo o valor de mil exemplares considerados a 100 reis, embora o meu amigo os venda por maior preço; isto é, 100$000 reis. Queria pela propriedade das segundas edições feitas e que se hajam de fazer dos tres folhetos publicados 60$000 reis, isto é 20$000 reis por cada opusculo. Estas duas quantias reunidas aos lucros das 1.as edições perfazem 257$200 reis. Se a proposta lhe não desagradasse, o meu amigo me faria o favor de mandar pagar uns 50$000 reis, pouco mais ou menos, na Tabacaria Havaneza e no Proudhomme, encontrando tambem umas miudezas que lhe devo, bilhetes, Amador dos Rios, Leis extravagantes, e o mais que lhe lembrar, e a mim me esquece. O restante viria para Famalicão, Banco do Minho.

O folheto da *Segunda carga* está muito adiantado, e irá quando me disser que deve entrar no prelo. Creio que fará mais ruido que os outros. Se o theologo não mudar de estylo e de sciencia, a questão acaba porque o homem adormece os leitores, e eu não serei capaz de

acordar. Se der noticia nos jornaes da minha resposta, diga que é: *Segunda carga de cavallaria* (réplica ao padre).

Do seu am.º mt^{o}. grato

16 — 5 — 1883

C. C. Branco

Meu Amigo

Preço da venda o que quiser.

Repute o folheto n'aquillo que entender justo. Já lhe disse que o não considero negociante nem o posso ser para o meu amigo.

Era natural que a questão acabasse pela insipidez. Se o homem [1] me désse bordoada de cego, vendia a cataplasma; mas elle não sabe. Já lá deve ter todo o manuscripto. Se não vem o dithongo, paciencia. Fazer seis que são precisos é difficil no Porto.

Para o folheto sahir depressa, tenciono ir ahi ver as segundas provas.

Estou bastante doente com dôres.

Do seu amigo

C. C. B.

---

1 O teólogo José Maria Rodrigues, contendor de Camilo.

Meu Prezado Amigo

Conformo-me com a sua proposta quanto ao preço da *Carga terceira*. E acabemos com a somnolenta questão. Deve ter recebido a carta aterradora do Rodrigues, de quem principio a ter pena. Deduzidos dos 60$000 os 32$440 da sua conta, tenho a receber 27$560, salvo erro. Queira o meu amigo dizer ao Freitas & Azevedo que m'os mande em charutos pela fórma seguinte:

200 charutos de 80 reis – 16$000
100 de 50 reis...........5$000
200 de 25 reis...........5$000

Os 1$560 e algum abatimento que a tabacaria faça nas caixas, póde vir em massinhos de cigarros, deduzido o transporte. A questão com o padre reduz-se a fumo.

Do seu muito amigo

C. Castello Branco

P. S. Pela grande velocidade os tabacos.

Meu Amigo

Tenho recebido cartas de tres empreiteiros de publicações camoneanas. Não respondi, nem tenciono escrever. Estes senhores imaginam que eu tenho canastras de obra feita, e que faço na-

moro á Gloria. Escreverei, porem, as paginas que deseja para o seu *Camões*. Não lhe prometto que sejam boas, porque admiro pouquissimo o poeta [1] e não sei assoprar a bexiga da admiração convencional.

Era escusado pedir licença para reproduzir o artigo sobre o *Diccionario*.

Hoje estou peor. A noite foi das infernaes.

Do seu amigo

C. Castello Branco

Meu Amigo

A questão com o Rute [2] parece estar fechada. Hontem recebi um telegramma d'elle, em que me pede licença para publicar a minha resposta, visto que corriam noticias desfiguradas a tal respeito. Referia-se á noticia falsa dada pela *Voz do Povo*, que hontem diz ter sabido o que disse d'um editor e d'um escriptor. Parece re-

1 Esta confissão, em Camilo, poder-se-nos-há figurar realmente espantosa. De corajosa, não poderemos capitulá-la, atento que o autor da carta escrevia a um amigo, sem cuidar da futura publicidade das suas opiniões. Mas não vimos nós, em nossos dias, o grande espírito de Tólstoi declarar a sua nenhuma admiração por Wagner e Shakespeare?

2 O marido de M.me Rattazzi.

ferir-se ao meu amigo E. de Barros Lobo. Ora isto vae ser inteiramente esclarecido no *Jornal da Noite*.

Estou farto do episodio. Publico a carta d'elle, a minha, e talvez a do Pinheiro Chagas, que o atira de cangalhas, *á la renverse*.

Necessito que me diga uma coisa com referencia ao prefacio do *Camões* de Garrett. Primeiramente, deixa-me plena liberdade de tratar a biographia de Camões como entendo que ella deve ser tratada á luz de 1880? Não se lhe importa que se levante contra o sacrilego prefaciador do poema a cainçada das locaes? Eu persuado-me que a venda será mais segura, se farejarem n'ella uma coisa justa a que elles hão de chamar escandalo.

Agora, quanto ao preço. Quantas paginas lhe convém que tenha o prefacio? Faço-lhe esta pergunta para o prevenir quanto ao preço que deve pôr ao livro, porque eu receberei meia libra por cada pagina. Posso escrever-lhe 32, ou 16, ou como quizer; mas para eu dar a extensão que desejo ao meu trabalho serão necessarias as duas folhas.

Queira enviar-me os tomos 9, 10 e 11 do *Quadro elementar* escriptos pelo M. Leal.

Se algum dos livros que mandei arrematar pelo Lopes me foi adjudicado queira remetter-

m'o, bem como um *Diccionario latino* que arrematei no 1.º domingo.

Escrevi hoje seis paginas e vou deitar-me.

Do seu amigo

C. C. Branco

◻

Meu amigo

Meu filho está no mesmo e já agora irremediavel estado. Envio-lhe o prefacio e os dois Camões que me emprestou. Segundo calculei, o escripto excederá as 32 paginas. Se o publicar á parte, faria bem faial-o, de modo que désse tres folhas para ter melhor venda. Esse livrinho posto em francez pelo B. Lobo talvez tivesse alguma venda no estrangeiro. Tenho de soffrer injurias por causa d'esse escripto, mas já estou callejado.

Vou vêr se lhe mando a aprovação do livro do Lacerda.

Se quizer, póde entregar ao portador 16 libras.

Do seu amigo grato

9—5—80.

C. Castello Branco

Meu Amigo

Recebi as 16 libras. Envio-lhe uns accrescentamentos que podem já vir impressos com as provas para se dispensarem segundas. Eu depois marcarei nas provas onde devem entrar os fragmentos. Hontem passei um dia cruel que me não deixou pôr mão em penna. A primeira coisa que escrever é a apreciação dos versos de L. e das *Vespas*.

Do seu muito amigo

C. C. Branco

Meu presado amigo

Envio-lhe alguns manuscriptos. Não apresse a impressão emquanto eu estiver com uma inflammação de olhos, resultado de passar duas noites a escrever a respeito da Rattazzi. Sahiu-me o escripto grande de mais. Talvez dê 30 paginas em 8.º. Estou indeciso se o enviarei a jornal, se o publicarei em volume. Que lhe palpita? Sei que em Lisboa fez muito arruido o livro; póde ser que a sova fosse bem acceita, simplesmente com o titulo *A Senhora Rattazzi*, por C. C. B. Ainda assim só poderei dispôr do manuscripto para opusculo se o proprietario do

periodico *Atlantico* que sae no dia 28 do corrente me dispensar de lh'o enviar, attendendo á extensão. Se se publicasse em volume, escuso dizer-lhe que lhe offerecia o manuscripto.

Abraça-o o seu

amigo obrigadissimo

C. Castello Branco

◘

Meu amigo

Recebi os exemplares da *Rattazzi*.

Lendo o opusculo, achei-o muito magro e pouco engraçado. Se o publico fôr da minha opinião nem me offende nem me surprehende. Já vê que a sua gratificação é muito superior ao merito do folheto. Dou mais apreço aos *Echos humoristicos* e estou que hão de ser recebidos, senão com igual alvoroço, com mais elogio dos entendidos. Isto não quer dizer que repute cada numero dos *Echos* superior monetariamente á *Rattazzi*; parece-me, porém, que o meu amigo não se prejudicará dando-me o valor de 300 exemplares e não de 600, que é o que o governo dá pela 1.ª edição dos livros que edita. Pobre governo! Se elle tivesse o meu amigo Chardron no ministerio decerto salvava as finanças

fazendo-se editor. Parece-me que os *Echos* devem ser no formato das *Farpas*.

O formato da *Rattazzi* é feiissimo: e, se eu tivesse as caturrices do Eça de Queiroz, não o deixaria sahir tamanho com tão poucas paginas.

Póde-se abrir assignatura para os *Echos*. Se o primeiro numero agradar, isso anima-me a dar-lhes mais extensão e mais calor e cor local. No Brazil já estão quatro. Como ahi recebe o *Cruzeiro* póde mandar para o prelo logo que chegue. Eu cá recebi outro.

Os 45$000 reis queira encontral-os na conta que ficou para ser paga quando recebesse a outra prestação do *Sentimentalismo*, incluindo a divida dos livros que ultimamente vieram.

Do seu muito amigo
e muito grato
C. Castello Branco

Meu amigo

Se se resolver a fazer nova tiragem ou versão (o que me parece proveitoso) terei de fazer intercalações que talvez dupliquem o numero das paginas. O titulo deve ser:

C. C. B. = A SENHORA RATTAZZI

MAIS INCORRECTA E AUGMENTADA

Por este novo trabalho dá-me o meu amigo 45$000 reis. Se annue, responda esta noite ou ámanhã pelo telegrapho, porque então demoro-me em Seide até concluir.

Do seu muito amigo

29—1—80.

C. C. Branco

□

MEU AMIGO

De Lisboa dizem-me que o terceiro marido da Rattazzi vem ao Porto desafiar-me. Antes que elle chegue (se é que tem de vir) é preciso que a 2.ª edição do folheto seja conhecida, para se não dar o que aconteceu com a *charge* que eu dava no Jardim e ficou na tinta. Apresse o meu amigo a publicação. Bem sei que a tem demorado porque provavelmente ainda restam exemplares da 1.ª; mas é de esperar que a venda da 2.ª suppra esse prejuizo, se o houver.

Provavelmente lá me tem por estes dias. Mande imprimir o fragmento junto, que ha de entrar onde eu disser nas provas.

Do seu am.º ob.º

C. C. B.

Meu amigo

Recebi do Brazil a carta inclusa. Eu não posso entrar em taes negocios, porque não tenho a propriedade das obras. O que me admira é os brazileiros pedirem licença para as editarem. Se lhe quizer propôr a venda das suas, póde o meu amigo fazel-o, mas duvido que algumas sirvam para educar meninos.

Remetto provas dos *Ratos*. Escuso dizer-lhe que não sinto a menor quebra na estima que sempre lhe dediquei. Negocios á parte. Quanto aos 400$000 reis já lhe fiz ver do que depende o pagamento. E uma das fontes decerto não seccará. Pela do Silva Pinto dou pouco, e pouco me afflijo. Todas as lições me servem.

Do seu muito amigo

C. C. B.

Meu prezado amigo

Eu tencionava ir hoje ao Porto, especialmente para conversarmos sobre assumptos financeiros; mas amanheci com rheumatismo, que me impede de sahir alguns dias.

E' necessario que eu lhe falle com franque-

za a respeito de livros. Eu creio que já lhe disse que a casa Mattos Moreira me tem pago a conto de reis por tres volumes de 250 paginas, e sei que este editor se tem queixado de mim, suppondo que eu por mais algumas libras deixei de escrever para elle, e escrevo para o meu amigo. Já vê quanto eu ficaria prejudicado vendendo por 300$000 reis volumes superiores a 300 paginas, podendo vendel-os de 250 paginas por 333$300 reis.

Quando tratei com Mr. Chardron por 300$000 reis a venda da *Historia e Sentimentalismo* era um volume em que eu, além da parte historica, tencionava dar-lhe romancinhos pequenos; mas com certeza lhe não daria um volume, inedito inteiramente, por tal quantia. O meu amigo além d'isso sabe que as minhas aturadas enfermidades não me permittem um trabalho demorado e pouco reflectido como eu ha poucos annos escrevia novellas. Hoje attendo mais ao gosto bom ou mau do publico, nas poucas horas em que posso escrever.

Desejo muito continuar as boas relações com a sua casa; mas decerto não posso escrever volumes de romances (realistas) superiores a 300 paginas por quantia inferior a 400$000 reis, vendida a propriedade. Acredite que me não move a isto o exito do *Eusebio;* antes do *Eusebio* vendia os meus livros pelo mesmo preço que lhe estabeleço agora; porque corresponde a 400$000

reis por volume de 300 paginas os 333$300 que recebi por volumes de 250. Se esta proposta não é razoavel, não tenha o meu amigo a menor vacillação em a rejeitar; que eu não devo nem me posso maguar, se os seus interesses não puderem concordar com os meus.

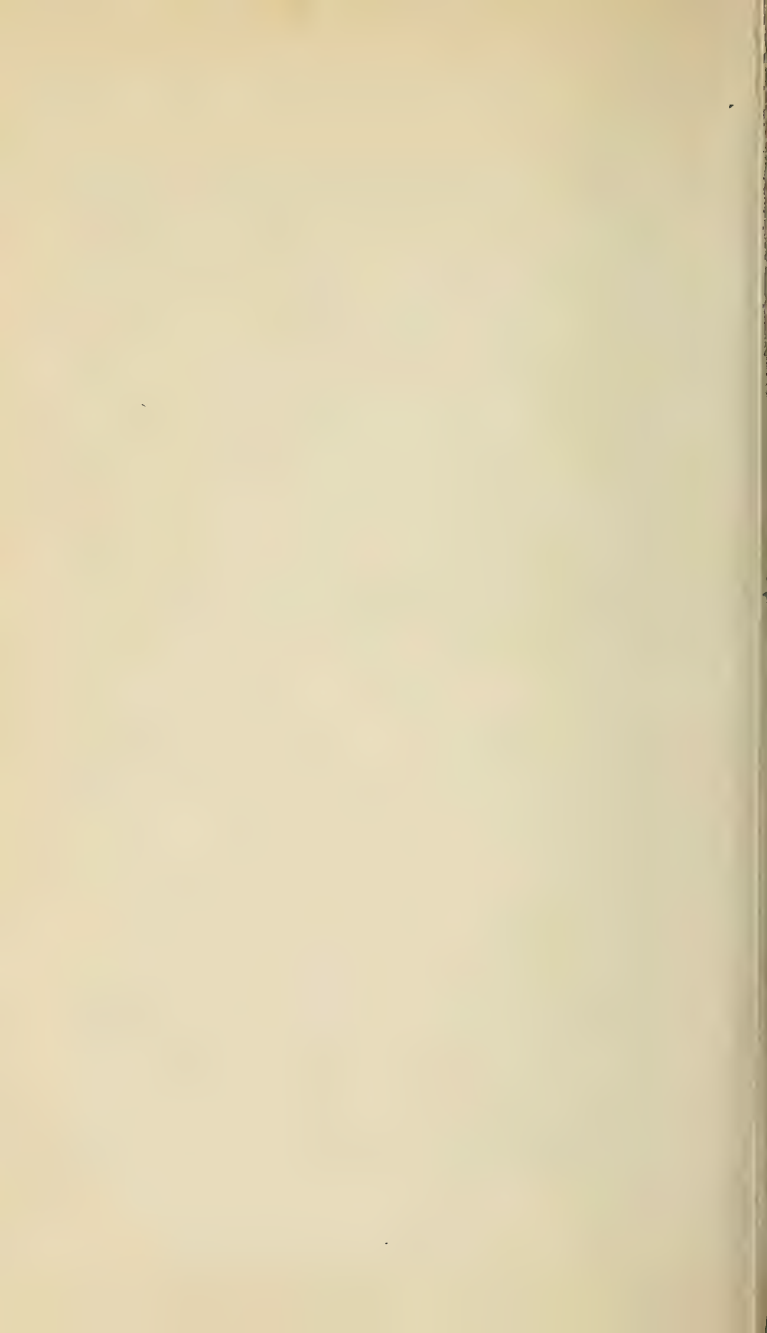
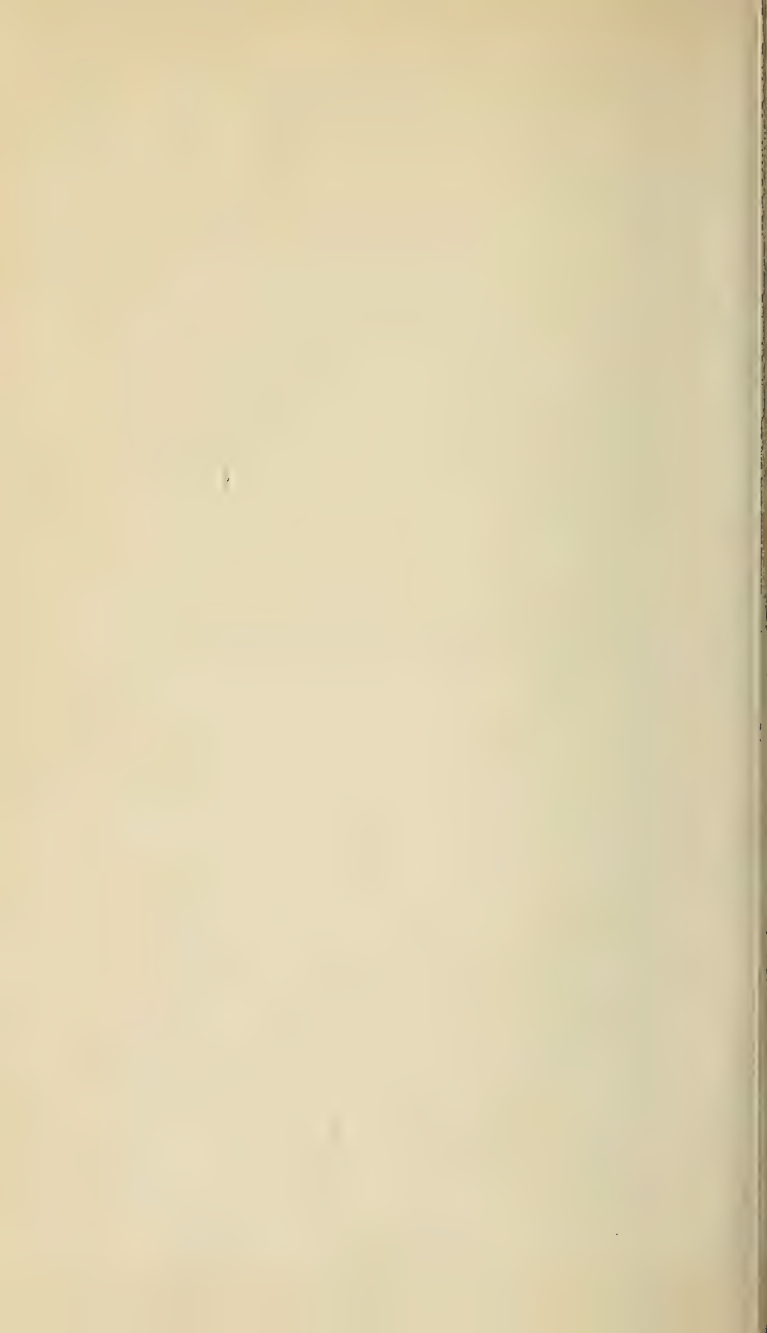
No ultimo numero da *Arte*, periodico litterario de Lisboa, vem um bom artigo a respeito da *Historia e Sentimentalismo*. Se não puder obter a folha, enviar-lh'a-hei, querendo transcrever na *Bibliographia*.

Veja que os brazileiros nem deixam de negociar com as respostas aos criticos. Só um contrato directamente com os ladrões poderá garantir a propriedade do meu amigo no Brazil.

Disponha do seu muito dedicado

C. Castello Branco

P. S. Remetto o artigo do Cypriano Jardim. Vão provas.

□

A D. Eugénia Mendes Vizeu

> Não sei de livros nem de pessoas que me habilitem a identificar D. Eugénia M Vizeu, que creio ter sido natural da cidade do seu apelido, e dama de grandes cabedais de inteligência e cultura—o que parece deduzir-se do teor desta bela carta.
>
> Alguem, que consultei, muito versado em coisas vizienses, em nada poude, infelizmente, confirmar ou invalidar aquelas minhas suposições.

Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^{a} D. Eugenia Mendes Vizeu.

A's phrases da carta de V. Ex.ª que me exprimiam, quasi todas, as lagrimas de filha extremosa, poderia eu responder com a banalidade das consolações, pedindo a V. Ex.ª perdão da trivialidade. Cumprido este dever, podia mandar baixar os stores das minhas janellas, e continuar o meu crepusculo, especie de gradação para as trevas infinitas.

Mas na carta de V. Ex.ª havia uma ordem, uma surpreza de grande consideração e honra para mim. V. Ex.ª queria o meu retrato, e eu não tinha senão retratos antigos em que me desconheço. Um retrato que fosse a sombra d'um homem que escrevia uns livros que V. Ex.ª leu, era necessario ir procural-o a seis leguas distante da paragem onde estabeleci a minha ante-camara da sepultura. Deu-se o caso que no Porto, o sol, como envergonhado de collaborar no retrato d'uma cara tão antiga, sumiu-se. O photographo não queria operar sem o auxilio do grande astro, seu socio. Insisti contra a arte, e fui retratado ás escuras, como convinha.

Ahi está aos pés de V. Ex.ª o meu ultimo retrato, ultimo com certeza. Fica bem ao lado do decrepito V. Hugo como as ruinas incaracteristicas d'uma choupana ao lado dos despojos grandiosos d'uma cathedral. Distanciam-nos 24 annos [1], e todavia nos olhos do poeta colossal flammejam ainda as fulgurações da alma rejuvenescida pela gloria, e nos meus está a crystalisação das lagrimas das irremediaveis desesperações.

Eu nunca poderei vêl-a, minha senhora. E' preciso que eu sacrifique o prazer e a nobilitação, que V. Ex.ª magnanimamente me offerece, a uma futilidade que perante V. Ex.ª me salva da rude macula da indelicadeza. Eu sou a sentinella permanente de um tumulo onde tenho morta uma alma querida. Eu tinha um filho e uma grande adoração. Fui para Coimbra com esta creança, e ao fim de dois annos de uma tristeza doentia e inexplicavel o meu Jorge endoideceu. Tem hoje 19 annos, e desde os 14 que não acorda da sua noite cerebral. Desde que me recolhi á aldeia com este esquife sobre o coração, a minha vida é vigial-o que não venha a redempção do suicidio.

V. Ex.ª vive triste. Fica-me a certeza de que esta confidencia lhe não resvala pela alma, co-

---

1 Camilo julgava ter nascido em 1826. Victor Hugo nascêra em 1802.

mo uma lastima impertinente. N'este seu retrato, minha senhora, revelam-se as duas formosuras—a que o tempo desluz, e a outra imperecivel, unica de que eu tiro a prova—da immortalidade do espirito. Quando V. Ex.ª tirou este retrato, ha quatro annos, devia ser feliz, tinha o seu chorado pae; e ainda assim, nos olhos ideaes de V. Ex.ª está a sombra de uma vaga angustia que se aproximava. A's dôres da vida de V. Ex.ª recorro para que me absolva d'esta elegia, minha senhora.

Se V. Ex.ª quer dispender commigo todas as gentilezas da sua nobilissima e dadivosa alma, consinta-me minha senhora que eu me subscreva

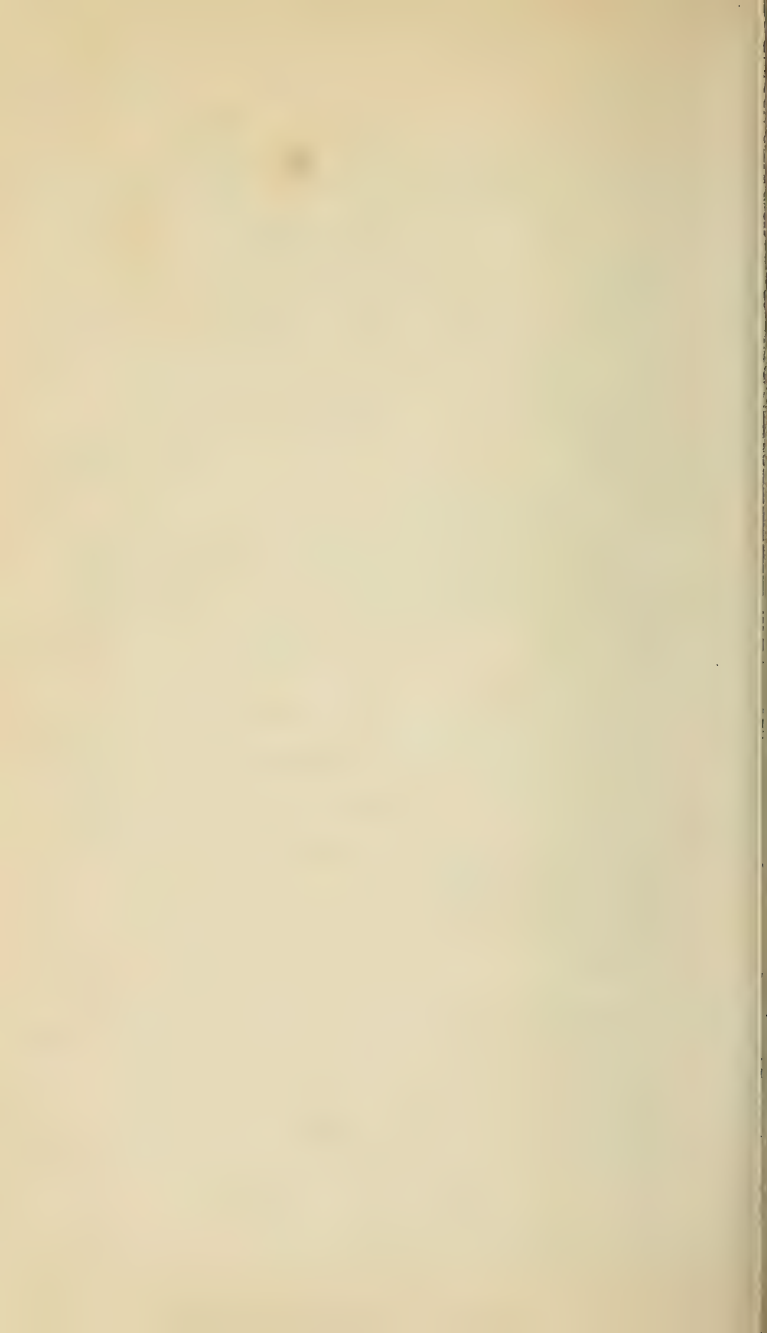
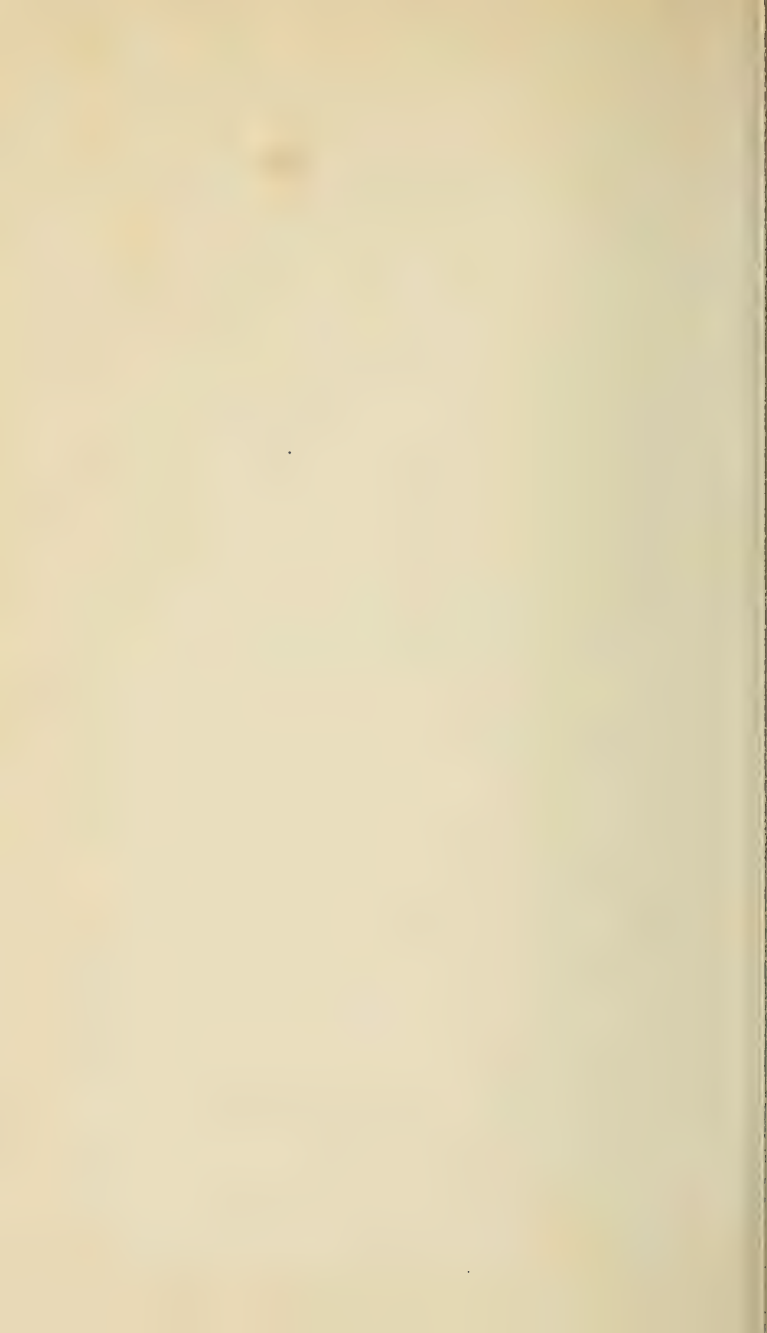
De V. Ex.ª

amigo respeitador

e servo profundamente reconhecido

Camillo Castello Branco

S. Miguel de Seide
7—3—82.

□

A Fernando Castiço

Fernando Joaquim Pereira Castiço saiu para o Brazil muito novo e no Rio fez o seu tirocìnio literário, entrando para a redacção do *Jornal do Commercio*. Durante os dois anos que ali esteve, deixou no conhecido diário fluminense variada colaboração, em originais e traduções.

Escreveu também na *Galeria Lusitana* e *Revista Popular*; e muitos anos depois, já regressado a Portugal, na *Grinalda*, *Brado Liberal*, *Primeiro de Janeiro*, *Museu Illustrado*, etc.

Deixou em volume a *Memoria historica do Sanctuario do Bom Jesus do Monte*, à qual adiante há referência.

Camilo, ainda que pessoalmente lhe dispensasse todas as deferências, todavia, com os seus intimos, demostrava pouca consideração em que lhe tinha os escritos, que desdenhosamente capitulava de "pequices".

Castiço foi condecorado com a ordem de S. Tiago em 1868.

Meu presado Castiço

Necessito demorar-me um mez em Braga, para fazer um tratamento de cento e tantas molestias com um medico dosimetrico que ahi florece e se chama, creio eu, *Ulysses*.

Terá de vêr-se commigo grego como o nome. Eu queria ir antes do Centenario, [1] para encher a minha alma de torrentes de uncção e os ouvidos do estridor das orchestras sertanejas, e apascentar estes olhos mortaes nos foguetes de tres respostas.

Diga-me cá: arranja-se um quarto em algum hotel que não seja o pre-historico *Dous amigos?*

Esse não: ahi ha percevejos que podem fazer centenario em vida.

no caso de se arranjar, o locandeiro não terá em si opportunamente o espirito da Alveolos, e não cuidará que eu tenho em mim o imperador dos Brasis ?

Ouço dizer que em occasião

1 O centenário da fundação do templo do Bom Jesus.

de festas, peregrinos de grossos cabedaes se vêem obrigados ahi a deixar as malas hypothecadas no Banco para pagarem na estalagem.

Se você póde obter um quarto, e não uma caverna de Caco, vou 4.ª ou 5.ª feira. Levante mão um pouco do seu livro (1) e responda ao velho amigo

C. Castello Branco

□

1 Refere-se ao livro de Castiço *Memoria historica do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, suburbios de Braga, por occasião do Centenario do lançamento da primeira pedra nos alicerces do templo actual.* Braga, 1884.

A Gomes de Amorim

MEU CARO AMORIM

Não sei explicar-te em boa philosophia a venêta; mas não me despeço de ninguem. Como todos os dias imagino que me vou a melhor mundo, figura-se-me q as pessoas de q[m] me despeço as não verei mais.

Ainda bem q isto é tolice.

Abraço-te, e recommenda-me muito affectuosamente a todos os teus.

Velho e sincero am.[o]

3—7 [bro], 1874. Lis.[a]

C. Castello Br.[co]

FRAGMENTO DE CARTA (1)

. . . .

«...aquella praia, que é a unica em Portugal onde o cheiro do marisco não é neutralisado pelos aro-

---

1 Incluída por Gomes de Amorim no 1.º vol. das *Memorias biographicas de Garrett*, págs. 143.

A carta é de 1876 e refere-se, na parte publicada, á Póvoa-de-Varzim.

Poeta, jornalista, dramaturgo.

Não se notabilizou em nenhum dêstes ramos literários; mas também não desmerece do conceito em que o colocaram os contemporâneos. Lê-se agradavelmente, e alguns dos seus livros, como os 3 volumes das *Memorias biographicas de Garrett* (Lisboa, 1881-84), são apreciáveis contribuições históricas e literárias.

Volumes de poesia: *Cantos Matutinos*, *Ephemeros*, etc. Teatro: 6 tomos, com peças que no seu tempo obtiveram certo sucesso. Romance e novela: *Fructos de vario sabor*, *Os Selvagens*, *O remorso vivo*, *Muita parra e pouca uva*, *As Fiandeiras*, *etc.*

E muitos outros escritos, uns em volume, outros espalhados nas revistas contemporâneas portuguêsas e brazileiras — *Archivo pittoresco*, *Archivo universal*, *Diario da Bahia*, *Revolução de Setembro* e *Gazeta de*

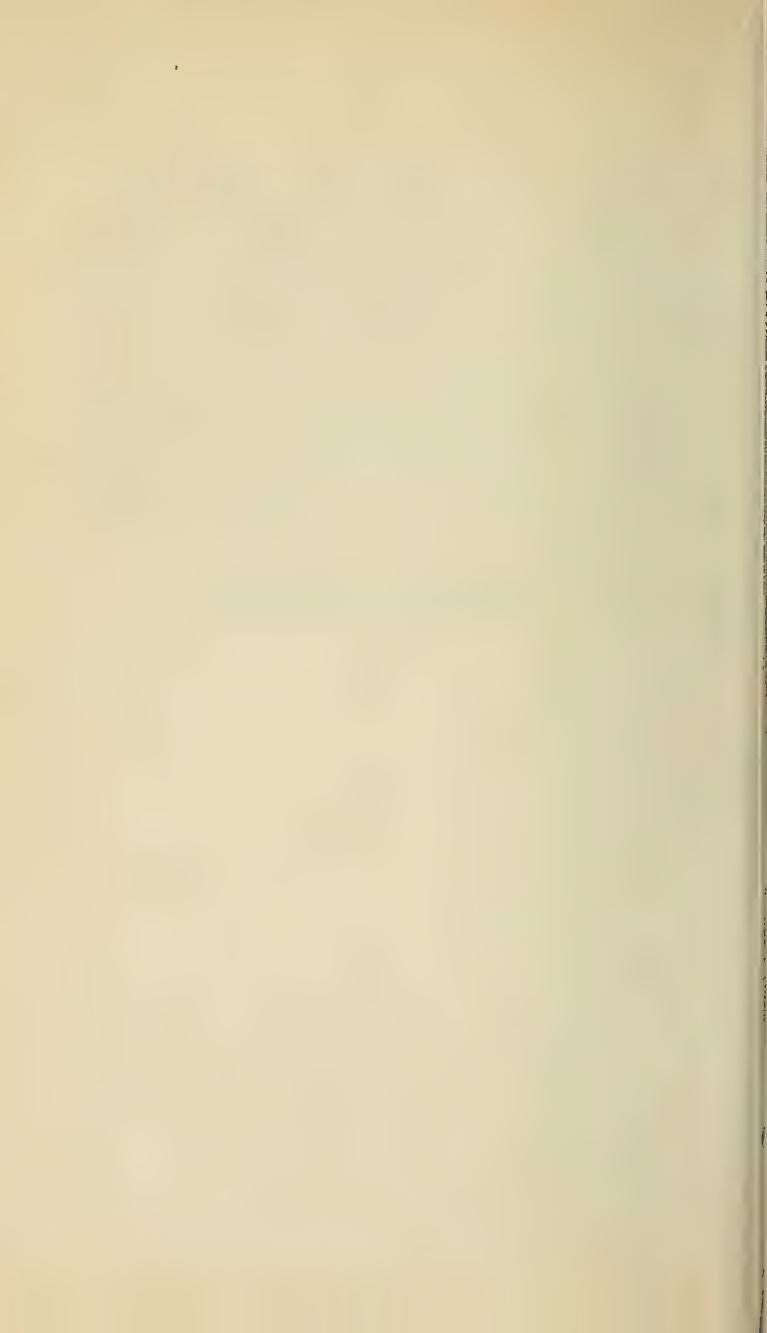
mas do toucador das damas. Vê-se alli a velha natureza bruta, o morgado de Cabeceiras, e a fidalga que ceia pescada com cebolas. O que a civilisação lá implantou foi tres roletas, e uma batota ou duas em cada predio. Os emprezarios d'estas cavernas de Caco são os filhos segundos das casas nobres de entre Douro e Minho. Annualmente excede a 20:000$000 reis o que repartem no fim de outubro.»

Portugal e até alguns ainda inéditos.

Exerceu diversos cargos públicos, entres êles o de conservador da Biblioteca e Museu de Antiguidades Navais

....

□

A Henrique Marques

Fundador da Empreza Editora da História de Portugal, escritor e jornalista, tem dado á publicidade alguns trabalhos de merito, e entre os quais relevarei a notável *Bibliographia Camilliana* (1894).

Corre sob o seu nome uma infinidade de traduções (romance, história, etc.) e trabalhos originais, alguns impressos anónimamente.

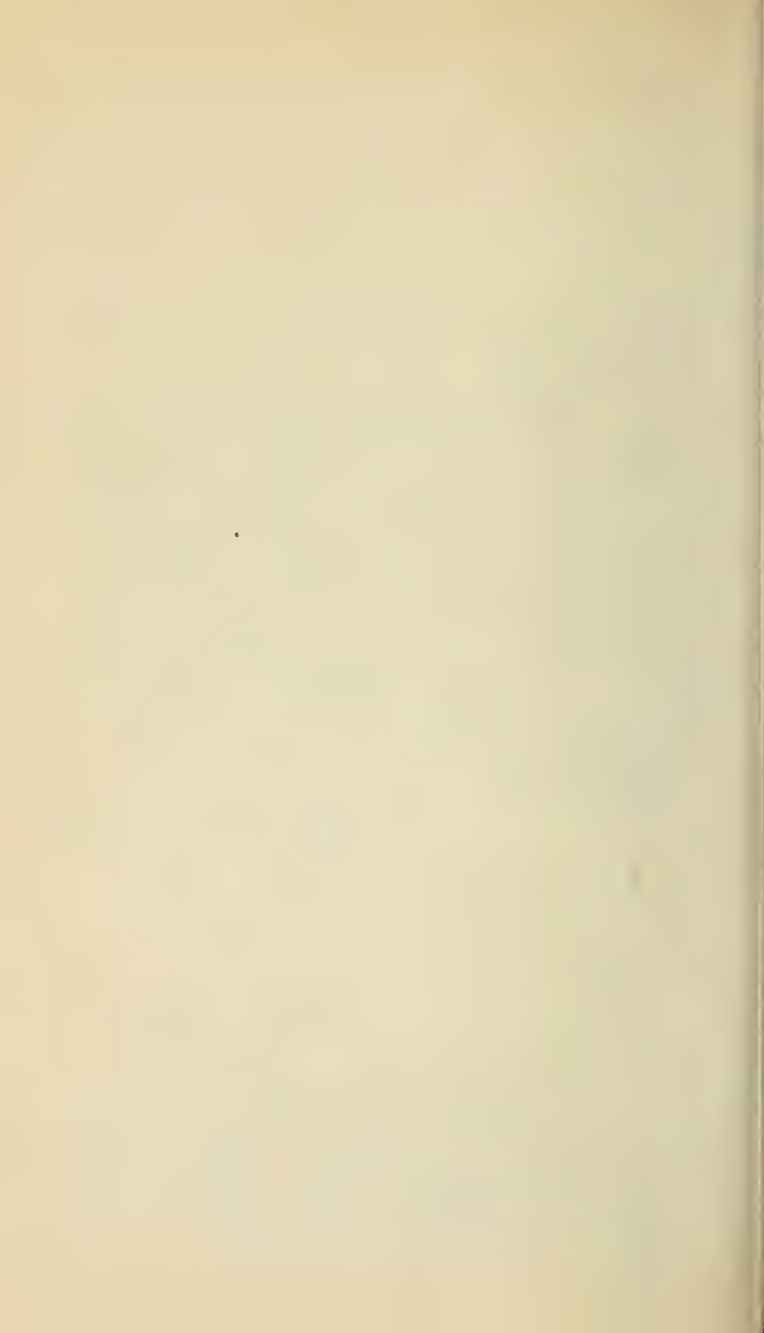
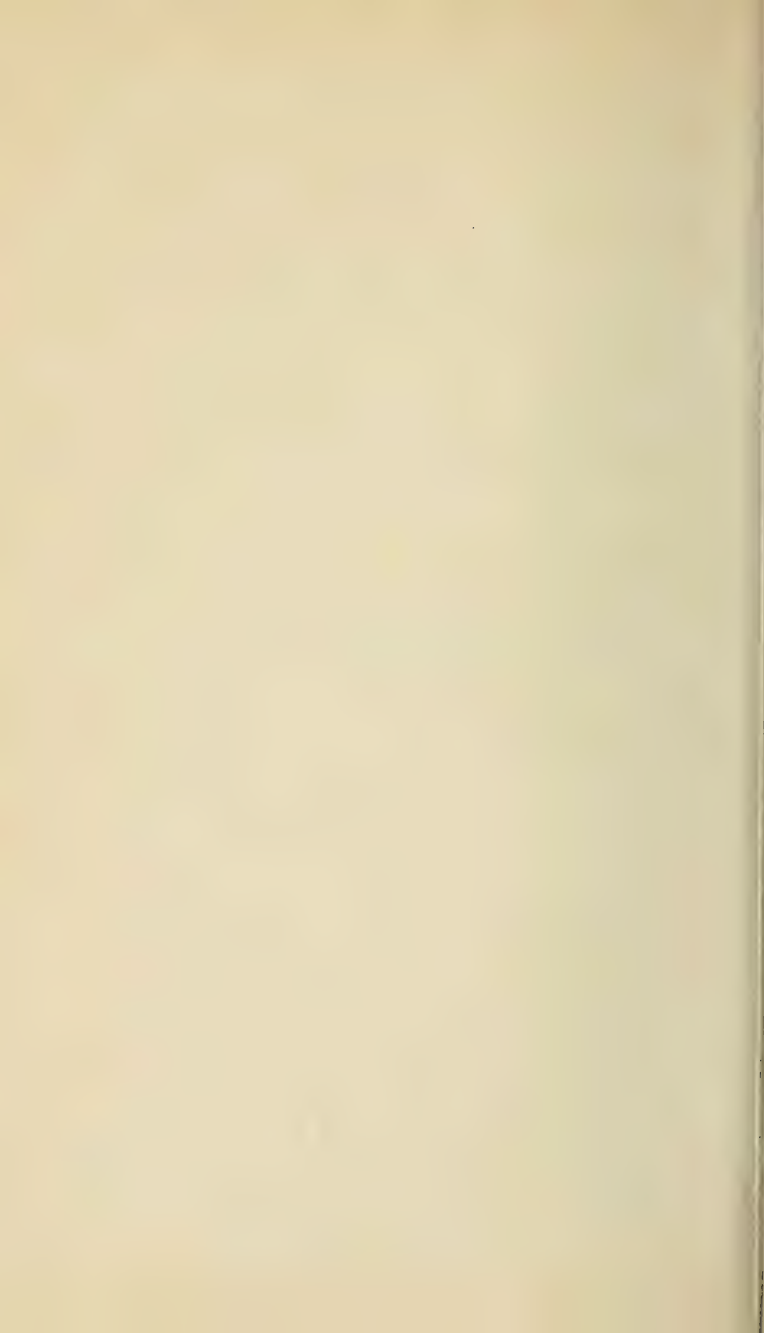
Bibliófilo e numismata, reüniu importantes colecções nestas especialidades.

Ex.^mo Sr. Henrique Marques

Ouvi ler aprasivelmente o bem feito Cathalogo que V. Ex.ª organisou dos meus trabalhos. Sentidamente lhe agradeço a dedicatoria com que me obsequeia e honra. Se V. Exª se resolver á publical-o paginado, e a saude me permittir, communicar-lhe-hei verbalmente algumas notas insignificantes, que farão desapparecer pequenos lapsos (1).

De V. Ex.ª etc.

Camillo Castello Branco

(1) Esta carta reporta-se ao catálogo das obras de Camilo que o destinatário publicou em 1889 no *Imparcial*, de Lisboa, e cuja 1.ª parte (e única impressa) deu mais tarde em volume, sob o título *Bibliographia Camilliana* (Lisboa, 1894).

A João de Deus

J. de Deus é o mestre incontestado do lirismo português contemporâneo e o primeiro poeta de amor, não só de Portugal, mas de toda a Europa, como entusiasmadamente escreveu o italiano Marco António Canini no seu *Libro dell' Amore.*

A obra capital de J. de Deus, em que foram reúnidas as suas poesias—*Campo de Flores*—é um escrínio de preciosas e fulgidíssimas joias. Simplicidade e naturalidade, êsses dois requisitos aparentemente tão simples mas tão difíceis em arte, são as qualidades dominantes do seu maravilhoso temperamento poético.

A-par disto foi J. de Deus um grande educador. Aí está a prová-lo a *Cartilha Maternal*, que já ensinou a lêr duas gerações.

J. de Deus faleceu em 1896, tendo, um ano antes, assistido como Petrarca á sua apoteose, em que comungaram todas as classes sociais do País.

MEU POETA:

Acabo de ler a sua *Beatriz* (1) e invejei-o. Este peccado me ha de infernar a mim; este, que d'outros não hei de eu dar contas a Deus nem pabulo ao diabo.

O J. D. é o meu poeta mimoso: valído lhe chamaria eu se á sombra da minha soberania litteraria podessem privar nas regalias da reputação os que assim sabem subir e librar-se tanto acima d'isso, que por ahi babuja nas vertentes sujas da Castalia...

Escreva e escreva muito. Esqueça-se da lama e das mulheres de Coimbra e enleve-se todo n'esse quer que é que o faz desejar para amigo e amigo a quem se pede que nos leve ao bello mundo d'onde nos traz os hymnos. Depois d'isto, veja se encontra na terra a felicidade que lhe deseja o seu

do C.

Lisboa, 16 de Março de 1860.

Camillo Castello Branco

1 Esta formosíssima canção, que principia:

Tu és o cheiro que exhala
Ao ir-se abrindo uma flor!

foi depois incorporada no *Campo de Flores.*

MEU PRESADO JOÃO DE DEUS (1)

Nas onze duzias de livros que fabriquei, não ha uma elegia. As minhas elegias são tristezas incommunicaveis.

Lida a sua estimada carta, escrevi isso que remetto (2).Consulte T. Braga. Fomos inveterados inimigos em letras. Que não vá a minha intervenção na sua dor causar-lhe desgosto.

Aqui estou quasi cego, paralytico; ao lado de um filho querido e mentecapto que já tentou matar-me. Haverá grandes desgraçados, que comparados commigo, se considerem quasi felizes.

Abraça-o o seu velho amigo

C. Castello Branco

---

1 Esta carta é de 1887

2 «Isso» que Camilo remetia ao poeta de *A Vida* era o comovido soneto *A maior dôr humana*, dedicado a T. Braga na perda quási simultânea de seus dois únicos filhos. Não resisto á tentação de o arquivar nesta página, tanto mais que o volume donde consta já hoje não é vulgar:

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora
Que amargas condições o escravisaram!

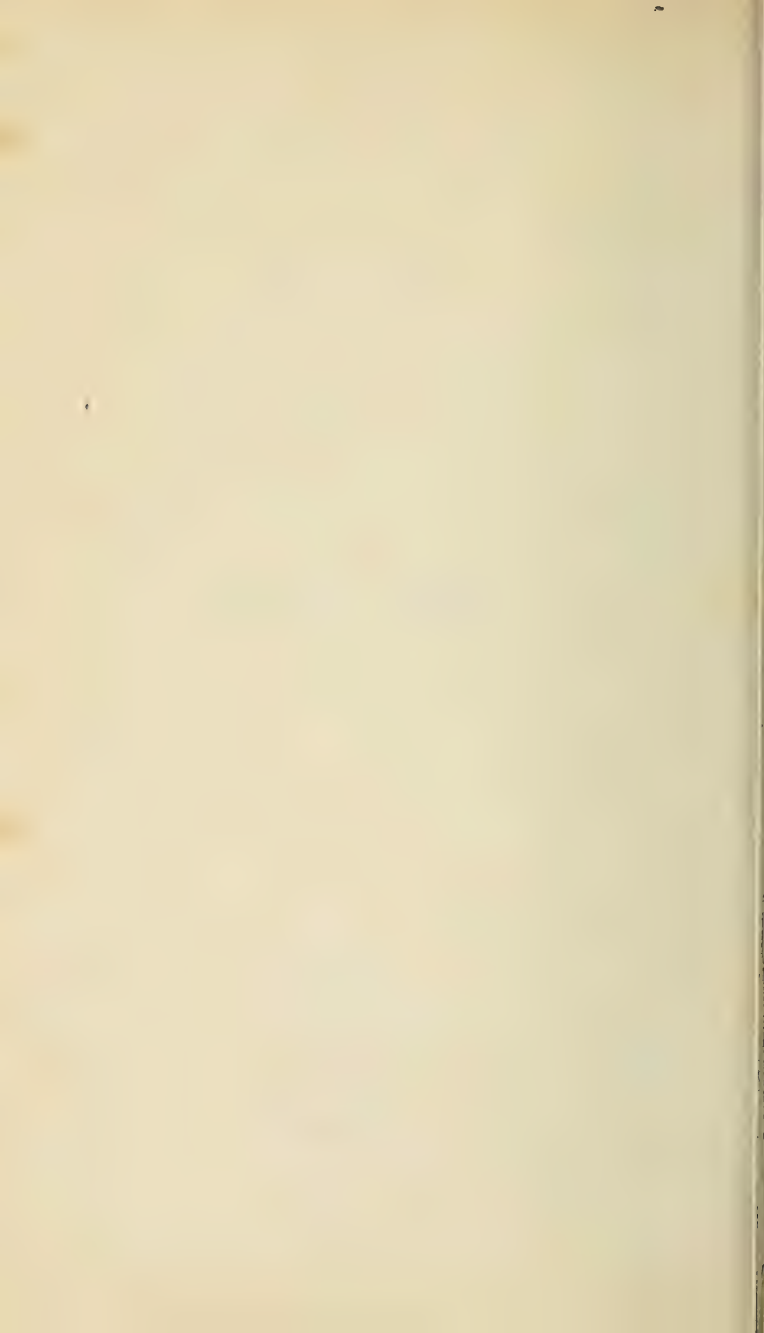
As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus! A Fé implora.
E o céu que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai em trevas vai sonhando
E apalpa as sombras delles, onde os viu
Nascer, florir, morrer! Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos.
És coração que a dor empederniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

S. Miguel de Seide, 27 de junho de 1887.

Estes 14 versos deram título ao volumesinho onde foram publicados pela primeira vez: *A maior dor humana— Coroa de saudades, offerecida a Theophilo Braga a sua esposa para a sepultura de seus filhos por João de Deus, e entretecida pela piedade de... Dada á estampa pela amisade de Anselmo de Moraes.* Porto, 1889.

A Joaquim de Araújo

J. de Araujo, cônsul de Portugal em Génova, falecido em 1917 em Lisboa em estado de completa idiotia, foi um dos escritores mais ilustrados do seu tempo. Poeta muito distinto, provou o seu talento, entre outros, em três volumes — *Lyra intima* (1851) que lhe abriu as portas da Academia, *Occidentaes* (1888) e *Flores da noite* (1894). Curioso investigador de antigualhas literárias, escreveu dezenas de brochuras onde provou a sua muita erudição, — *D. Antonio — Prior do Crato*, *Sobre o tumulo de Samilo*, *Bibliographia Anteriana*, *Leonor da Fonseca Pimentel*, *O "Frei Luiz de Sousa„ de Garrett*, *No centenario de Antonio Vieira*, *Acerca dos versos de João de Deus*, *No cerco do Porto*, etc. A maioria destes escritos foi publicada em reduzidissimas tiragens.

Foi um dos promotores em Portugal da comemoração colombina, e dos mais operosos iniciadores do centenário garrettia-

MEU PRESADO JOAQUIM DE ARAUJO

S. C. 29 — 5 — 82.

Muito obrigado pelo brinde do seu livro. Logo que sacuda desta banca a papellada do *Perfil do Marquez de Pombal*, que está quasi alinhavado, descançarei docemente lendo a sua *Lyra intima*. Dá-me V. uma novidade: — haver quem *extranhasse a sua presença no jantar dado por Luiz Guimarães*. A asneira é de tal calibre que eu não a percebo, estando tão affeito a decifrar as maiores que se tem dito e estampado neste paiz. Quem quer que fosse o adversario de V. que a deu á luz, fez-lhe a distincção de o honrar com a sua inimisade.

Esta casa e eu estamos com as portas e braços abertos para o receber.

Anna Placido retribue muito reconhecida os seus cumprimentos.

De V.

Amigo e admirador sincero

C. Castello Branco

MEU AMIGO:

A tarefa de escrever o *Perfil do Marquez de P.* em 20 dias deixou-me o cerebro em lama. Vou ver se os ares de Braga e a ausencia de livros me restauram.

Anna Placido vae ler os seus versos (1). Conhece os que appareceram dispersos nas folhas. Diz ella que a linguagem dos poetas lhe está sendo hoje um dialecto oriental.

no, tendo escrito e suscitado a estampa de muitos escritos á cêrca do criador da *Joaninha dos olhos verdes.*

Fundou e dirigiu no Pôrto o *Circulo Camoniano*, colaborado por Camilo (1889-1892) de quem insere um esplendido retrato em fototótipia, e em Génova o *Archivo de "Ex-libris" Portuguezes.*

Accrescenta que está muito velha, muito materialisada pela vida rural e pelas enormes tristezas da sua vida. Entretanto, as suas poesias alumiam escuridoens.

Logo que volte de Braga participo-lh'o.

De V. Ex.ª

Admirador e amigo

C. Castello Branco

S. C. 2 de junho
de 1882

1 Joaquim de Araujo—*Lira Intima.* Lisboa, MDCCCLXXXI.

Meu Amigo

A maioria dos leitores do *Perfil* concordam com o meu amigo em achar injusto o livro. Como alguns, á imitação de V., tencionam refutal-o, direi depois da minha justiça. Não espere tão cêdo o *conto* que me pede, nem eu já me abalançarei a escrever contos para meninas sem purgar o espirito d'umas amarguras que só podem dar sarcasmos e brejeirices naturalistas. E' melhor encerrar o seu livro sem a minha collaboração.

Vou sahir d'aqui não sei para onde.

De V.

Amigo e admirador

C. Castello Branco

Meu presado Amigo

Se eu poder até ao fim deste mez, escreverei alguma frioleira que não desmereça das outras, que por ahi tenho acumulado, para o meu centenario e para as mercearias. Mas isso mesmo é escripto com certa difficuldade, nas raras intermittencias das minhas nevrozes.

Honra-me muito o seu convite, e a selecta companhia que me deu no seu prospecto. Ha

muito que não tenho novas do meu amigo o snr. Oliveira Martins. Diga-me V. o que elle está escrevendo. Onde está Anthero do Quental? Felicito-o pelas melhoras de seu pai a quem envio os meus affectuosos respeitos.

S. C. 17—4—83

De V.

Amigo e admirador
C. Castello Branco

◻

MEU AMIGO

Envio um fragmento inedito: Estopada historica. Se achar estorvos nas provas—que eu desejava muito attentamente vistas — queira mandar-m'as, se ha tempo.

Quanto a Callistos, os deuses me favoreçam com paciencia para os aturar (1).

Aconselho-lhe, meu amigo, que não venha a

---

1 Trata-se do Dr. Avelino César Calisto, lente da faculdade de direito em Coimbra, com quemCamilo, como já tive ensejo de dizer, principiou a célebre pugna literária que se afamou sob o nome de *Questão da Sebenta.*

Avelino César apenas escreveu o 1.º folheto, dando logo homem por si—o então aluno de teologia José Maria Rodrigues, hoje erudito catedrático da faculdade de Letras de Lisboa.

esta sua casa sem que o tempo mude de catadura. Eu não consinto que tão patife ceo me alumie. Fecho as janellas, e prefiro á hypothese do sol a realidade da estearina.

Queira recommendar-me ao Anthero do Quental.

De V.

Admirador e amigo

C. Castello Branco

□

Meu presado Amigo

O Dr. Ant.º Joaquim de Araujo, honrado pae de V., cuja dolorosa morte os jornaes de hoje noticiam, foi um dos amigos provados que eu encontrei em tempos já bem distantes. Conheci-o, cheio dos altos ideaes da mocidade universitaria, e annos depois, casualmente, assisti á luta que elle travou com o carrasco, disputando-lhe, como advogado insigne, a cabeça do morgado de Canavesinhos, salteador famoso. V. não nascera ainda, e seu pae, moço de talento refulgente, trabalhador e honesto, como os que mais o eram, registrava em triumphos a sua palavra eloquente no foro de cinco ou seis comarcas do Douro.

Deixei de vel-o durante muitos annos. Reen-

contramo-nos na Foz, em casa de Germano Meyrelles, talvez por 1876. Achei-o alquebrado e doente. As antigas fulguraçoens do olhar, apenas pude descobrir-lh'as quando elle me fallou de V. Ex.ª como de uma ridentissima esperança. Contou-me alguns traços salientes do caracter do sr. Joaquim de Araujo, com o contentamento de quem nelles se revia.

Estas memorias põem lagrimas na penna que as passa ao papel, e do que se deve tractar agora é de conjurar as tempestades. O que farão de V. os paúes desta sociedade portugueza? Pergunto-lh'o, ao abraçal-o junto do cadaver de seu pae.

Sempre seu

Camillo

◻

MEU PRESADO AMIGO

Ser-me-ia facil satisfazer o seu desejo, enviando-lhe algumas notas geographicas, menos conhecidas, se a minha livraria não estivesse, ha um mez, encaixotada para se vender em leilão,

no fim do corrente anno, em Lisboa (1). Como motivo principal da venda, apresento-lhe um que vale por todos. Alguns amigos em grypho poseram-me na situação e na responsabilidade de dividas que tenho de pagar, e não poderei pagar doutra maneira. Um homem de lettras, simplesmente alphabeticas, quando se vê onerado com uma responsabilidade de 3 contos de reis, a não poder vender-se a si aos phrenologistas, vende a livraria, e ergue as mãos aos justos ceos se tem livros que valham aquillo.

---

1 Foi realmente almoedada em Dezembro de 1883 a magnifica biblioteca de Camilo, ficando do leilão o *Catalogo da preciosa livraria do eminente escriptor C. C. B. contendo grande numero de livros raros, em diversas linguas, e muitos manuscriptos importantes, a qual será vendida em leilão, em Lisboa. . sob a direcção da casa editora de Mattos Moreira & Cardoso*... *Lisboa, 1883.*

Era esta a 2.ª livraria formada pelo escritor; a 1.ª fôra tambem dispersa em leilão em 1870 (*Catalogo methodico de livros antigos e modernos*...Porto, 1870). Ambos êstes catálogos são de redacção camiliana.

O sr. Alvaro Neves, incansável cabouqueiro da nossa arqueologia literária, arquivou num volume muito para lêr-se, dezenas de anotações de Camilo á margem de livros de sua propriedade.

Não vi a sua apreciação dos *Ratos* (1). Intendo que lhe devia desagradar a excentricidade com que eu vejo a instrucção primaria e as missas; mas, sinceramente, eu ando agora no desagrado universal, e é pena que assim seja quando me despeço.

De V.

Amigo e admirador

C. Castello Branco

Faça-me V. lembrado á estima do sr. Oliveira Martins.

1 Camilo publicara recentemente o poema do faceto cristão novo António Serrão de Crasto — *Os Ratos da Inquisição* (Porto, 1883), antepondo-lhe um eruditissimo *Prefácio biographico* de 109 pgs. De facto de págs. 102 em diante, o insigne romancista faz uma severa critica do nosso ensino primário, e verbear o hábito de celebrar e honrar com missas as notabilidades extintas :—»... d'hora avante terá um expediente bom, posto que pouco menos de analphabeto, para celebrar os seus grandes homens fallecidos: —muitas missas por sua alma, o projecto de uma estatua com esmolas brazileiras e uma eschola primaria com o apellido padroeiro do illustre morto, a treze vintens e meio por dia para o pedagogo. N'essa eschola ou se ensinam os gaiatos de uma freguezia da corte a soletrar o *Trinta diabos*, ou se habilitam os aldeãos de qualquer logarejo com as quatro

Meu presado amigo

Não tenho o minimo resentimento do M. Pina (1). Nem mesmo o tinha quando o estylo o fingia. O meu callo da paciencia já vem de muito mais longe.

As minhas melhoras não vale a pena celebral-as. Na minha idade não ha retrocessos.

Logo que eu possa escrevo o artigo que V. deseja; por emquanto hade ser-me difficil solver obrigações imprescindiveis em que estou com

---

operaçoens a investirem com as notas e com as febres da rua da Quitanda, abandonando a agricultura dos seus casalejos. E os instruidos das aldeias que não fazem republica nem vão para os Brazis, chegam a comprar o *Reportorio do Preto*—10 reis annuaes de litteratura—e completam a sua instrucção.

«D'antes para honrar um varão famigerado fasia-se um poema epico, uma immortalidade em lettra redonda, máo papel, 8.º portuguez. Hoje ensina-se a ler a cartilha dos direitos da ralé soberana, inutilisam-se alguns trabalhadores; e cantam-se missas por alma do homem que honrou a sua patria, como se elle tivesse sido um tratante, cheio de nefandos pecados a quem a misericordia divina só muito instada póde favorecer e despachar para o céo. Ah! hypocritas !»

E depois de verberar os que mandaram celebrar missas pelas almas honradas de Saraiva de Carvalho, Bispo de Vizeu e Rodrigues Sampaio e nenhuma pela «alma necessitada» de Pombal, continua mais adiante:

« ... A hypocrisia medra ao lado do vicio. Missas pelo repouso eterno dos defuntos, e toda a gente sabe

1 Mariano Pina, escritor e jornalista.

Costa Santos (1). Escrevi para as «Republicas» (2) duas bagatellas, porque, sendo eu o director litterario, nunca dera nada inedito ao T. Ribeiro. Abraça-o muito agradecido o de V.

S. C. 22—10—85

Collega e admirador

C. Castello Branco

Meu presado Joaquim de Araujo

Não conheço, nem nunca ouvi citar casamento do cavalheiro de Oliveira, além do segundo. Caturrei ácerca do famoso personagem com os fallecidos conde de Azevedo e Jo-

---

que elles estão descançados quanto é possivel...... Em vez de missas estereis, esmolas que fertilizam...... Ridiculo paiz onde a politica faz praça e alardo das suas hostes pelo numero de missas que arróla em obsequio ás almas dos seus estadistas!»

1 O livreiro portuense Eduardo da Costa Santos, que editou vários livros do Mestre.

2 Saiu pela 1.ª vez em 6 de dezembro de 1884. Foi seu director político Tomás Ribeiro e literário Camilo Castelo Branco, que lá deixou alguns notáveis escritos.

sé Gomes Monteiro e conservo reminiscencia um tanto nitida de que esses eruditos ignoravam commigo o terceiro enlace de que V. me falla. Nos *Amusements*, penso que em um dos primeiros numeros, allude Francisco Xavier a um casamento, que eu cataloguei sempre de segundo.

Verifique bem, meu caro Araujo, que não haja engano da sua parte.

14 de junho, 1884.

Seu muito dedicado

Camillo C. Branco

MEU PRESADO AMIGO

E' curiosissima a trama do seu livro; oxalá que elle appareça, e quanto antes, para que eu possa dizer em publico tudo quanto sinto de uma tal monographia (1).

Relativamente ao terceiro casamento, não tenho a contradictar rasões ou a articular embargos. Declaro-me de todo o ponto convencido.

Escrevi de Francisco Xavier de Oliveira tu-

---

2 Em que J. de Araújo pensava tratar, á luz de documentos novos, a atraente figura social e literária de Francisco Xavier de Oliveira.

do quando sabia, no Compendio de litteratura (2), que o Mattos Moreira patenteou, em sequencia e complemento das digressões do pobre Andrade Ferreira. Dos *Amusements* servi-me com vantagem em novellas da velha escola de capa e espada (*Judeu, Caveira da Martyr. etc.*) e em pequenos esboços esquecidos. Particulariso-lhe as *Noites de Insomnia*, como repositorio da maior parte dessas bagatellas.

S. C. 17 de junho.

Seu ad.[or] e am.[o] agradecido
Camillo C. Branco

MEU PRESADO JOAQUIM DE ARAUJO

Aprecio verdadeiramente o convite que V. me dirige para collaborar no *Circulo Camoniano*, e penso que essa revista pode prestar serviços de valia ao embora diminuto numero dos que entre nós professam investigaçoens litterarias e criticas. Em França já Molière recebeu a consagração de uma revista especial; pelo fino gosto de V. e pela lista de collaboradores que a sua car-

---

2 *Curso de Litteratura Portugueza* por Camillo Castello Branco—Continuação e complemento do *Curso de Litteratura Portugueza* por José Maria de Andrade Ferreira. Lisboa, 1876. O 1.º volume saira no ano anterior.

ta me apresenta, acho de uma grande altura o monumento que V. pretende levantar em honra de Camões (1).

Finco neste momento os alicerces de duas monographias que alguma coisa dirão de novo, ou antes de desconhecido, ácerca de Maria Telles e de Ignez de Castro (2); a amante-mulher de Pedro o Cru, principalmente, está dentro da area que V. prescreve aos trabalhos do seu *Circulo*. Não carrego á *misera e mesquinha* as sombras pallidas da morte, como dizia o dessorado D. José Barbosa, nem armo aos effeitos do sentimentalismo serôdio—o meu ensaio limita-se a revolucionar as genealogias da *donzella* de Camões, desde Duarte Nunes até Ferdinand Denis, que no assumpto copiou os antecessores.

Conto remetter-lhe um trecho do trabalho

---

1 *Circulo Camoniano* — Revista mensal — Joaquim de Araujo, director. Porto, 1889-92.

Camilo publicou nesta revista algumas notáveis páginas, entre elas uma série de artigos sôbre Manuel de Faria e Souza.

Em o n.º 1 do 2.º vol. (Junho de 1891) saiu um artigo de Teófilo Braga sob o título *Camillo e Camões*, emoldurando um retrato do romancista. Igualmente num discurso do Conde de Samodães, proferido na Sociedade Nacional Camoneana em 10 de junho de 1890, e impresso nêste número do *Circulo*, há referências a Camillo.

2 Nunca chegou a publicar alguma destas monografias.

que vou esmerilhar, aos poucos, mas desconfio que a execução não corresponda em brevidade a qualquer exigencia de momento; dado que a mão de obra deixe de acompanhar os meus bons desejos, pode V. tomar do *Diccionario de Educação* o artigo que lá consagrei ao Epico e que algumas coisas estabelece com acerto. Theophilo Braga serviu-se delle vantajosamente na correcção de certos logares da *Historia de Camões*.

Tambem do *Mosaico e sylva de curiosidades* se pode trasladar um estudo, menos conhecido, ácerca de Faria e Souza. O estylo é ainda á maneira antiga, mas a urdidura de pormenores rasteja um pouco pelos novissimos processos. Pode V. aproveital-o, e mesmo resumil-o, na certesa de que para esta ultima hypothese necessito ver as provas.

Recommendo-lhe a collaboração de D. Carolina Michaëlis. O Sá de Miranda é assombroso. D'aquillo não se havia feito ainda neste jardim da Europa.

Queira dispor em tudo do

Seu muito admirador

Camillo Castello Branco

Meu Presado Joaquim de Araujo

Volta V. a fallar-me de Francisco Xavier de Oliveira, e eu nada posso accrescentar ás

minguadas informações que já lhe forneci. Nas minhas correrias através d'estas regioens d'Entre Douro e Minho, nem um só exemplar dos *Discursos Patheticos* se me deparou; e olhe que vasculhei pelos mais ricos mananciaes de livros que ainda por aqui se acoitam. O texto do livro, explanado no *Curso da litteratura Portugueza*, foi reconstruido sobre a sentença da Inquisição, que o preceitua com larga copia de minudencias.

Creia-me sempre

Seu muito do coração

Camillo C. Branco.

MEU BOM AMIGO

Junto uma nota dos papeis q. ficaram, e dos n.os do *Circulo* q. me faltam.

O C.de de Samodães escreveu-me hontem, a dizer que ainda não tinha sido recebido o meu art.º. Como o mandei pelo Caniço, com outras encommendas, estou tranquillo porque lhe ha de ir ás mãos. O homem tinha que ir vêr uns parentes a S.to Thyrso, e dep.s é que seguia p.a o Porto.

Trouxeram-me ha bocado duas cestadas de livros, entre os quaes alguns mss. Restos de an-

tiga livraria conventual, coados atravez de varias mãos, e por isso m.^{mo} mt.^{o} dizimados.

Vou alternar esta tarde o prazer de percorrel-os com as delicias de uma scyatica q. me visitou ha dois dias. Uma pandega rasgada. *Deus nobis haec otia fecit*...

Seu mt.^{o} adm.^{or} e am.^{o}

C. C. Branco.

Seide,
5.^{a} fr.^{a}

A Joaquim Martins de Carvalho

Célebre jornalista, mui sabedor das coisas do seu tempo, relatadas em milhares de artigos insertos n'*O Conimbricense*, jornal que fundou e dirigiu de 1854 a 1908. Este jornal era a transformação dum outro mais antigo, *O Observador* (1847-1854).

Deixou dois volumes, notáveis pela materia que versam: *Os Assassinos da Beira* e os *Apontamentos para a historia contemporanea*, precioso repositório de notícias dos três últimos quartos do século passado.

ILL.^{mo} SR.

O Visconde d'Azevedo reside no Porto. Basta a simples indicação — Porto.

Se os meus diminutos conhecimentos bibliographicos poderem coadjuvar o trabalho de V. S.ª, promptamente lh'os offereço. Grande parte dos livros mencionados no Cathalogo da *Gazeta Litteraria* são meus, duplicados da minha modesta livraria. Qualquer indagação poderei talvez esclarecel-a.

De V. S.ª

Att.º V.^{or} Cr.º

Camillo Castello Branco

Porto 6 de Fevereiro 68.

◻

LL.^{mo} SR.

Procurei examinar o livro indicado por V. S.ª e já o não encontrei. Comprou-o o bibliomano visconde d'Azevedo, cavalheiro prestantissimo, que de certo dará as illucidaçoens que V. S.ª lhe pedir. Tive algum tempo o exemplar

em m.ª casa e, confrontando-o com as indicaçoens do *Repertorio*, vi que não era alguma das ediçoens conhecidas de Innocencio F. da Silva. O exemplar que hoje possue o v. d'Azevedo tinha sido do barão de Prime, em Vizeu.

De V. S.ª

Creado e V.or affectuoso

Porto 4 de novembro de 1868

Camillo C. Branco

◻

Ill.mo Ex.mo Sr.

S. Miguel de Seide,

por Famalicão,

14 de julho de 73.

Sei que V. Ex.ª de boamente se presta a informar quem o consulta sobre cousas que tão grande parte são das suas utilissimas averiguações. Diga-me, pois, V. Ex.ª, em horas mais feriadas, o que poder, ainda que breve seja, de uma *sociedade* academica, de maus feitos, que ahi *floresceu* no principio d'este seculo e se chamou da *Manta* ou da *Carqueja*, ou não sei quê. Algúns membros d'ella foram justiçados, segundo li não me lembro aonde, e tenho vaga ideia de serem justiçados em 1804.

Se V. ex.ª já escreveu a tal respeito, como é de presumir, basta que me indique o livro ou

periodico em que o fez: eu, depois, facilmente obterei as noticias que V. Ex.ª houver escripto.

Desculpe a impertinencia d'este que muito o admira e respeita como

de V. ex.ª

affectivo cr.º e obg.º

Camillo Castello Branco

◻

Ex.^mo^ Sr.

Muito lhe agradeço a promptidão e minudencia das noticias que V. Ex.ª me envia. O meu anachronismo de um seculo obriga-me a alterar consideravelmente o plano de um romance que estou delineando (1). Não obstante, o motim de 1801 convem-me ao intento.

---

(1) Esta carta responde a uma outra em que Martins de Carvalho lhe enviava os esclarecimentos pedidos na anterior. Não chegou Camilo a publicar o romance que projectava, mas ano e meio corridos sôbre esta carta, estampou no 1.º n.º das *Noites de insomnia* um artigo onde se ocupava da célebre associação secreta. No *Conimbricense* de 14 de fevereiro de 1875, Martins de Carvalho acusava recebido o fascículo das *Noites*, e, aproveitando o lance, corrigia algumas afirmações menos exactas de Camilo.

Pode ler-se a história do caso, que sucintamente relato, no prestante volume do general F. A. Martins de Carvalho *Algumas horas na minha livraria* — Coimbra, 1910, pgs. 109 a 112.

Consta-me que no *Conimbricense* ha excellentes artigos da lavra de V. Ex.ª ácerca de coisas antigas de Coimbra e de fóra. Ser-me-ha possivel obter por preço rasoavel a collecção completa d'aquelle periodico? Se este desejo poder ser realisado, queira V. Ex.ª avisar-me, para eu mandar ahi entregar a importancia; e podendo já vir encadernados os volumes, melhor era. Sei que antes de 1854, o periodico se chamava o *Observador*; mas, se n'este ultimo, não foram insertos artigos de historia, contento-me com os tomos publicados de 1854 até hoje (1)

De V. Ex.ª
Adm.or affectuoso e Cr.º
Camillo C. Branco

Famalicão 18 de Junho
de 1873

---

(1) Saiu o 1.º n.º do *Observador* em 16 de novembro de 1847.

Em 24 de janeiro de 1854 passou a rotular-se *O Conimbricense*. Depois da morte do seu fundador (1898) continuou a sair sob a direcção de seu filho o general Francisco Augusto Martins de Carvalho, recentemente falecido.

Suspendeu a sua publicação em 30 de Agosto de 1907. Em 11 de Julho do ano seguinte publicou-se ainda um n.º, o 6231, especial de 8 páginas, comemorando o 1.º centenário do mais antigo jornal de Coímbra, a *Minerva Lusitana*.

No *Conimbricense*, feracissima seara de informações sôbre os homens e acontecimentos portugueses dos três primeiros quarteis do século passado, encontram o estudioso e o investigador amplo material de consulta.

Ex.^mo^ Sr.

Mandei ao correio d'aqui saber se o manuscripto ficaria impedido por diminuto em estampilhas. Não estava lá; por conseguinte deve estar ahi. Resta saber em que mão foi dar. Se se perdeu, lamento, por que fiquei sem copia. Serei mais cauto nas remessas que fizer de outros papeis. O que enviei era folha e meia de papel almaço.

De V. Ex^a^.

Am.^o^ Obgd.^o^

Porto, 16 de Setembro
de 1873

Camillo Castello Branco

◻

Ex.^mo^ Sr.

Envio hoje o manuscripto que diz respeito aos porcos e aos Navarros. Confrontando o que diz o Soriano com o Itinerario de D. Miguel da Annunciação, vi que o manuscripto não tem novidade, salvo ter o bispo encontrado em 1777 o Mart.^o^ de Mascar.^as^, filho do duque de Aveiro, em Mafra. Por isso, como inutil, o não remetto a V. Ex.^a^. Nas exploraçoens que estou fazendo

nos meus papeis velhos, hei de apartar tudo que disser respeito a Coimbra, e poder merecer a honra da publicidade.

De V. Ex.ª
Am.º grato e Adm.ºʳ

Porto 13 de Novembro
de 1873

C. Castello Branco

□

Ex.ᵐᵒ Am.º

Agora, que foi vendida, ou está em almoeda a q.ᵗᵃ das Larangeiras, que pertenceu ao conde de Farrobo, parece-me q. V. Ex.ª folgará ver o papel q. lhe offereço, e que nunca vi impresso nem me consta q. o fôsse. Pode ser que V. Ex.ª o considere benemerito de apparecer na occasião em q. os descendentes do barão de Quintella teem fome, e a viuva do ultimo conde de Farrobo fallecido está amigada com um aspirante da Alfandega de Lx.ª!

Vi que está de posse do anterior m.ª

De V. Ex.ª
Am.º Obgd.º
Camillo Cast.º B.º

Ex.^mo Am.º

Vai incluso um papel que tem algum interesse. Mando outro cintado, em que está um aviso do marquez de Pombal. Vê-se que em 1795 estava apagado o grande facho que o marquez accendêra nas cavernas da Inquisição. Quem diria que 25 annos depois dos queixumes do infeliz P.e Martins Figueira, o tribunal de S. Dom.os seria arrazado! Muito depressa corre a humanidade! Ha quem receie que o retrocesso corresponda ao avanço. Se a hypothese é acceitavel, não faça V. Ex.a pesados commentarios ás angustias do padre, por que ahi na Sophia ainda me cheira a torresmos humanos.

Disponha do

Collega e Am.e Obgd.º

Camillo Cast.º B.º

◻

Meu Amigo

Envio-lhe além do cartapacio em que se discutem primazias entre Penedos da Saudade e Meditação, dois tomos autographados de Fr. An-

tonio do Sacramento, mencionado pelo Innocencio a pag. 264 do 1.º tomo. (1)

Parece-me que ha ahi coisas dignas de publicação, principalmente ã descripção do terremoto de 1755, e umas crendices que elle conta, sendo guardião do convento de S. Francisco da Ponte de Coimbra. Este padre era parente de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, mas a varonia está extincta. O Innocencio não sabe quando elle morreu — nem eu; mas vê-se que ainda vivia em 1786. Ha por ahi tambem umas noticias curiosas sobre frades da sua ordem,

---

(1) E' ainda o General Martins de Carvalho quem elucida:

«O *Cartapacio*, a que se referia o illustre escriptor sr. Camillo Castello Branco n'esta sua carta, offerecido a Joaquim Martins de Carvalho, conjunctamente com os dois volumes manuscriptos, autographos de Fr. Antonio do Sacramento, a que acima nos referimos, é um curiosissimo livro manuscripto em 4.º grande, intitulado *Devaneios academicos*, e contendo um grande nnmero de curiosissimos *problemas academicos* resolvidos com muito engenho e graça.

«Suppomos com bom fundamento que todos estes problemas se conservam ineditos. Dois d'elles em que se discutem primazias, não entre *Penedos da Saudade e Meditação*, como diz o sr. Camillo Castello Branco, mas entre o *Penedo da Saudade* e a *Fonte das Lagrimas*, são deveras interessantissimos.» *Ob. cit.*, pag. 109.

que elle manda incorporar na 7.ª parte da *Chronica Seraphica.*

V. Ex.ª disporá dos livros e do

Seu amigo e admirador

C. Castello Branco

S/C. Maio, 15, 75.

◻

Ex.mo Sr. Joaquim Martins de Carvalho

Tenho precisão de ver a descripção que v. ex.ª fez nos *Apontamentos para a historia da typographia em Coimbra*, de um exemplar da *Meditaçon* de fr. Antonio de Portoalegre, no *Conimbricense* de 14 de Setembro de 1867, numero 2.101.

Se V. ex.ª tiver a bondade de mandar copiar a sua descripção muito me obriga.

Possuo um exemplar d'este rarissimo livro admiravelmente escripto com relação á época.

De V. Ex.ª etc.

Famalicão, 29 de
Junho de 1879.

Camillo Castello Branco

Ex.mo Sr. Joaquim Martins de Carvalho

Agradeço as suas informações ácerca do livro, e consultarei a sua opinião sobre o mesmo assumpto.

O meu exemplar tem dois frontespicios. No primeiro diz simplesmente: *Meditacion de la Inocentissima muerte y Passion de nuestro señor en estilo metrificado, segunda vez impressa y emendada.*

Depois seguem 6 pag. de prologo; e no verso da ultima está o titulo por extenso da que v. ex.ª trasladou do exemplar do dr. Gusmão.

Segue o poema na pag. V, numerada, e, sempre com numeração romana, vae até pag. CLXVII, como no exemplar conhecido e descripto no *Conimbricense.*

Tem depois as mesmas peças indicadas; mas não tem, ou talvez nunca tivesse, a indicação de impressor, anno, e licença do cardeal rei.

V. Ex.ª diz que o exemplar de Gusmão é em 4.º e o meu é em 8.º. Significará isto uma 2.ª edição ainda menos conhecida que uma que Innocencio viu, e Gusmão possue?

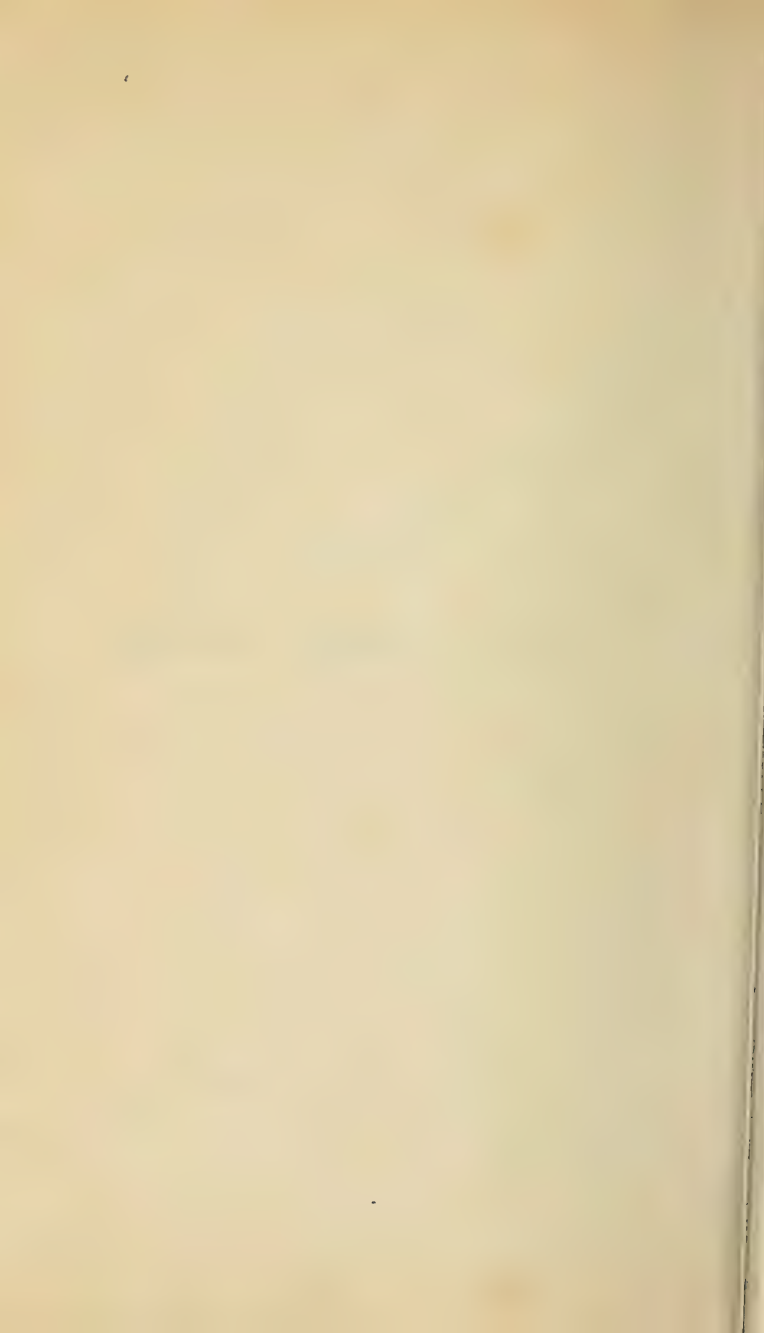
O meu exemplar teve um possuidor em 1572. O do dr. Gusmão terá tambem no 1.º frontispicio a indicação de *2.ª impressão emendada?*

Se o meu bom amigo quizer consultal-o. poderemos decifrar este, a meu ver, importante segredo bibliographico.

De V. Ex.ª. etc.

Famalicão 7 de
Julho de 1879.

C. Castello Branco

A José de Azevedo e Menezes

Erudito linhagista, espalhou vários trabalhos da especialidade em jornais e revistas. Publicou há anos um volumoso livro de investigação genealógica sob o título de — *Ninharias*.

Reside no seu solar do Vinhal, em Famalicão e é presidente da comissão, que tomou sôbre si o encargo de reedificar a casa de Camilo e organizar o Museu Camiliano.

MEU PRESADO AMIGO

Muito obrigado pela finesa do seu presente. Eu pertenço á quasi extincta raça dos caturras que se deleitam com estas pesadas empadas genealogicas.

E o trabalho que V. Ex.ª teve a trasladar o folhetim!

Já estou na sáfara dos *Narcoticos* a ver se convenço o leitor pio de que D. Theodosio de Bragança mandou matar o Francisco de Moraes *Palmeirim*, porque este lhe bulliu com o João Gonçalves Barbadão.

Era moda bater nos linhagistas.

Sabe V. Ex.ª que o Conde da Castanheira deu pancadaria no Damião de Goes por causa da satyra aos descendentes de D. Maria Pinheiro.

Essas foram bem dadas.

A minha familia agradece muito reconhecida as attenções de V. Ex.ª de quem sou mt.º dedicado

e agradecido am.º e cr.º

24—9—1882

Camillo Castello Branco

MEU AMIGO E COLLEGA

Arfam de gratidão as minhas esbrugadas costellas, as pessoaes, pela fina e gentilissima es-

tima que transluz do tão erudito quanto alegre artigo de V. Ex.ª na *Alvorada*.

Fez-me o meu querido amigo invejar os meus rijos antepassados que encouraçavam as costellas em aço e toucinho.

Quando contemplo o meu arcaboiço e o comparo ás ferreas caixas toraxicas d'aquelles selvagens, admiro a sapientissima providencia que deu pulsos de bronze a uma geração que estrangulava sarracenos, e musculos de algodão em rama a mim que, ha 3 mezes, me entretenho a matar moscas.

E eu creio que, matando moscas, sou mais christão e mais socialista do que os barbaros Botelhos matando agarenos.

Abraça V. Ex.ª o seu amigo

6—10—1885

Camillo Castello Branco

Meu presado amigo

Os meus calhamaços genealogicos differem quanto ao casamento de João Gonçalves Zarco, o aventureiro que descobriu a Madeira — com D. Constança Roiz, de Sá, Senhor de Sever e alcaide-mór de Gaya, etc.

Uns dizem que a mulher do Zarco era Constança Rodrigues sem *Sà*. Outros dizem que os

descendentes do Zarco—os filhos—não eram de Constança, mas sim d'uma segunda mulher. Queira V. Ex.ª consultar os seus oraculos no artigo *Conde de Mathosinhos, de Penaguião, Marquez de Fontes e d' Abrantes*, finalmente. Vamos ver se achamos concordencia.

Eu projecto escrever, se a saude voltar, um livrinho intitulado — *João Gonçalves Zarco* (1). E' coisa de costa acima, mas a maxima dificuldade é a minha falta de olhos.

De V. Ex.ª amigo dedicadissimo

10 – 12—1886

Camillo Castello Branco

Meu Amigo

As minhas bisbilhotices genealogicas vão-me tornando importuno. Tenha V. Ex.ª resignação como victima da mesma doença.

O bispo de Lamego, Moura Coutinho, no «Nobiliario» trasladado em folhetins da *Palavra*, com que V.Ex.ª me brindou, em varios pontos promette falar da Casa de Pousada, em Basto, berço da Casa de Bragança, porque ahi

---

(1) Êste livro não passou de projecto, como muitos outros de Camilo.

nasceu a D. Brites que casou com o bastardo de D. João I.

Nos folhetins que possuo não se encontra a Casa de *Pousada*.

E' natural que viesse em n.os posteriores da *Palavra* se é que a obra continuou, e pena seria que não continuasse.

Sei que essa Casa e muitas outras pertenceram a D. Leonor de Alvim; mas ha particuladades quanto aos bens de Vasco Gonçalves Barroso, 1.º marido d'aquella senhora, que eu necessito saber.

Sei tambem que o velho nada deixou á mulher, e legou todos os seus haveres ao mosteiro de Refojos de Basto; mas talvez que o bispo, como filho d'aquella localidade, e grande esmiuçador, nos conte particularidades acerca do destino que tiveram as numerosas quintas que em terras de Basto possuiu D. Nuno Alvares Pereira.

Se V. Ex.ª possuir a parte que diz respeito a Pousada, queira emprestar-m'a e bem assim communicar-me o que a tal respeito souber.

De V. Ex.ª am.º mt.º grato

5-1-87

Camilio Castello Branco

A Luis da Serra Pinto

Nada mais sei dizer sôbre esta personagem, senão que era tio de D. Ana Augusta Plácido.

Vidè Alb. Pimentel, *Amores de Camillo*, pág. 258 e 262.

ILLUSTRISSIMO SENHOR

V. S.ª e eu reduzimos sua sobrinha á extrema miseria. Ha no crime ainda a possibilidade da virtude. A minha, se alguma me concede é trabalhar noite e dia para alimental-a e a seu filho. Os projectos de assassinio tramados por V. S.ª contra mim não vingaram no Porto. Se conseguir que elles vinguem em Lisboa, glorie-se V. S.ª de ter quebrado o ultimo estio d'uma senhora desvalida. Não se espante da liberdade que tomo de escrever-lhe. Espero que V. S.ª seja ûm dia o primeiro a dizer que eu não era tão infame como a sociedade me julga.

De V. S.ª

attento, venerador e creado

20 de fevereiro de 1859

Camillo Castello Branco

□

A D. Maria Amália Vaz de Carvalho

Esta ilustre senhora foi uma das escritoras que em Portugal mais altamente honraram as letras e dignificaram o seu sexo. Escrevendo desde muito môça, a sua bagagem literária é notável em quantidade e qualidade e reveladora dum delicado temperamento de artista a par dum largo senso crítico.
São muito para ler-se os seus livros *Uma primavera de mulher*, *Vozes do Ermo* (poesias), *Alguns homens do meu tempo*, *Coisas d'agora*, *Em Portugal e no Estrangeiro*, *Vida do Duque de Palmella*, *Pelo mundo fóra*, *Chronicas de Valentina*, *No meu cantinho*, etc. Foi esposa de Gonçalves Crespo e faleceu em 1921.

ILL.^ma E EX.^ma SR.^a D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

No dia 16 d'este mez fiz annos (1). Felicitaram-me numerosos amigos, e conhecidos, e des-

---

1 Sessenta, pois nascera a 16 de março de 1825. Camilo, porém, supoz sempre ter nascido um ano depois. Numa carta a Sena Freitas adiante publicada lêem-se estes periodos:

«Não tenho 64 annos, como V. Ex.ª diz. Nasci a 16 de março de 1826. Fui baptisado na egreja dos Martyres, em Lisboa».

Na lápide, que até há pouco se incrustava num prédio do largo do Carmo lia-se que o romancista ali nascera a 14 de Abril de 1825, quando esta data foi a do seu baptismo. A epígrafe foi depois substituida por uma outra, onde se rectificava o anacronismo.

Vem a pêlo trasladar para aqui a certidão de idade de Camilo:

«Em quatorze dias do mez de abril de mil oitocentos e vinte e cinco baptizei solemnemente - a — CAMILLO — que nasceu em dezeseis dias de março do dito anno, filho natural de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco, de Villa Real; foi padrinho o Doutor José Camillo Ferreira Botelho, de S. Paio, por seu procurador Paulo Manuel Fernandes, morador na freguezia dos Anjos, de que assignou, e madrinha Nossa Senhora da Conceição, de que fiz este assento que assignei junto, dia ut supra. O Prior Henrique José Correia».

conhecidos pelá jubilosa commoção que eu devia sentir completando 59. Mas entre os nomes que mais prezo e admiro não estava o brilhantissimo nome de V. Ex.ª Esta falta foi a nota melancolica do meu hymno em aquelle fausto dia. Faltou-me V. Ex.ª a enviar-me parabens por eu entrar no gozo de uma edade bonita. 59 annos a caminharem para a perfeição dos 60; e, depois, d'ahi por diante, uma chronologia de phases deliciosas até a cachexia senil. Estranhei, pois, que V. Ex.ª me não felicitasse por estar surdo, quasi cego, tropego, com duas nevroses em cada nervo, com duas atonias formadas, uma no estomago, outra no figado, e a terceira a principiar no cerebro: tudo isto ditosas contingencias dos 59 annos que as pessoas minhas affeiçoadas, m uma expansão congratulatoria, pareciam invejar-me.

Nos anos anteriores, quando prefiz 56 e 57, V. Ex.ª saudou a minha felicidade menos completa. Tenho aqui os cartões que me relembram esses anniversarios em que a minha doce vida não era tão docemente cristallisada como esta dos 59—fructa sêca laminada de assucar em ponto, tão saborosa como rutilante. Parece que V. Ex.ª com quem a estupida fortuna tem sido esquiva, sabendo que eu n'este ultimo anno cumulára mais alegrias do que as admissiveis n'um eleito da graça divina, ganhou certo despeito pela desigualdade na partilha dos

prazeres, e deixou por sso de me felicitar, como se eu tivesse culpa em que os deuses chovessem sobre os meus 59 annos abadas de flores do paraiso celestial! Esse proceder releva-se ás irritações nervosas do talento contra uma certa parcialidade que os céos tem mostrado a meu respeito; mas eu não a desculpo, minha querida amiga.

Por que não ha de regosijar-se vendo remuneradas em mim providencialmente todas as calamidades que os operarios do alphabeto soffreram em Portugal, desde que João de Barros lhes ensinou o *a b c* na sua cartilha, começando por A *arvore*, B *bésta*? V. Ex.ª sabe que o famoso chronista da Asia alludia no exemplo graphico da segunda letra a uma arma de arremessar setas; mas o meu mestre-eschola, bestificado pelo meio, dizia *bêsta*; e isto, a meu ver, tinha mysterio que os mercieiros ricos tem querido explicar-me.

Seja como fôr, aconteceu, minha presada Senhora, que a cornucopia olympica, sobraçada gentilmente por Minerva, está desde 1826 emborcada sobre mim, e d'esta vez despejoume as duas nevroses para cada nervo, varias atonias para diversas visceras, e a surdez, e a cegueira e varias outras deleitações pelas quaes V. Ex,ª me não felicitou, no dia 16 de março.

Pois, minha senhora, sendo eu um dilecto dos deuses, prelibo como elles o nectar da vingan-

ça, não satisfazendo o desejo que V. Ex.ª tem de estampar no seu jornal caritativo [1] a prosa juvenil, syderal e irisada d'esta minha inspirada rejuvenescencia. E agora, como deve estar a nascer-me o dente do sizo, depois da morte dos outros, já mais escreverei prosa senil, prosa de franciscano da ordem terceira, invocando a caridade publica. Nunca mais escreverei senão lyricas e madrigalescas em que a fórma e o colorido rescendam o perfume dos meus 59 annos.

Além de que, Ex.ᵐᵃ Sr.ª, da maneira como n'este paiz se está mendigando para tudo e por todos os motivos, o collaborador assiduo dos *jornaes de um numero só*, tornou-se o velho mendigo das romarias e das portas dos templos, garganteando clamorosamente: *O' pais e mães da caridade, contemplae*... etc.

Não seria indiscreta coisa, minha senhora ver se os governos podem aguentar-se na sua missão providente de socorro á miseria dos

---

1 *Um feixe de pennas*—Lisboa, 1885. Publicado em beneficio do *Asylo para raparigas abandonadas*. A ilustre escritora conseguiu reünir nêste volume de 172 pgs. selectissimos escritos dos primeiros prosadores e poetas portuguêses. A carta de Camilo vem a abrir o livrinho onde decorre de pgs. 1 a 4, tendo sido depois incluída na *Bohemia do Espirito*.

seus administrados sem a nossa collaboração de Andadores das almas n'uma effectividade quasi humoristica?

De V. Ex.ª

Amigo extremoso como pae

Camillo Castello Branco

Casa de V. Ex.ª, S. Miguel de Seide, 27 de março [1].

(1) De 1885.

Ao Dr. Pereira Caldas

José Joaquim da Silva Pereira Caldas, "professor bracarense" ou "decano do liceu de Braga" como êle se titulava, era um caturra de erudição miúda e confusa. Camilo ora o elogiava, ora o tosava; vejam-se adiante umas cartas onde o Mestre lhe joga as ultimas, á volta duns livros, que lhe encomendara e de que Pereira Caldas, ao que se infere, não restou suficientes e honradas contas. Tempos depois congraçaram-se novamente, continuando Camilo como dantes, ora a considerá-lo, ora a compô-lo, *au gré des événements*.

Escreveu numerosos folhetos, a maior parte sôbre bibliografia, e tambem história, genealogia, etc. Ferrenho camonista a propósito e despropósito de tudo e de todos chamava Camões a terreiro.

Cito dentre os seus escritos: *Desafogo da saudade na morte de Gonçalves Dias*, *Descoberta da America*, *Francisco Lopes Poeta Lisbonense*, *Ilhas Carolinas*, *Duas palavras sobre o Diccionario Bibliographico*,

Queixa-se injustam.te O cathalogo dos livros que hão de ir p.a o Ed. Coelho, só no fim da corr.e semana fica impresso. Um q. enviei ao barão de Paçô, como o meu am.o pode verificar, é egual ao q. lhe deu o Alves Matheus.

Eu tinha escripto ao Jorge Shaw indicando-lhe do referido cathalogo os n.os escolhidos por V.ª. Diz elle que recebeu a m.a carta quando o leilão já corria, e parte das obras estava vendida. Isto, a meu ver, é mentira. O mais certo será que elle tinha interesse em adjudicar as obras V. ao Pinto.[1]

Vendeu-lhe o n.º	7 (B. Rabbinica)	10$000
»	» 28 (Constit.)	2$000
»	» 95 (Mayor triumpho)	2$500

Queira ver no Innocencio que esta 3.ª obra tem estampa allegorica. O meu exemplar não a tinha. O meu amigo por tanto descontentava-se da falta.

O n.º 53 (Hist. da America) che-

---

[1] Vieira Pinto, bibliófilo portuense que deixou uma notabilissima biblioteca, dispersa em leilão por sua morte.

gou a 9$000; mas, como eu fixára o minimo em 10$000, ficou. Pode contar com ella pelos 8$ rs.

O n.º 63 (Fastos) que o **V.** Pinto comprou pr 2$ rs. falta-lhe o 7.º vol. segd.º o comprador me assevera com o Innocencio em punho. O autor é um fulano *Lx.*ª, e parece-me ser *Gaspar* (tambem os ha no Rio de Janr.º). Não lhe servia por tanto. Outros n.os se venderam excepto a hist. genealog. da Casa de Lara que, se bem me lembro agora o meu Am.º disse querer p.r 12$000 Eu, fiado nos 140 fr., do Maisonneuve (?), estipulei o minimo de 19$000 rs. Chegou a 12$100 rs. Ficou, p.r tanto; veja o Dr. se devo remetter-lh'a. Eu dei 20$ rs. como fino que sou.

Tenho por tanto ás suas ordens:

Os 2 Regimentos da Inquisição	9.000
Constituiçoens de S. Bento....	2.500
Sermoens de Galvão.........	3.000
Promptuario.................	1.200
Hist. da America............	8.000
Refeição....................	2.250
Explicação do Psalmo........	1.200
Jardim da S. Escrip.ta.......	1.200
Casa de Lara................	12.000

Diga-me se lh'os devo remetter.

Q.to á importancia, poderia o meu am.º en-

Trovas de M. Machado d'Azevedo, Noticia historica sobre a Espingarderia Viselense, Poetas seiscentistas no "Templo da Memoria." etc. Quase todos êstes opúsculos e os muitos mais que não menciono são de pequenas tiragens, e não entraram no comércio.

viar-m'a por via do Banco do M.º p.ª V.ª Nova, onde ha casa filial ou corresp.e, deduzindo a percentagem.

Os sermoens de Galvão (o melhor e optimo exemplar) está em Seide. Só no começo da prox.ª semana posso enviar-lh'o. Os outros livros estão aqui no Porto.

Do seu am.º obg.mo

Porto, S. C. de 8.bro 68.

Camillo Castello Br.º

◻

Meu am.º

Veja se se lembra dos livros que me pediu e dos preços. Recordo-me da *Casa de Lara* do *Galvão*, do *Rocha Pita*, e não sei que mais foi.

Offerecem-me aqui dois livros que devem ser de summa rarid.e Querem 9$ rs. Eu lh'os descrevo:

1.º — El triumpho de la virtud y paciencia de Job dedicado a la Magestad Cristianissima de D. Anna d'Austria etc. por Diogo Henriques *Basurto*: Roan, 1649, 4.º maximo. (Este celebre judeu creio que era f.º d'Ant.º Henriques Gomes). Está optimo o exemplar.

2.º — Orpheus eucharisticus, sive Deus absconditus, &.ª, por Augustinus *Chesneau*. (Tem 100 vinhetas de Alberto Flamen (?). Pariz, 1657. 8.º gr. 699 pág. afora indices, licenças, &.ª.

Parece q. o Brunet o reputa em m.to e é rarissimo. Se o meu am.o tiver ou não quizer estes livros, diga-me se os posso comprar p.r aquelle preço. Caso os queira, dê ordem na Casa Moré p.a os pagar ao dono e enviar-lh'os

Sem tempo p.a m.s.

Seu m.to am.o

Porto 20 de 8.bro 68

Camillo C. Br.o

□

Ex.mo AMIGO

Recebi á sua lista.

Encontraram-se os seus numeros com bastantes do Custodio José Vieira. A lucta com este inclina-se a favor do meu amigo.

Apenas na sua lista encontro dois art.os pre-endidos pelo V. d'Azevedo (1):—os 26 e 94 dos Portuguezes. E, como elle manda cobrir todos lanços, é inutil o combate. Pelo n.o 94 manda abrir a licitação com 6:400 rs. Ora já vê...

Os livros italianos e inglezes estava-os eu encaixotando p.a irem p.a Lx.a Deixo de fora os que V. Ex.a deseja, e d'aqui lh'os enviarei pelos preços que offerece. Vão baratissimos.

---

(1) Do Visconde de Azevedo escreverei noutro vol. destas *Cartas*.

Venha quando lhe appetecer um pouco cavaco ao fogão e uma orelheira com feijão branco. E' o melhor volume que cá tenho... o pôrco.

De V. Ex.ª

Am.º e adm.or

C. Castello Branco

S. C. 26 de 9.bro 69.

Ex.mo Sr.

Faltam-me os seguintes livros (1):

....

Deve-me V. Ex.ª — 40$450 reis.

Passados oito dias, se V. Ex.ª me não houver pago com dinheiro, com os mesmos livros, ou com outros, volto a Braga. Lamento a sua posição; mas não me deixo espoliar pelos despejados; pelos infelises, sim. O Sr. Caldas, se conseguisse

---

(1) Segue-se uma lista de livros (apenas os n.os, de qualquer catálogo) portuguêses, francêses, italianos, espanhois, inglêses e latinos.

reaviventar a sua vergonha perdida, poupava-me a mim ao nôjo de lhe escrever o necrologio.

Ha de têl-o magnifico e monumental.

De V. Ex.ª

Admiradissimo servo

Seide 12 de Junho de 1870.

C. Castello B.º

□

Ex.^{mo} Sr.

Devolvo os seus livros. A *Ethiopia* é extremam.te cara, attento o seu estado geral e particularmt.e o da pag. 10. O ms. não me convem. Seria obra estimada se passasse alem do 4.º Canto.

Perguntei ao Ernesto Chardron pelo leilão q. V. Ex.ª me annunciou. Disse elle q. tal leilão é pura fabula.

Lamento que V. Ex.ª nunca queira entrar no terreno da leald.e comigo. Como já estou cançado de me molestar com esta suja questão de livros, d'aqui prometto não mais intentar ha-

vêl-os. Tempo perdido. V. Ex.ª conseguiu o seu fim. Parabens.

De V. Ex.ª

V.or e ad.or

Hotel dos 2 am.os
27 de Junho 70.

Camillo C. Branco

◻

Meu am.º

Queira ter a bondade de me dizer que inédito de Fr. Thomé de Jesus começou a publicar o *Murmurio*, N.º 15, periodico dessa cidade, — carta a que allude o Innocencio no art.º «Thomé de Jesus» penultimo periodo de pag. 358, t. 7.º (1)

---

(1) *O Murmurio* — «Periodico litterario e instructivo» de Braga, cujo 1.º n.º saiu a 1 de Janeiro de 1856.

Começou de facto a publicar no seu n.º 14 (e não 15) de 15 de Julho de 1856 uma carta do famoso graciano descrevendo, como Camilo supunha, a morte e funerais de D. João III. E' datada de Lisboa, em 14 de Junho de 1557 (e não 1555) e endereçada aos eremitas descalços de S. Agostinho. O autógrafo da carta pertenceu a Barbosa de Machado.

A-pezar-de trazer no fim da parte publicada o «continua» ritual, não teve seguimento, pelo menos até o n.º 24 e último da coleção, que examinei na Bibl. Nacional.

Será uma carta escripta a não sei que frades, noticiando-lhes a morte de D. João III, e datada de Lx.ª em 1555?

Em hora m.to vaga, dê-me prova de que desculpa as caturrices bibliographicas deste seu confrade em caturrice

e velho am.º

Porto S. C. Rua do Bomjardim
860, 13 de 9.bro de 1873.

Camillo Cast.º B.

MEU AM.º E COLLEGA ESTIMADISSIMO

Faz favor de me dizer em que volume do *Instituto*, de Coimbra, escreveu o José Julio de Oliveira Pinto ácêrca do *Duello*?

Seu affectu.º

Porto 7 de abril de 74

Camillo Cast. Branco

MEU COLLEGA E AMIGO

Fui examinar o art.º que me indicou no *Innocencio*, e achei que o seu não era justam.te o q. eu suppunha. Muito agradecido. O homem que

em 1647 tentou contra a vida de João IV era Dom.[os] Leite Pereira, natural de Guim.[es] e que, segundo presumo, nasceu entre 1610 e 1615. Tenho quasi concluido o romance (1) que diz resp.[to] áquelle sujeito. Como lhe não conhecia o pai, inventei-lh'o; se V. Ex.[a], a tempo, me enviar a authentica paternid.[e] do individuo, terei m.[to] praser em declarar que lhe devo a preciosa noticia. Comq.[to] o Conde da Ericeira lhe diga que o homem era de Lisboa, não o creia; fie-se antes em Fr. Fr.[co] Brandão que é coevo, e escreveu sobre o assumpto no mesmo anno.

De V. Ex.[a]

Am.[o] obg.[o]

C. Castello Br.[o]

◻

Meu amigo

Envio-lhe uma lista de livros que desejo trocar por chronicas monasticas e civis. Não lhe inculco a rarid.[e] de alguns, porque não ensino o padre nosso ao vigario. Se tiver livros que queira trocar pelos bons exemplares que offereço diga que

---

(1) *O Regicida* (1874), ao qual se seguiu *A Filha do Regicida* (1875). Podêmos pois, sem êrro de grande monta referir esta carta a 1874.

livros são. Advirto-o, porem, que não cedo uns, ficando eu com os outros.

Seu adm.^or^ confr.^e^ e am.^o^

Seide, 8 de 8^bro^ 76

*C. Castello Br.^co^*

MEU AMIGO E CONFRADE

Tenho de escrever um prospecto para a publicação das «Monstruosidades do tempo e da fortuna» por fr. Alex. da Paixão [1].

Tenho escassas noticias do frade; e creio q. o meu amigo poderá, com a sua solicitude investigadora, dar-m'as de modo que a sua resposta possa ser inclusa no prospecto. Se isto lhe não for penoso — e por q. sei q.^to^ lhe são aprasiveis os trabalhos desta especie — m.^to^ penhorará o

seu velho adm.^or^ e am.^o^

S. C.
Seide 1 de abril 78

*Camillo Castello Br.^o^*

---

[1] Já impressa a 1.ª fôlha, Camilo mandou que a inutilizassem, não prosseguindo a edição. Foi êste livro pitoresco mais tarde divulgado na íntegra pelo erudito Graça Barreto (1888).

Meu bom amigo

Não accusei a recepção dos Apontam.[tos] com q. me obsequiou, por que, tencionando ir a Braga, como de facto fui, queria agradecer-lh'os pessoalm.[te]; mas tive de sahir logo d'ahi por ter passado a noute pessimam.[te].

O meu filho não estava no caso de ser honrosam.[te] examinado. Agradeço ao meu amigo qualquer favor que tencionasse prestar-lhe; mas eu nunca consentirei que filho meu obrigue os meus am.[os] a condescendencias e indulgencias dessa natureza.

Não annunciei á venda alg.[m] opusculo de Malagrida. Se alguem noticiou q. eu o tinha, a illação de q. o vendo foi mal tirada.

Do seu am.[o] obg.[o]

C. Castello Branco

Seide 19|5|78

Meu presado amigo

São sufficientes as informaçõens que me communicou. Agradeço-lh'as cordealmente. Precisava do seu depoimento n'uma questão historica em que todos os historiadores hodiernos tem dado raias de instrucção primaria imperfeita. Breve-

mente lhe enviarei um trabalho ao qual tem referencia a informação que lhe pedi.

Lembrei-me com saudade da sua versão da *Cama* que li ha m.s de 30 annos no Braz-Tizana. Está magnifica e decentemente engraçada.

Velho am.o e obg.do

C. Castello Br.o

MEU AMIGO E EX.mo SR.

Envio hoje a V. Ex.a um opusculo. A referencia da pagina de ante-rosto intende-se com um academico conimbricense que V. Ex.a protegeu, abrindo uma subscripção no seu jornal.

Se houver producto, como é de esperar que haja algum, enviarei a V. Ex.a a quantia liquidada.

De V. Ex.a

Am.o m.to grato

Camillo Castello Branco

C. de V. Ex.a
5|11|86

---

(1) Não consegui encontrar êste escrito de P. Caldas na colecção do *Braz Tizana* pertencente á Biblioteca Nacional.

Meu collega e presado amigo

Venho pedir-lhe a finesa de me dizer a redacção do primitivo epitaphio do arcebispo D. Gonçalo Pereira. Sei que no seculo XVI, segundo resa D. Rodrigo da C.ª na «Historia ecclesiastica de Lx.ª», houve uma superfetação epigraphica; mas não sei se a data da morte do arcebispo (1348) ficou occulta. Não sei o que diz o D. Rod. da C.ª quando historia a vida do arceb. D. Gonçalo Pereira. Com poucas palavras poderá o meu am.º esclarecer o seu

dedicado e adm.or

Camillo Castello Br.co

S. C.
16-1-87

▫

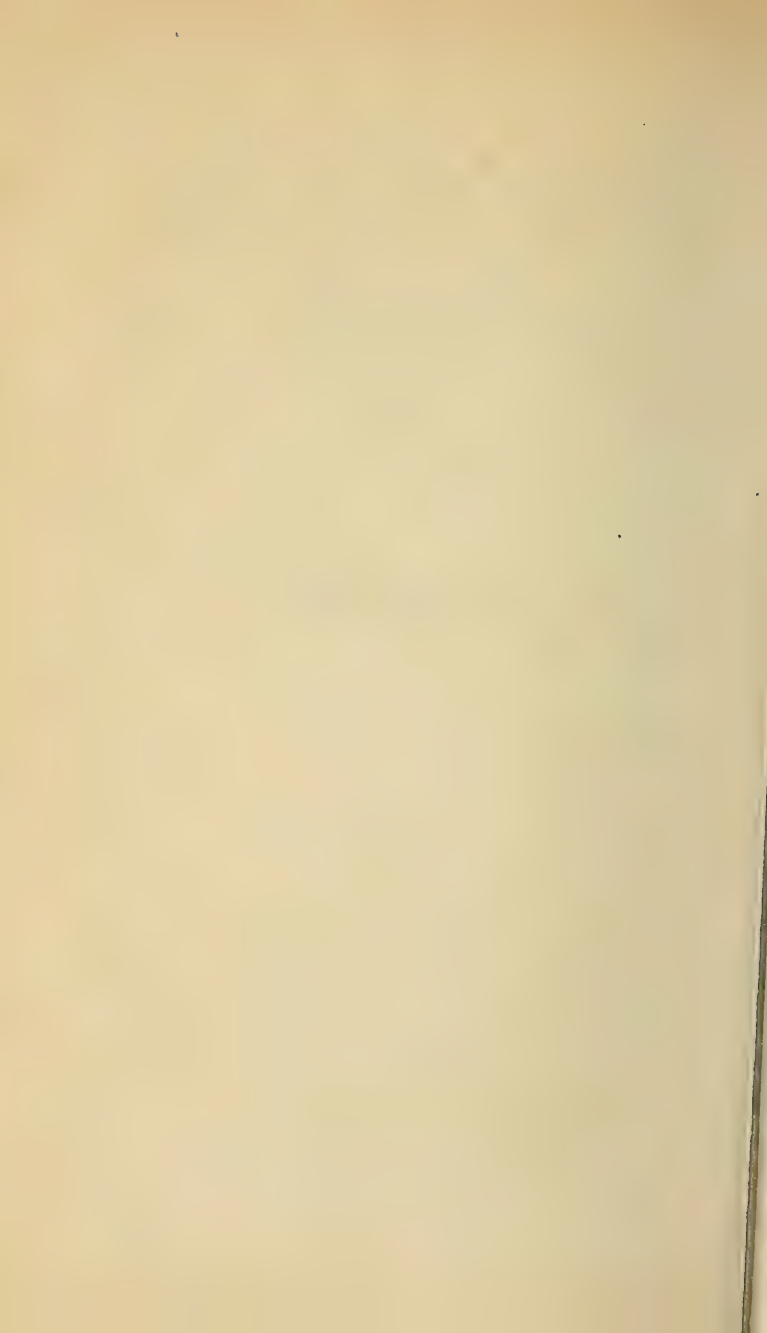
Meu presado e velho amigo Pereira Caldas

Venho pedir-lhe instantemente a approvação dos examinandos Julio, e Jayme Brandão. Creio que elles tem merecimento, applicação e portanto direito a serem aprovados, todavia como os exames são muitos é preciso haver misericordia p.ª com estas creanças que as leis d'instrucção publica querem fazer sabios á força.

O meu amigo Per.ª Caldas comprehendendo

bem a iniquidade de taes leis, é obrigado a remedial-as com o seu talento e com a sua bondade. Assim o espera o

seu velho e dedicado amigo

Camillo Castello Branco

A Silva Pinto

Quem, durante muitos anos, quotidianamente percorresse a colunas de *A Voz Publica*, do Pôrto, e de *O Pimpão*, de Lisboa, largo ensejo teria de saborear, em secção diária subscrita por *João Braz*, a prosa viva, sacudida, incisiva de Silva Pinto. Acre por natureza, desatencioso de fórmulas, prejuizos e conveniências, os seus livros, digam o que disserem e a-pezar-dos seus defeitos de escritor, ficarão como um protesto ruidoso contra a corrupção, que no seu tempo, como agora, contagiava as classes, as profissões e as consciências. Entre essas dezenas de livros contam-se: *Do realismo, na arte*, *Alta Noite*, *Alma Humana*, *Combates e criticas*, *Novos combates e criticas*, *Terceiro livro de comb. e crit.*, *A queimar cartuchos*, *O mundo furta-côres*, *Pela Vida fóra*, *Na procella*, *Ao correr do pello*, *Saldos*, *Frente a frente!*, *A torto e a direito*, *O criterio de João Braz*,

MEU PRESADO AMIGO

O Jorge tem peorado e eu principio a desconfiar que a Lipomania é contagiosa. Partimos todos ámanhã para o Porto, para mudar de meio. Não sei que tempo estaremos. Vamos para o Hotel do Porto. Dei ordem para que lhes enviassem *Macarios* (1). Recados ao sr. Lacerda (2).

Do seu velho

Camillo

MEU CARO AMIGO

Se eu não sou um bestial profeta, o seu livro (3) deve ter uma grande extracção. Em Portugal nunca se publicou livro desta na-

---

(1) O romance realista *Eusebio Macario*, que Camilo publicara recentemente.

(2) Narciso de Lacerda, autor dos *Canticos da Aurora*, falecido há anos em Lisboa. Silva Pinto habitava sob o mesmo tecto do poeta.

(3) *Combates e criticas.*

tureza, nem critica de tanto alcance. Por emq.[to] só recebi até f. 20. Espero que o prefacio esteja escripto a tempo de não retardar a publicação. Hade resentir-se o prefacio do meu máo estado de saude. Ha 44 horas que não durmo.

A transcripção do meu prefacio não é urg.[te] p.[a] que se faça conhecido o livro; o que deve é ser liberal na distribuição pela imprensa. Não se esqueça do ***Melicio*** nem do ***Pina*** nem do ***Ramalho***. E do Conceição, (1) ***cela va sans dire.***

Vá dando pontapés, e resigne-se com a Justiça. Q.[to] á cabana, aqui tem esta, se perder a questão.

Do seu m.[to] grato am.[o]

C. C. B.[co]

Moral de J. Braz, *A philosophia de J. B.*, *No Coliseu*, *Rompendo o fogo*, *Santos Portuguezes*, *S. Frei Gil*, o livro de viagem *No Brazil*, as peças *Os homens de Roma e o Padre Gabriel*, a publicação *Noites de Vigília*, etc. Ninguem desconhece que o notável panfletário começou por se inimistar com Camillo, congraçando-se os dois mais tarde. S. Pinto foi então o melhor amigo do exilado de Seide, amisade que religiosamente conservou além da morte dêste. Dela ficou a cada passo claro testemunho nos livros de Silva Pinto, tendo mesmo dado á estampa um volume de cartas camilianas—por sinal com bem pouca probidade, pois lhes suprimiu e inverteu frases e até periodos inteiros, transferindo-os arbitrariamente de umas para outras cartas. O seu derradeiro livro, impresso em 1910, foi ainda de homenagem ao Mestre: *Camillo Castello Branco—Notas e Documentos -Desaggravos.*

(1) J. A. Melicio (depois Visconde de Melicio), Mariano Pina, Ramalho Ortigão e Alexandre da Conceição, que nessa época dirigiam jornais, ou nêles faziam *critica literária*.

Meu presado amigo

O E. d'Oliveira ([1]) disse ao V. da Motta que desejava publicar o prefacio dos *Combates*, ainda antes de sahir o livro. Se lhe convier, dê ordem ao Teixeira ([2]) para lhe enviar ûma prova. Hoje disse eu ao J. Diniz que lh'a enviasse a V. Ex.ª.

Camillo Castello Branco

Meu caro Collega

Já recebi 24 folhas dos *Combates*. Leva o prologo adiantado para não retardar a publicação, que provavelm.te deitará a fim de março. A sua idea do jornal barato e endiabrado é ***bexigueira***; mas é provavel que a não elabore m.to tempo. A ter de a abandonar, seria melhor não começar. E sabe? talvez prospere em Lx.ª com tanto que

---

(1) Emídio de Oliveira, jornalista e escritor do Porto, onde faleceu há poucos anos. Fundou o *Jornal de Viagens*, *O Norte* e a *Folha Nova*, êste último redigido com grande brilho e esplêndida colaboração. Usou o pseudónimo de *Spada*.

(2) António José da Silva Teixeira, ilustrado tipógrafo, com oficinas na Cancela Velha (Pôrto), onde se imprimiram muitos dos livros de Camilo. Esta carta deve ter sido escrita á volta de 1882, ano em que saíu o *Combates e Criticas*, com prefácio do Mestre.

não metta na empreza o B. Lobo, que é agoirento ([1]).

No fim da proxima semana tenciono ir a Lisboa. E' natural que ainda lá não esteja V. Ex.ª.

Por aqui passarei o carnaval na cama ([2]). Por que penso que é o ultimo quero divertir-me á tripa forra.

Lembranças ao sr. Lacerda, e de todos desta s|c.

Do seu m.to am.o

Dom.o de Entrudo.

C. Castello Br.o

---

(1) Eduardo de Barros Lobo, vulgo *Beldemónio*, escritor e jornalista injustamente esquecido, que conseguiu imprimir à sua prosa um cunho inconfundível. Fundou e redigiu uns jornalinhos minúsculos, que êle próprio compunha e imprimia — *A Cega-Rega, O Árauto, A Má-Lingua*, etc., e entre outros, os volumes *Viagens no Chiado, A Musa Loira*, etc. Se Barros Lobo agoirou alguem, foi a si próprio, porque a felicidade raramente o visitou. Foi um escritor em quem o talento corria parelhas com a desgraça. Mas Camilo era por vezes cruel. Provam-no bem êste e outros passos.

(2) Cfr. com estoutra passagem duma carta da mesma época a S. Pinto (*Cartas*, pg. 103) : «O meu (carnaval) joguei-o com as pernas, a bisnagal-as com therebentina.»

Meu presado collega e Amigo

Como o *Primeiro de Janeiro* désse no começo d'este anno a noticia da sua partida para Lisboa, julguei que tivesse deixado o Porto, e n'esta supposição escrevi-lhe para o Pelicano.

A falta da sua resposta pode significar duas cousas — ou que está no Porto, ou que não está no Pelicano. Tirava-me d'estas duvidas o meu amigo, se se tivesse lembrado de nos dar noticias suas.

A carta enviada para Lisboa dizia-lhe que o Malbario ([1]) fez *nova planta ;* augmentou como era de esperar e menos do que era de esperar o preço da obra ([2]).

Tenho aqui a planta, que lhe enviarei quando V. Ex.ª me disser onde está.

O architecto já está reunindo os materiaes, e brevemente começa os alicerces da nova obra.

A casa teve de se delinear n'outro ponto do

([1]) E' a êste pedreiro, ou empreiteiro, que S. Pinto se refere a pág. 109 do volume *C. Castello Branco,* quando lhe põe na bôca estas palavras, pouco tempo antes da morte do escritor:

— «O tal senhor Camillo já não tem quem lhe fie um kilo de assucar.»

([2]) Silva Pinto mandara construir uma casa junto da de Camilo, onde tencionava ir passar o resto da vida.

Razões de ordem vária o impediram de efectivar o seu intento. Veio a concluí-la o Visconde de S. Miguel de Seide; nela vive agora a família do romancista.

terreno, visto que no chão designado passa uma mina, que prejudicaria a segurança dos cimentos.

Creio que nos encontraremos em Lisboa, para onde vou brevemente com a Sr.ª D. Anna e os dois filhos.

Isto por aqui, apesar da inverneira, figura-se-me mais toleravel que o Rocio e o Poço do Borratem.

Enviamos os nossos affectos ao sr. Lacerda e muito desejamos que, ao menos, nos diga que tem saude.

De V. Ex.ª

Amigo e obrigado

C. Castello Branco.

Meu caro amigo

As gazetas fantasiaram o Nuno [1] e a rapta-

---

(1) Nuno Castelo Branco, o segundo-génito de Camilo, futuro Visconde de S. Miguel de Seide, falecido em 23 de Janeiro de 1896. Fundou em 1895 e dirigiu *O Leme*, modesto jornalzinho famelicense onde saíram algumas cartas e outros inéditos do Mestre e de sua esposa.

Aproveito o lance para esclarecer o êrro em que tem caído muitos escritores, alguns até, íntimos da família de Camilo, afirmando ser Nuno C. B. o filho mais velho do escritor. Não há tal. O primogénito era Jorge, o pobre louco, nascido quase dois anos antes de Nuno. Foram, porém, baptizados no mesmo dia (6 de Janeiro de 1865).

da [1] em Castella, na Suissa e na republica d'Andorra.

Ora, elles, para se esquivarem a longas jornadas, metteram-se-me em Seide, e mandaram-me tratar dos seus arranjos.

Em consequencia do que, consegui que o conselho de familia lhes desse hontem consentimento para casarem.

A menina, por causa do impedimento canonico da cohabitação, tem de separar-se por uns 8 dias. Depositou-se em Villa Nova em casa do administrador do concelho, emquanto se lavram escripturas. Quanto a fortuna, a coisa está muito áquem das atoardas publicas: tem 7 contos de renda, ou 150 contos. E' uma rapariga estimavel, com uma intelligencia rudimentar.

Não sei nada de V. Ex.ª ha muitos annos. Vi que o seu causidico quebrou uma perna.

Faço votos para que a sua herança não sofra alguma deslocação, juntamente com a perna do Doutor.

A sua casa já offerece uma certa elegancia. Quando tenciona vêl-a?

Do seu muito grato

C. Castello Branco

---

(1) D. Maria Isabel da Costa Macedo. Vid. carta a D. Ana Plácido a págs. 57—58 do 1.º vol. destas *Cartas*.

Meu Amigo muito prezado

Se eu soubesse que V. Ex.ª rompia assim para o esquimó (1), declarava que dava homem por mim; passava para a galeria.

Elle volta, decerto.

No artigo que o meu amigo deve ler hoje, verá duas allusoens que o provocam a desdobrar uns periodos em que faz allusão a córnos. Desejo tratar esta questão de córnos, por ser ultra-realista.

Com relação á sua crise politica, receio que V. Ex.ª seja hostia expiatoria n'esse altar dos malandros. Meu amigo, convença-se de que não ha canalha peor que a portugueza, porque é estupida.

Acho heroico morrer entre um grupo de artistas francezes que cantam o Béranger correctamente; mas entre quatro bebados que fazem as suas convicçoens nas tavernas da Ribeira: Deus nos defenda! Emquanto esses dous miseraveis, que V. Ex.ª viu no caminho do hospital recebiam o tratamento, estava talvez o M... encalamistrando-se no Godfroid, para pavonear a cabeça apollinea em bordel de hespanholas.

Lembre-se que tem talento: suba a esta ideia; e lembre-se que tem fortuna; desça a esta porcaria!

A sua casa já promette ser uma linda vivenda.

---

(1) Alexandre da Conceição.

A's vezes passa-me pelo cerebro a ideia glacial de que V. Ex.ª já não troca pela paz da aldeia essa balburdia em que está comprommettido. Agradeço-lhe as novas provas de estima, que me prodigalisa no seu artigo. Recados de D. Anna e do Nuno. O rapaz vai ser semi-millionario, pelo casamento.

Do seu amigo

C. C. Branco

Meu Amigo

A casa já tem janellas; como ainda não tem portas, o frequental-a sem escada de mão seria arriscado.

Verá que o Conceição não lhe replica [1].

Resolvi responder duas cousas ao J. de Mattos. Já lá estão nas niveas mãos da Torrezão. Se já tiver sahido a minha resposta, diga-me V. Ex.ª se o Chiado me considera extremamente pôrco. E' o que faltava, não despindo eu nunca a luva de 1 botão, barata, de 400 réis.

Mascara-se? Eu tambem.

Do seu velho

C. C. Branco

---

(1) Refere-se a um artigo de Silva Pinto impresso no semanário de Guiomar Torrezão *Ribaltas e Gambiarras*.

Esta carta é de 1881.

Meu presado am.º

Respondi *moderadamente* ao A. da Conceição [1]. Vai para a *Bibl.* o art.º, mas enviar-lhe-hei

---

(1) Andava então Camilo empenhado numa estrondosa pugna literária com o poeta Alexandre da Conceição, ao tempo engenheiro hidrógrafo das obras do pôrto e barra da Figueira-da-Foz. Espirito culto, comtista em filosofia, flaubertista em arte, escrevendo e razoando com facilidade e justeza, Conceição deu que fazer ao grande polemista, que, mais tarde, lhe fez justiça aos méritos, chegando a publicar por morte do poeta êste soneto:

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

Bem me lembra que o vi, na juventude,
Rosado pela aurora d'essa idade.
Eram prismas d'amor e d'amisade
Os carmes do seu mystico alahude.

Sendo fatal que degenere e mude
A crença, o affecto e o bem da mocidade,
Sangram-lhe o peito espinhos de vaidade,
Nos arranques da briga azeda e rude.

Mais tarde o encontrei. Já era o homem
Ralado por desgostos que consomem,
E põem na face um gesto acre e severo.

Se o seu bondozo riso era apagado
Restava-lhe este honroso predicado;
Prégandö o Socialismo, era sincero.

(Do vol. *Nas trevas*, 1890.)

Camilo aparava e ripostava ás investidas de Alexandre da Conceição nas *Ribaltas e Gambiarras* e na *Bibliographia Portuguesa e Estrangeira* da casa Chardron.

uma prova. Se tiver em Lx.ª jornal que o queira transcrever...

Mas duvido. O meu amigo conserve-se silencioso a resp.to dos meus livros. Hoje, que a nossa amisade é notoria, podem feril o e incommodal-o. Deixe-me com *elles*.

Do seu m.to am.o e adm.or

C. Cast.o Br.co [1]

S. C. 15-1-81

◻

MEU PRESADO AMIGO

Não sabia que o ***Illustrado*** se tinha occupado do ***conflicto*** com o Conceição. Ha muito tempo que não recebo essa folha. Disse-me, porém, o Chardron que lá nunca se disse nada a respeito da *Corja*.

---

[1] O ilustrado camilianista dr. Júlio Dias da Costa, que teve a bondade de me comunicar esta carta, lembra que ela deve ter sido dirigida a S. Pinto, atendendo á frase *hoje que a nossa amisade é notoria* — o que parece indicar que tal amisade era recente. Veremos Camilo referir-se aínda a essa divulgada amisade noutra carta a Silva Pinto.

Atendendo á autoridade de quem a defende e aínda ás datas da reconciliação dos dois (1879) e da carta (1881) não me atrevo a discordar daquela opinião.

Não vi o livro do Serpa, (1), nem o comprarei. O assúmpto não me ingoda. Quando eu cá tornar, d'aqui a 200 annos, heide gostar de saber o que diz o seculo XXI de A. Herculano.

V. Ex.ª decerto se admirou da minha clementissima resposta ao A. da Conceição. Pois verá que sova me dá o homem! Quando vir o Fialho d'Almeida, faça-lhe recados meus.

Vejo que transferiu para a côrte a *Revista do Norte*.

Agouro-lhe prosperidades de melhores leitores: quanto a dinheiro, hade orçar pelo Porto.

Se eu poder, enviar-lhe-hei algum laudanum, de vez em quando. Enviei-lhe hontem o «Zé Povinho».

Affectos de D. Anna Placido, Jorge e Nuno.

De V. Ex.ª

Creado Attento, Amigo e Obrigado

Camillo Castello Branco

(1) *Alexandre Herculano e o seu tempo*. Lisboa, 1881. Silva Pinto emprestou a Camilo êste livro, como se deduz da sua restituïção, denunciada numa das cartas subseqüentes.

Meu amigo

E' clara a allusão ao Pina [1]: o patrão Navarro [2] lá lhe chama *Mario* (Marianno). Não era possivel que o G. Fonseca [3] tratasse assim o sr. Silva Pinto, sem mais nem menos.

Eu imaginava V. Ex.ª em Lisboa.

Creio que lhe escrevi para lá, em resposta á sua ultima. Recados de todos desta sua casa e um abraço do seu muito amigo

Camillo Castello Branco

Meu amigo

Nada de pancadaria, ouviu? *Palavras, palavras, palavras* — e mais nada.

Vou responder ao doudo, emquanto não souber que elle entrou em Rilhafolles [4]. Depois, largo-o aos causticos.

Chego a condoer-me do homem. Dou-lhe d'isto

(1) O jornalista Mariano Pina, que em Pariz dirigiu, durante muitos anos, a revista portuguêsa *A Illustração*.

(2) Emídio Navarro, um dos nossos mais notáveis ministros de obras públicas, espírito de rasgadas iniciativas, e o mais rijo pulso de polemista até hoje provado no jornalismo.

(3) Guimarães Fonseca?

(4) Refere-se a Alexandre da Conceição.

a minha palavra de honra. Fiz-lhe maior mal do que eu queria.

Affectos da D. Anna Placido.

Do seu amigo

Camillo C. Branco

MEU AMIGO

Devolvo o seu livro *Alex. Herc.* Parece-me inutil para os que intendem Herculano e a sua missão litteraria; e mais inutil para os que não intendem, nem querem saber d'isso.

Como obra d'arte, está escripto com musa pedestre, a terra a terra e com 40 annos de atrazo.

As *NN* ao Th. Braga são canhestras e gretam de modo que são alvo a muitas fréchadas.

A sua ementa a uma d'essas notas é justa.

O Serpa viu os versos de H. (1) escriptos em 1827, porque o O. Martins me pediu licença para os trasladar. O Th. B., se os apanhasse, decerto os mandaria lithographar.

Pelo *Pimpão*, que devo á sua curiosidade, vejo que os dissidentes do Reformador dos estudos (2) se vão multiplicando. O homem decerto não se

---

(1) Herculano.

(2) O Marquês de Pombal, de quem Camilo estava escrevendo o *Perfil*.

sustenta amparado nas molêtas Ramalho e Carrilho. Um artigo do R., transcripto nas Ribaltas, faz riso pelo entono. Elle, o Ramalho, desaprova que se êrga o monumento! Isto deve repercutir no seculo XXI e talvez ainda resôe no seculo XXII.

Como vae de saude? Eu tenciono ámanhan tomar um laxante: mandei vir citrato de magnesia e a *Historia do Romantismo* (1). A 2.ª droga é para o espirito que está gorduroso d'uma leitura da Anthropogenia de Hæckel.

Que tristes dias estes de Seide!

Recados de todos d'esta s/c.

Do seu amigo

Camillo Castello Branco

MEU PRESADO AMIGO

Se eu ahi não estiver no dia 13, para o acompanhar a esta sua casa, venha sem mim, que encontra o ninho preparado, se prefere isto a V.ª Nova.

Tenho grande precisão de ir ahi, mas cada dia me vai faltando a coragem, com a saude.

Sempre me avise para ser esperado na Portella, sim?

---

(1) De Teófilo Braga.

Affectos de nós todos ao sr. Lacerda. Digalhe que venha escrever n'esta mesa as ***sovas***. Não ha para inspiração de phrases protervas como o tedio da aldeia n'uma manhan carrancuda. E V. Ex.ª, querendo atirar ao *Lobo*, arranja a côr local n'estes matagaes. Já que eu não posso dizer mal de ninguem, venham sustentar a reputação de S. Miguel de Seide. Assim como este santo, meu orago, abocanhava os patifes do inferno, venham V. Ex.ªs frechar d'aqui os malandrins — da terra — e serão por egual canonisados e gratos a Saturno.

Até á vista.

Do seu muito affecto e grato

Camillo Castello Branco

Meu amigo

Como eu tenho a grande mania de visitar presos, leio todos os dias o movimento do Limoeiro, a ver se V. Ex.ª é movido ou removido lá para dentro. Assim que este clarão de immortalidade lhe lampejar na fronte, favas contadas: vou ao Limoeiro, accender o meu charuto á luz baça da sua lampada de azeite de purgueira e jogaremos a palhinha com as caules da sua enxerga,

se as lagrimas permittirem essa distracção innocente.

Eu estou cheio de compaixão pelo Gomes Leal [1].

Lembra-me que elle está saturado de *Pale ale* e de bifes de boi, por não poder comer uma nadega d'El-Rey.

Se elle tiver a felicidade de ser estrangulado (como se espera), será o proto-martyr da republica e da Poesia Satanaz-Gomes & C.ª V. Ex.ª está predestinado a enfileirar-se no Martyrologio; mas, como tem de morrer pela prosa, a sua agonia ha de ser um pouco sem sabor e lenta, como quem morre com emborcações de orchata.

Eu, assim que vir que falta sangue para fructear a arvore do futuro, darei ao tempo presente esta agua chilra que me gira nas veias, pedindo que me aproveitem para martyr e para estudos osteologicos.

Posto isto, vou fazer a mala, para ir conviver uns dias com os judeus do Bom Jesus, a quem darei recados do meu amigo.

Muitos affectos de todos d'esta casa.

Não se esqueça da estima que todos lhe dedicam e principalmente o seu grato amigo

Camillo Castello Branco

---

(1) Tinha, ao tempo desta carta (1881), publicado *A Traição*.

Meu Amigo

Não vi o que escreveu o Lobo d'Avila; mas imagino o que V. Ex.ª escreverá. Veja se adopta, na correcção a fedêlhos, o meu systema com o referido pequeno.

Não troveje. Cascalhe uma risada. Em vez da massa de Hercules, use a bexiga de Triboulet. E em vez de pontapés, penantadas.

Eu já tinha lido a sua suspeita reflexa no *Dez de Março.*

Seja como for, não se inquiete. O meu amigo já me disse que se doía com as injurias.

Emquanto a idade lhe não dá o arnez refractario, faça um estudo por tirar do tinteiro o menor fel e mais summo de herva sardonica que faz rir até rebentar o baço e intestinos subjacentes.

Vão aqui grandes amarguras, com o progresso da infermidade do Jorge.

A mãe parece-me que o precederá na sepultura. Cuidei-a mais forte do que eu, e afinal, em 15 dias, envelheceu 10 annos. Veio affligir-nos a suspeita de que L. L..., residente em Lisbôa, ia suicidar-se. Nada pede; mas eu mandei-lhe hontem 100$000 reis.

Nem sei se os regeitará. Como se não superabundassem os meus infortunios, veja V. Ex.ª quantos desgraçados vem attrahidos para este ponto negro, como se eu podesse dar felicidade

a alguem! Se o não assusta a tristeza d'esta sua casa, venha quando quizer.

De V. Ex.ª

Amigo e Obrigado

Camillo Castello Branco

MEU AMIGO [1]

Hontem recebi teleg., e hoje duas cartas. Além da que lhe enviei para o Porto, foi outra para

(1) Com a publicação desta carta saio excepcionalmente fora do plano que me impuz de não republicar correspondência inserta em volumes tratando *ex-professo* do assunto. Procedo agora em contrário, porque nas *Cartas de C. C. B. com um prefacio e notas de Silva Pinto* (Lx.ª 1895), foi truncado a esta carta tudo quanto decorre até ao periodo — *Vejo que o meu amigo...*

S. Pinto praticou assim freqüentemente, como já disse, com as cartas de Camilo. Está nas mesmas condições uma outra publicada mais adiante.

Logo na 1.ª carta do livro citado, S. P. traslada assim no final dela a prosa epistolar de Camilo «...dou-lhe a minha palavra d'honra que desmantelo *pelo ridiculo* a eschola» realista, de Eça de Queiroz).

Pois na mesma carta, reproduzida a pg. 74 doutro volume do mesmissimo S. P. (*Camillo Castello Branco* – Lx.ª s. d. (1910) lê-se «que desmantela *completamente* a eschola.» Vão lá saber hoje qual o verdadeiro texto camiliano!

Lisboa, e um teleg. para a rua das Amoreiras. D. Anna Placido, não tendo alguma nova da sua existencia, começou a imaginar que V. Ex.ª estava doente em terra desconhecida, pelo menos em Seide.

A' força de a ouvir martelar n'esta hypothese, tambem me quiz eu persuadir de qualquer cousa irregular, se não funesta. Tambem me lembrei que estivesse em Portalegre; mas parecia-me que o meu amigo não sympathisava com a terra.

Envio-lhe hoje a nova frontaria da sua casa. Malbario já está caboucando nas pedreiras, e vae abrir os alicerces.

Encontramo-nos, em principio de 9br.º em Lisboa. Vamos todos para o hotel Universal. Nada espero das esperanças que tem a Anna quanto ao Jorge.

O que mais me assusta é o fastio que o vae minando. Póde ser que nos primeiros dias elle se alimente melhor; mas a demencia é irremediavel.

Vejo que o meu amigo se está saturando de paios (!). Afinal sahiu-me um lusitano *pur sang*.

Espero ainda vêl-o em assembléa de ginjas, na boticá de qualquer Euzebio, jogando o gamão e expluindo o arrôto sadio das carnes ensacadas.

N'esse andar, a lyra de Narciso de Lacerda

tem de envolver-se nas escumilhas e nas pelles dos chouriços d'alem-Tejo. Que destinos!

Do seu do c.

4-1-82.

Camillo C. Branco

◻

MEU AMIGO

Vim hontem e cheguei assado a Seide.

Esta noute, cuidei que era chegada a minha hora derradeira e que o rabo do Cometa me abrasava!

Recommendo-lhe o 1.º n.º do jornal chamado *Cometa* e até lhe envio um *specimen* (1).

Creia-me seu

Camillo Castello Branco

◻

MEU AMIGO

Não sei se ainda está no Porto. Divertiu-se com o Centenario (2)? Eu estou alinhavando o

(1) Jornal satírico publicado em Lisboa em 1881.
(2) Do Marquês de Pombal.

Perfil do Marquez de Pombal — uma coisa com que o povo se divirta [1].

Lembro-me ao sr. Lacerda.

Bom am.º obg.do

S/c. 12-5-82.

C. Cast.º Bran.co

Meu caro amigo

O Nuno trouxe-me hoje o seu teleg. Já lhes escrevi para o Hotel Universal. Se lá não encontrar a carta, talvez esteja no correio. Dizia-lhe que estavamos, D. Anna, Jorge, e eu, no Hotel Central, do Porto.

Brevemente voltamos para Seide, visto que o Jorge não manifesta aqui mudanças esperançosas. Como passa as noites em claro, estas vigilias devem ser-lhe mais penosas em um quarto de hotel.

Quanto á ida a Lisboa, seria um sacrificio inutil. Elle não se distrahe. Acho-o na transição para a indifferença e alienação da vida externa.

O Nuno provavelmente tambem não irá, por

---

[1] «Estou estudando o Pombal, (escreve numa outra carta a Silva Pinto, de 20 de abril dêsse ano), na hypothese de se ajuntar á bexiga do centenario o banzé da troça.» (Ob. cit. pg. 39).

que tem na medula dos ossos o marialvismo d'Entre Landim e Seide. Veja se última os seus negocios, e volte, com o seu fato novo, á materialisação da aldeia. Venha confundir-me com a sua guarda-roupa, e escrever um livro, intitulando-o *Meditaçoens de um Peralta*.

N. de Lacerda achou a Inspiração vadia? Diga-lhe que não escreva nada, e que engarrafe *ideaes avançados*, para os atirar aos quatro ventos de Seide.

Affectos nossos a ambos.

Do seu muito amigo

Camillo Castello Branco

Meu presado Amigo

O Pachiderme de Berlim está orientado. Falta-lhe sómente saturar-se da Philosophia do Inconsciente, de Hartmann. Conseguido isto, pode trombejar processos á vontade.

A proposito dos livros da Ideia Nova, não compre d'isso, porque eu comprei 100$000 rs. d'essa fazenda. Se a minha livraria tem de ser sua (1), lá lhe vai tudo, porque eu tenciono reser-

(1) Camilo tinha concertado com Silva Pinto venderlhe a sua biblioteca. Esta combinação malogrou-se, pois

var para meu uso, sómente, como litteratura e como calendario, o Almanach das Senhoras [1] e a Luz da Razão [2], para me ir alumiando n'este breve trajecto á sepultura. Extranho o silencio do philosopho!

Estou bastante doente dos olhos e de tudo. Por aqui, tudo no mesmo.

Do seu muito amigo

C. Castello Branco

---

que, como disse, a leiloou em dezembro de 1883. Era a segunda vez que Camilo se desfazia dos livros; o 1.º leilão effectuou-se em 1870. De ambos êles há catálogos impressos, não tendo êste último alguma indicação de terem os livros pertencido ao romancista.

(1) Dirigido por Gulomar Torrezão, com quem Camilo mantinha relações literárias, tendo colaborado em vários tomos.

(2) De Rosalino Cândido de Sampaio e Brito, um inofensivo matoide que deixou fama em Coimbra por suas extravagâncias literárias.

ÍNDICE

CARTAS a

«ERROS DA ESCRITURA»

Pág. 8, linha 24, leia *Prœses*, em vez de *Prœsens*.

Pág. 16, linha 12, leia *ilucidal-os* em vez de *ilucida-los*.

Pág. 40, nota, leia *a-pezar-de* em vez de *a—pezar—de*.

Pág. 57, 1.ª linha do corandel, leia *Edmundo* em vez de *Eduardo*.

Pág. 76, 4.ª linha da nota, leia *literária* em vez de *literário*.

Pág. 77, última linha, leia *capaz de os acordar*, em vez de *capaz de acordar*.

Pág. 111, última linha do corandel, leia *País* em vez de *Pais*.

Pág. 113, as últimas 6 linhas devem sobrepôr-se á vinheta.

Pág. 117, linha 25 do corandel, leia *Camilo* em vez de *Samilo*.

Pág. 124, linha 6 da nota, leia *verberar* em vez de *verbear*.

Pág. 125, foi erradamente introduzida a nota (1) no texto da nota anterior, que ainda passa a pág. 126.

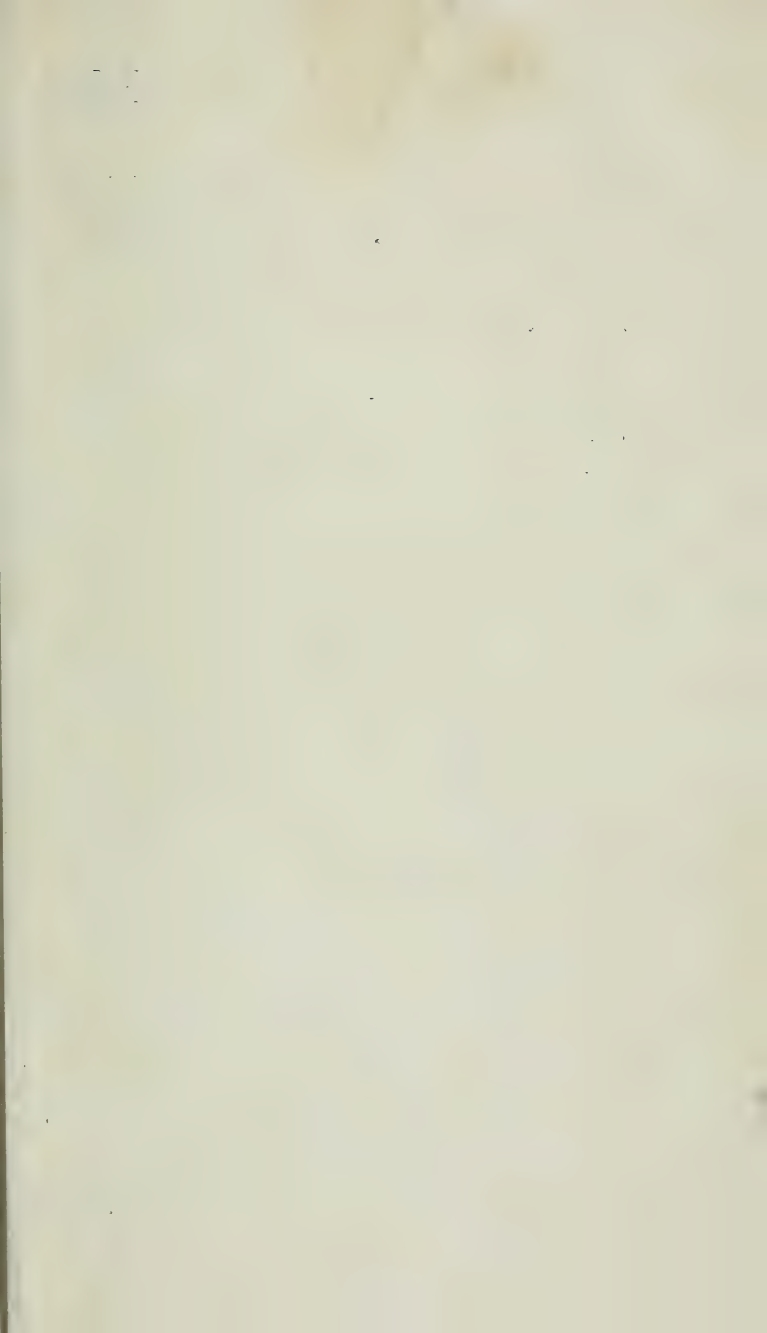
Pág. 159, linha 4 da nota. Adverte-se que a carta de Sena Freitas será publicada com outras num dos vols. subseqüentes.

Pág. 167, linha 17, leia-se *adjudicar as obras ao V. Pinto* em vez de *adjudicar as obras de V. Pinto* (nalguns exemplares) ou *adjudicar as obras V. ao Pinto* (noutros).

Pág. 173, 1.ª linha da nota, leia-se *Já impressas algumas fôlhas*, em vez de *Já impressa a 1.ª fôlha*.

Pág. 184, 1.ª linha da nota, leia-se *J. C. Melicio* em vez de *J. A. Melicio*.

Afora outros lapsos facilmente emendáveis.

Adverte-se quem lêr de que véem no livro em duplicado, e quase pelas mesmas palavras, duas anotações. Além da inadvertência, não se encontra nelas alguma contradição.

BIBLIOTECA O BIBLIÓFILO

Colecção de volumes de 100 a 200 páginas de texto, em bom papel, esmerada impressão, encerrando curiosidades literarias, históricas, artísticas, etc.

Reimpressão de textos antigos e raros e de manuscritos

Versão de trabalhos estrangeiros sobre Portugal, tais como relações históricas, narrativas de viagens; etc.

Tiragem de duzentos e cinqùenta exemplares numerados, por assinatura, sendo os dez primeiros em papel superior

---

É a primeira vez que em Portugal vem a lume uma série desta natureza. Edições especialmente dedicadas a amadores de fino gosto, impressas em tiragens restritas, elas virão mais tarde a rarear no mercado e a tornar-se o desespero dos bibliófilos, a falta impreenchivel das mais bem guarnecidas estantes

Não deve pois descuidar se quem desejar subscrever esta selectissima colecção, aliás arriscar-se há a encontra-la inteiramente distribuida.

Não se fazem assinaturas de volumes isolados

ALGUNS DOS VOLUMES A PUBLICAR:

Teatro de cordel português. — Em séries de 4 peças por volume, das mais célebres.— Auto da Barca do Purgatorio, de Gil Vicente, trad. em português coevo, com pref. de Af. Lopes Vieira. — Autos Pastoris do Natal e dos Reis —Cartas do Infante D. Francisco.— Arte de Galantaria, por D. Francisco de Portugal, etc.

RECEBEM-SE ASSINATURAS:

LIVRARIA PORTVGÁLIA — R. do Carmo, 75 — LÍSBOA